

FADAS GUSADAS E MODERNAS

IRONSIDE

O MUNDO DE FERRO



HOLLY BLACK

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ROCCO
JOVENS LEITORES



Fadas ousadas e modernas

IRONSIDE

O MUNDO DE FERRO

Tradução
Mariana Kohnert

HOLLY BLACK

ROCCO
JOVENS LEITORES

Título original IRONSIDE A Modern Faerie Tale

Este livro é uma obra de ficção. Referências a fatos históricos, pessoas reais ou locais foram usados de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidade ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2007 by Holly Black

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou parte sob qualquer forma. Primeira publicação por Margaret K. McElderry Books, um selo da Simon and Schuster Childrens Publishing.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Barry Goldblatt Literary LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria S.L.

Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 -8^o andar 20030-021 — Rio de Janeiro — RJ Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais

KARINA PINO

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Black, Holly

B562i Ironside: O Mundo de Ferro / Holly Black; Trilogia Fadas ousadas e modernas — tradução de Mariana Kohnert. Primeira

edição. — Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014. Tradução de: Ironside: a modern faerie tale

ISBN 978-85-7980-193-8

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Kohnert, Mariana. II. Título. III. Série.

14-15083

CDD-028.5

CDU — 087.5

O texto deste livro obedece às normas do

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Digitalização e Revisão: Yuna (Toca Digital)

A meus pais, Rick e Judy, por não enfiarem um atizador em brasa na minha garganta nem tentarem me devolver às fadas.

Prólogo

*Entre os musgos da clareira,
Foram plantados espinheiros
Aqui e ali por prazer.
Se um homem destemido
Os desenterrasse por despeito,
Encontraria os mais afiados espinhos
À noite em seu leito.*

— William Allingham, *The Fairies*

Apesar de tê-lo banido para aquele lugar, apesar dos ferimentos recentes na sua pele e do sangue sob suas unhas, Roiben ainda amava Lady Silarial. Apesar dos olhos vorazes da corte Indigna e das tarefas cruéis que a rainha Nicnevin designou para ele. Apesar dos diversos modos como foi humilhado e das coisas em que não se deixava pensar enquanto estava de pé, impassível, atrás do trono dela.

Se ele se concentrasse bastante, conseguiria se lembrar da chama do cabelo cobre de *sua* rainha, dos olhos verdes indecifráveis dela, do sorriso estranho que lhe lançara quando pronunciara o destino de Roiben, apenas três meses atrás. Escolhê-lo para deixar a corte iluminada e se tornar um servo na corte Indigna era uma honra, disse Roiben a si mesmo mais uma vez. Ele, por si só, a amava o bastante para permanecer leal. A rainha confiava nele mais do que nos demais súditos. Apenas o amor de Roiben era verdadeiro o suficiente para perdurar.

E ele ainda a amava, lembrou-se Roiben.

— Roiben — chamou a rainha Indigna. Ela estava jantando nas costas de um duende da madeira cujos cabelos verdes eram longos o bastante para servir de toalha de mesa. Agora, a rainha erguia o rosto para Roiben com um tipo perigoso de sorriso.

— Sim, minha senhora — respondeu ele automaticamente, em tom neutro. Roiben tentava esconder o quanto a odiava, não porque isso desagradaria a rainha. Na verdade, ele achava que a agradaria muito.

— A mesa treme demais. Tenho medo de que meu vinho derrame.

O monte oco estava quase vazio; os cortesãos que permaneciam para se divertir sob guirlandas de raízes felpudas o faziam silenciosamente enquanto a rainha jantava. Apenas os servos estavam próximos, todos sombrios como fantasmas. O camareiro da rainha pigarreou.

Roiben encarou Nicnevin, inexpressivo.

— Conserte isso — ordenou ela.

Roiben deu um passo à frente, sem saber o que a rainha queria que ele fizesse. O rosto enrugado do duende se ergueu para ele, pálido de terror. Roiben tentou sorrir de modo reconfortante, mas isso só pareceu fazer o homenzinho tremer mais. Ele imaginou se amarrar o duende o deixaria mais estável, então ficou enojado com o pensamento.

— Corte os pés dele para que fiquem nivelados com as mãos — gritou uma voz, e Roiben ergueu o rosto. Outro cavaleiro, com o cabelo tão escuro quanto o casaco, caminhou até o trono de Nicnevin. Um diadema opaco repousava sobre sua testa. O cavaleiro deu um largo sorriso. Roiben o tinha visto antes apenas uma vez. Era o cavaleiro que a corte Indigna havia enviado para a Digna como símbolo de paz. O gêmeo de Roiben na servidão, embora só pudesse imaginar que a escravidão daquele cavaleiro fosse mais fácil do que a própria. Ao vê-lo, o coração de Roiben deu um salto com uma esperança impossível. Será que a troca estava terminada? Seria possível que ele finalmente iria para casa?

— Nephanael — falou a rainha —, Silarial já se cansou de você?

O cavaleiro deu um riso de escárnio.

— Ela me envia como mensageiro, mas a mensagem é de pouca consequência. Creio que não goste de mim, mas você parece mais satisfeita com a troca.

— Eu não suportaria me separar de meu novo cavaleiro — disse Nicnevin, e Roiben fez uma reverência com a cabeça. — Você fará o que Nephanael sugere?

Roiben respirou fundo, lutando para manter uma calma que não sentia. Sempre que falava, temia se irritar e dizer o que realmente pensava.

— Duvido da eficácia do plano dele. Deixe-me tomar o lugar do duende. Não derramarei seu vinho, senhora.

O sorriso da rainha se abriu com satisfação. Ela se voltou para Nephanael.

— Ele pede tão bonitinho, não pede?

Nephanael assentiu, embora parecesse divertir-se menos do que a rainha. Os olhos amarelos do cavaleiro pareciam avaliar Roiben pela primeira vez.

— E não se preocupa com a dignidade. Você deve achar isso revigorante.

A rainha riu ao ouvir isso, uma risada que pareceu desprender-se da garganta, tão fria quanto gelo rachado sobre um lago profundo. Em algum lugar na ampla e mal iluminada caverna, uma harpa começou a tocar. Roiben estremeceu ao pensar o que dedilhava as cordas.

— Seja minha mesa então, Roiben. Certifique-se de não tremer. O duende sofrerá por qualquer falha sua.

Roiben tomou o lugar do pequeno feérico com facilidade, mal considerando ser uma humilhação apoiar-se sobre mãos e joelhos, inclinar a cabeça e deixar que os pratos prateados e as louças quentes fossem postos alegremente em suas costas. Ele não se esquivou. Permaneceu inerte, mesmo quando Nephanael se sentou no chão ao lado do trono, apoiando mais um cálice em sua coluna. O homem colocou a mão na bunda de Roiben, e o cavaleiro mordeu o lábio para evitar se encolher de surpresa. O fedor de ferro era insuportável. Ele se perguntou como Nicnevin aguentava.

— Fiquei entediado — falou Nephanael. — Embora a corte Digna seja adorável, é claro.

— E não há nada para diverti-lo nela? Acho difícil acreditar.

— Há algumas coisas. — Roiben quase conseguia sentir um sorriso naquelas palavras. A mão de Nephanael deslizou até sua lombar. Ele enrijeceu o corpo antes que conseguisse evitar e ouviu os cálices se chocarem com o movimento. — Mas meu prazer é encontrar fraquezas.

Nicnevin sequer repreendeu Roiben. Ele duvidava que fosse por generosidade.

— De alguma forma — comentou a rainha imagino se você está falando mesmo comigo.

— É com você que estou falando — disse Nephanael. — Mas não de você. Suas fraquezas não são para meu conhecimento.

— Uma resposta encantadora e espirituosa.

— Mas considere este seu cavaleiro aqui. Roiben. Conheço a vulnerabilidade dele.

— Conhece? Achei que era muito óbvia. Seu amor pela fada solitária o deixa de joelhos até mesmo agora.

Roiben se obrigou a não se mexer. Não o surpreendia que a rainha da Lama falasse dele como se fosse um animal, mas ele percebeu que tinha mais medo do que ele pudesse dizer. Havia algo de faminto no modo como Nephanael falava, uma fome que Roiben não tinha certeza de como poderia ser saciada.

— Ele ama Silarial. Ele se declarou a ela. E a missão que a rainha lhe deu foi esta: ser seu servo em troca de paz.

A rainha da corte Indigna não disse nada. Roiben sentiu um cálice ser erguido de suas costas e então ser recolocado.

— É deliciosamente cruel, na verdade. Aqui está, leal e corajoso por uma mulher que não cuidou dele. Jamais o amou. Já até o esqueceu.

— Isso não é verdade — disse Roiben, virando-se, deixando pratos de prata caírem ao seu redor. Ele ficou de pé, sem se importar com os cortesãos boquiabertos, com o vinho derramado, com o grito apavorado do duende. Roiben não se importava com nada naquele momento além de machucar Nephanael, que havia roubado seu lugar, seu lar e ousava se gabar disso.

— Pare! — gritou Nicnevin. — Ordeno que você, Roiben, pelo poder de seu nome, pare de se mover.

Contra a própria vontade, Roiben congelou como um manequim, respirando com dificuldade. Nephanael havia saído do caminho, mas o meio sorriso que Roiben esperava encontrar no rosto do cavaleiro não estava lá.

— Mate o duende — ordenou a rainha Indigna. — Você, meu cavaleiro, bebera o sangue dele como vinho e dessa vez não derramará uma gota.

Roiben tentou abrir a boca para dizer algo que a impedisse, mas a ordem proibia até mesmo esse movimento. Tinha sido burro. Nephanael o provocara na esperança daquele exato erro. Até mesmo a ausência de uma repressão da rainha mais cedo devia ter sido planejada. Agora, Roiben tinha feito papel de idiota e isso custara a vida de uma criatura inocente. O ódio de si lhe remoía o estômago.

Nunca mais, prometeu a si mesmo. Não importava o que dissessem ou o que o obrigassem a fazer, jamais reagiria. Roiben se tornaria tão indiferente

quanto uma pedra.

Os servos sombrios foram rápidos e eficientes. Em minutos, haviam preparado um cálice morno e o ergueram aos lábios imóveis de Roiben. O cadáver já estava sendo levado, de olhos abertos, encarando Roiben de além da morte, amaldiçoando-o por sua vaidade.

Roiben não conseguiu se impedir de abrir a boca e engolir o líquido morno e salgado. No momento seguinte, o cavaleiro arquejou e vomitou no palanque.

O sabor daquele sangue ficou com Roiben durante os longos anos de seu serviço. Mesmo quando uma fada alada o libertou acidentalmente, mesmo quando ganhou a coroa Indigna. Mas, então, Roiben não se lembrava mais de quem era o sangue, apenas que havia se acostumado com o sabor.

Capítulo 1

Prefiro o inverno e o outono, quando se sente a estrutura óssea na paisagem — a solidão dela a sensação morta do inverno.

Algo espera sob ela — a história toda não mostra.

— Andrew Wyeth

Garotas humanas choram quando estão tristes e riem quando estão felizes. Têm uma única forma fixa, em vez de se transformarem com os impulsos como fumaça soprada pelo vento. Têm os próprios pais e os amam. Não saem por aí roubando a mãe de outras garotas. Pelo menos era como Kaye imaginava que as garotas humanas eram. Ela não saberia de verdade. Afinal de contas, não era humana.

Enquanto passava os dedos pelo buraco na lateral esquerda de sua meia arrastão, Kaye cutucava a pele verde abaixo e se avaliava no espelho.

— Seu rato quer vir — falou Lutie-loo. Kaye se virou na direção do aquário tampado, onde a fada do tamanho de uma boneca pressionava os dedos pálidos pelo lado de fora do vidro. Do lado de dentro, o rato marrom de Kaye, Apocalipse, farejava o ar. Isaac estava enroscado como uma bola branca no canto mais afastado. — Ele gosta de coroações.

— Consegue mesmo entender o que ele diz? — perguntou Kaye, ao vestir uma saia verde-oliva por cima da cabeça e puxá-la até os quadris.

— É apenas um rato — disse Lutie, virando-se para Kaye. Uma das asas de mariposa dela espanava a lateral da gaiola com um pó branco. — Todo mundo fala a língua dos ratos.

— Bem, eu não falo. Pareço monocromática vestindo isso?

Lutie assentiu.

— Eu gosto.

Kaye ouviu a voz da avó chamando no andar de baixo.

— Cadê você? Fiz um sanduíche!

— Desço em um segundo! — gritou Kaye de volta.

Lutie beijou a parede de vidro da gaiola.

— Bem, o rato pode vir ou não?

— Acho que sim. Claro. Quero dizer, se você conseguir que ele não fuja.

Kaye amarrou uma bota preta de sola espessa e mancou pelo quarto em busca do outro pé. Apenas dois meses antes, o quarto de Kaye tinha uma cama infantil e uma prateleira cheia de bonecas antigas de olhos

arregalados. Agora, a velha cama estava em pedaços no sótão, e as bonecas vestiam acessórios punk rock. Acima do colchão, no chão, Kaye havia pintado um mural onde poderia haver uma cabeceira. Não estava terminado: uma árvore com raízes profundas e retorcidas e o tronco dourado. Apesar de seus esforços, a decoração ainda não fazia o quarto parecer seu.

Quando vira o mural, Roiben ressaltara que Kaye poderia encantar o quarto para que se parecesse como quisesse, mas um verniz mágico — não importava o quanto fosse lindo — ainda não pareceria real para ela. Ou talvez parecesse real demais, um lembrete muito forte de por que não pertencia ao quarto.

Depois de enfiar o pé na outra bota, Kaye vestiu a jaqueta. Mantendo o cabelo verde, deixou que a mágica percorresse sua pele, colorindo-a e inchando-a. Sentiu um leve formigar enquanto o encantamento restaurava sua forma humana familiar.

Kaye se olhou por mais um momento antes de colocar Apocalipse no bolso, coçar atrás da orelha de Isaac e sair pela porta. Lutie a seguiu, voando com as asas de mariposa, mantendo-se fora de vista enquanto Kaye corria escada abaixo.

— Era sua mãe no telefone mais cedo? — perguntou a avó de Kaye. — Ouvi tocar. — Ela estava de pé ao balcão da cozinha, virando gordura quente em uma lata de alumínio. Havia dois sanduíches de manteiga de amendoim com bacon sobre pratos lascados; Kaye conseguia ver a carne marrom enroscada além das bordas do pão branco.

Ela mordeu o sanduíche, feliz porque a manteiga de amendoim fazia seus lábios grudarem.

— Deixei uma mensagem a respeito das festas de fim de ano, mas ela se incomodou em ligar de volta? Ah, não, está ocupada demais para conversar comigo. Você terá de perguntar amanhã à noite, embora eu não entenda por que ela não pode vir até aqui para vê-la em vez de insistir que você vá visitá-la naquele minúsculo apartamento na cidade. Isso eu jamais entenderei. Deve realmente irritá-la o fato de você ter decidido ficar aqui em vez de segui-la por aí como uma pequena sombra.

Kaye mastigou, assentindo conforme a avó reclamava. No espelho ao lado da porta dos fundos, ela conseguia ver, sob o encantamento, uma garota com pele verde como uma folha, olhos pretos sem um pingote

branco e asas finas como um filme plástico. Um monstro ao lado de uma senhora gentil, comendo a comida destinada a outra criança. Uma criança roubada por fadas.

Parasitas de ninho. Era assim que se chamavam os cucos que depositavam os ovos nos ninhos de outros pássaros. Abelhas parasitas também, que deixavam seus embriões em colmeias alheias; Kaye lera sobre elas em uma das enciclopédias decrépitas do vão da escada. Parasitas de ninho não se incomodavam em criar os próprios filhos. Eles os deixavam para serem criados por outros: pássaros que tentavam não reparar quando as crias ficavam enormes e famintas; abelhas que ignoravam que sua progênie não coletava pólen; mães e avós que não conheciam a expressão “criança trocada”.

— Preciso ir — disse Kaye, de súbito.

— Pensou mais a respeito da faculdade?

— Vó, eu tirei o certificado GED — respondeu Kaye. — Você viu. Consegui. Terminei.

A avó suspirou e olhou na direção da geladeira, onde a carta ainda estava presa com um ímã.

— Existe faculdade comunitária. Imagine isso, começar a faculdade antes mesmo que o restante de sua turma se forme.

— Vou ver se Corny já chegou. — Kaye disparou na direção da porta. — Obrigada pelo sanduíche.

A velha sacudiu a cabeça.

— Está muito frio lá fora. Fique na varanda. Ele não deveria pedir que uma jovem esperasse do lado de fora, na neve. Eu juro, esse garoto não tem modos.

Kaye sentiu a lufada de ar quando Lutie passou voando atrás dela. A avó nem mesmo ergueu o rosto.

— Tudo bem, vó. Tchau, vó.

— Mantenha-se aquecida.

Kaye assentiu e usou a manga do casaco para girar a maçaneta da porta, assim evitaria tocar o ferro. Até mesmo o cheiro do metal queimava seu nariz quando se aproximava. Ao caminhar pela varanda, usou o mesmo truque na porta de tela e saiu para a neve. As árvores no jardim estavam encasuladas pelo gelo. A geada daquela manhã grudara no que quer que tivesse tocado, congelando-se em películas sólidas e reluzentes que cobriam

galhos e refletiam o céu cinzento e entediante. A menor das brisas fazia com que braços e pernas tremessem.

Corny não apareceria, mas a avó não precisava saber disso. Não era uma mentira. Afinal de contas, fadas não podiam mentir. Apenas dobravam tanto a verdade que ela se partia sozinha.

Acima do portal, um arranjo de espinhos amarrados com verde marcava a casa como vigiada pela corte Indigna. Um presente de Roiben. Toda vez que Kaye olhava para os galhos, esperava que estar protegida pela corte Indigna significasse estar também protegida *da* corte Indigna.

Ela se virou, passou por uma casa estilo rancho com paredes revestidas de alumínio que se descolava como adesivo. A mulher que morava ali criava patos italianos que comiam todas as sementes de grama que qualquer um no bairro plantasse. Kaye pensou nos patos e sorriu. Uma lixeira rolou pela rua, chocando-se contra engradados com garrafas de cerveja destinadas à reciclagem. Kaye cruzou o estacionamento de um boliche coberto por tábuas, onde um sofá estava próximo à sarjeta, as almofadas duras devido à geada.

Papais-noéis de plástico brilhavam nos jardins ao lado de cervos feitos de videira seca enroscada em pisca-piscas de fibra ótica. Uma loja de conveniência vinte e quatro horas berrava canções de Natal esganiçadas, que se espalhavam pelas ruas silenciosas. Um duende robótico com bochechas rosadas acenava infinitamente ao lado de diversas birutas de bonecos de neve tremulando como fantasmas. Kaye passou por uma manjedoura sem o menino Jesus. Imaginou se crianças o roubaram ou se a família simplesmente o havia tirado durante a noite.

A meio caminho do cemitério, Kaye parou em um orelhão do lado de fora de uma pizzeria, colocou algumas moedas e digitou o número do celular de Corny. Ele atendeu depois do primeiro toque.

— Oi — disse Kaye. — Decidiu a respeito da coroação? Vou encontrar Roiben antes de começar.

— Acho que não posso ir — respondeu Corny. — Mas fico feliz por ter ligado... preciso contar uma coisa. Estava passando de carro por um daqueles armazéns. Sabe, o tipo com outdoors que têm frases como “Apoie nossas tropas” ou “O que está faltando na igreja? Você”.

— Sei — falou Kaye, confusa.

— Bem, o que vi dizia “A vida é como lambar mel de um espinho”. Que merda é essa?

— Estranho.

— É claro que é estranho. O que isso deveria querer dizer?

— Nada. Não se torture com isso — aconselhou Kaye.

— Ah, é. Não se torturar. Esse sou eu. Sou tão bom em não me torturar. É minha habilidade. Se eu fizesse um daqueles testes vocacionais, conseguiria um dez em “não se torturar pelas coisas”. E para que tipo de emprego acha que isso me qualificaria?

— Gerente de armazém — respondeu Kaye. — Seria você quem colocaria aquelas frases.

— Ai! Bem no meio das pernas. — Kaye conseguia ouvir o sorriso na voz de Corny.

— Então, não vai mesmo esta noite? Parecia tão certo de que seria uma boa ideia enfrentar seus medos e tudo mais.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha. No momento em que Kaye iria falar, Corny disse:

— O problema em enfrentar meus medos é que eles são meus medos. Sem falar que um medo de demônios megalomaníacos e amorais é difícil de afastar com racionalização. — Corny deu uma risada falhada, rouca e esquisita. — Apenas uma vez, gostaria que finalmente abrissem mão dos segredos e me contassem como me proteger de verdade. Como ficar seguro.

Kaye pensou em Nephanael, o último rei da corte Indigna, sufocando com ferro, e em Corny esfaqueando-o diversas vezes.

— Não acho que seja tão simples — falou Kaye. — Quero dizer, é quase impossível se proteger das pessoas, ainda mais de fadas.

— É, acho que sim. Vejo você amanhã — respondeu Corny.

— Tudo bem. — Ela o ouviu desligar o telefone.

Kaye continuou caminhando, apertando mais o casaco ao redor do corpo. Ela entrou no cemitério e foi até a colina nevada, enlameada e marcada pelos trenós que a haviam cruzado. O olhar de Kaye foi até o local onde ela sabia que Janet estava enterrada, embora, de onde a garota estava, as pedras de granito polido parecessem iguais, com as guirlandas de plástico e os laços vermelhos molhados. Não precisou ver o túmulo para diminuir o

passo, pesado devido à lembrança, assim como as roupas encharcadas devem ter ajudado Janet a afundar enquanto ela se afogava.

Kaye imaginou o que acontecia quando o pequeno cuco percebia que não era como seus irmãos e irmãs. Talvez imaginasse de onde vinha ou o que era. Talvez apenas fingisse que nada estava errado, continuasse engolindo as minhocas. O que quer que aquele pássaro sentisse não era o suficiente para impedi-lo de empurrar os outros filhotes do ninho.

Cornelius Stone fechou o celular contra o peito e ficou parado por um momento, esperando que o arrependimento batesse. Ele queria ir à coroação, queria dançar com as criaturas terríveis e lindas da corte Indigna, queria se entupir de frutas das fadas e acordar na encosta de uma colina, açoitado e saciado. Corny mordeu o interior da bochecha até sentir gosto de sangue, mas a vontade apenas cresceu com a dor.

Ele se sentou no corredor da biblioteca, em um carpete tão novo que tinha um cheiro limpo e químico, que devia ser de formaldeído evaporando. Ao abrir o primeiro livro, deparou-se com entalhes de madeira e arte da virada do século. Viu imagens de pôneis com nadadeiras que não se pareciam em nada com o Cavalo das Águas que assassinara sua irmã. Corny virou a página até um círculo de fadas angelicais com bochechas vermelhas e orelhas pontudas dançando em uma roda. *Fadas aladas*, leu. Nenhuma delas se parecia sequer um pouco com Kaye.

Ele rasgou cada página da encadernação com cuidado. Eram besteiras.

O livro seguinte não foi melhor.

Quando começou a rasgar o terceiro, um idoso olhou para o fim do corredor.

— Não deveria estar fazendo isso — disse ele. Segurava um grosso livro de faroeste, com capa dura, em uma das mãos, e semicerrou os olhos para Corny como se, mesmo com os óculos, não pudesse ver o jovem muito bem.

— Eu trabalho aqui — mentiu o garoto.

O homem olhou para a jaqueta surrada de motociclista de Corny e para os cabelos, quase um *mullet*, despenteados.

— Seu trabalho é rasgar livros em perfeito estado?

Corny deu de ombros.

— Questão de segurança nacional.

O cara foi embora resmungando. Corny enfiou o restante dos livros na mochila e saiu da biblioteca. Desinformação era pior do que nenhuma informação. Alarmes soaram atrás dele, mas Corny não se preocupou. Fora a outras bibliotecas. Os alarmes não faziam nada além de um ruído bonito, como um sino de igreja do futuro.

Corny tomou a direção do monte da coroação. Não, não festejaria com Kaye e o namorado príncipe das trevas, mas isso não significava que tinha de ficar em casa. Nenhum daqueles livros podia ajudar com o que tinha planejado, mas ele já esperava isso. Se quisesse respostas, precisaria ir direto à fonte.

Os servos não gostavam de deixar Kaye entrar no Palácio das Térmites. Ela percebia pelo modo como a olhavam, como se fosse apenas um arranhão em seus sapatos, a sujeira sob suas unhas, o fedor de café e cigarros que impregnava suas roupas. Eles falavam com relutância, sem jamais encará-la nos olhos, e a levaram pelas passagens como se tivessem os pés feitos de chumbo.

Aquele era o lugar ao qual deveria pertencer, mas, em vez disso, a corte sombria e fabulosa, os corredores frios e os perversos habitantes a deixavam desconfortável. Era tudo muito bonito, mas Kaye se sentia tímida e esquisita em meio a um cenário daqueles. E se não pertencia àquele lugar, e não pertencia a Ellen, então não conseguia pensar em nenhum outro lugar ao qual pertencesse.

Fazia quase dois meses desde que Roiben assumira o título de rei Indigno, mas uma coroação formal só poderia ocorrer no dia mais escuro do inverno. Depois daquela noite, ele seria o verdadeiro senhor da corte da Noite, e com o título viria o retorno da infundável guerra contra as fadas Dignas. Duas noites antes, Roiben escalou uma árvore e acordou Kaye, batendo na janela do seu quarto, e a chamou para sentar lá fora no gramado congelado.

— Permaneça no Mundo de Ferro por um tempo depois que eu for coroado — disse ele. — Ou será arrastada para mais perigos.

Quando Kaye tentou perguntar por quanto tempo ou quanto ele achava que iria piorar, Roiben a silenciou com um beijo. Ele parecia inquieto, mas

não dizia por quê. Qualquer que fosse o motivo, sua inquietude era contagiosa.

Kaye seguiu a passos lentos um criado corcunda até as portas dos aposentos de Roiben.

— Ele estará com você em breve — disse o criado ao abrir a porta pesada e entrar. Ele acendeu diversas velas grossas pelo chão antes de se retirar em silêncio. Uma cauda felpuda se arrastou atrás do servo.

Os aposentos de Roiben tinham pouca mobília, as paredes eram uma extensão de pedras lisas interrompida por pilhas de livros e uma cama coberta com uma colcha de brocado. Havia algumas outras coisas, mais para o interior: uma tigela de jade com água para se lavar, um armário, um suporte com a armadura dele. O aposento era formal, austero e pouco acolhedor.

Kaye deixou o casaco na ponta da cama e se sentou ao lado dele. Tentou imaginar como seria morar ali, com Roiben, mas não conseguiu. A ideia de pendurar um pôster na parede era absurda.

Ao estender o braço, ela pegou uma pulseira de um dos bolsos do casaco, apoiando-a nas mãos unidas em concha. Uma trança fina dos cabelos verdes de Kaye enrolada em um fio prateado. Queria surpreender Roiben antes do início da cerimônia, esperava que, mesmo que não pudesse vê-lo por um tempo, Roiben mantivesse a pulseira consigo, como os cavaleiros dos livros de histórias usavam os presentes das damas quando partiam para a batalha. Lutie e Apocalipse já haviam seguido para o salão, para que Kaye tivesse um momento sozinha com ele a fim de entregar o presente.

Diante da grandiosidade do quarto, no entanto, o presente parecia feio e artesanal. Não era digno de um rei.

Um ruído de cascos no corredor fez Kaye ficar de pé, e ela enfiou a pulseira de volta no bolso do casaco, mas era apenas mais um criado, que segurava um copo contendo vinho temperado espesso e vermelho como sangue.

Kaye pegou o copo e o bebericou por educação, em seguida apoiou no chão enquanto o criado partia. Ela folheou alguns livros à luz trêmula das velas — estratégia militar, *As baladas de Peasepod*, uma brochura de Emma Bull que Kaye havia emprestado a ele — e esperou mais um pouco.

Depois de tomar mais um gole de vinho, Kaye se deitou na ponta da cama e se envolveu com o tecido brocado.

Ela acordou de súbito, a mão de alguém em seu braço e o rosto impassível de Roiben acima do seu. Cabelos prateados roçavam sua bochecha.

Envergonhada, Kaye se levantou, limpando a boca com o dorso da mão. Tivera um sonho inquieto, metade da colcha estava no chão, absorvendo vinho derramado e cera de vela derretida. Ela nem mesmo se lembrava de ter fechado os olhos.

Um criado usando um manto escarlate com presilhas pretas de opala estava no centro do quarto. O camareiro de Roiben, Ruddles, estava próximo à porta, com a boca abarrotada de dentes de um modo que o fazia parecer estar sempre com um sorriso desagradável.

Roiben franziu a testa.

— Ninguém me disse que você estava aqui.

Kaye não tinha certeza se isso significava que desejava que alguém tivesse avisado ou que Roiben teria preferido que ela nem mesmo estivesse ali. Kaye passou o casaco por cima do braço e se levantou, estava com as bochechas quentes de vergonha.

— Eu deveria ir.

Roiben permaneceu sentado na bagunça da cama. A bainha presa à sua cintura tocava o chão.

— Não. — Ele gesticulou para os criados e para Ruddles. — Deixem-nos.

Com pequenas reverências, eles partiram.

Kaye permaneceu de pé.

— Está tarde. Sua coisa já vai começar.

— Kaye, você não faz ideia de que horas são. — Roiben ficou de pé e tocou o braço dela. — Você estava dormindo.

Kaye deu um passo para trás e juntou as mãos, pressionando as unhas nas palmas para se manter calma.

Ele suspirou.

— Fique. Peço perdão pelo que quer que eu tenha feito.

— Pare. — Ela sacudiu a cabeça, falando mais rápido do que pensava.

— Eles não querem que você fique comigo, querem?

A boca de Roiben se curvou em um sorriso amargo.

— Nada me é proibido.

— Ninguém me quer aqui. Não me querem perto de você. Por quê?

Roiben pareceu sobressaltado e passou a mão pelo cabelo prateado.

— Porque eu sou da nobreza, e você... não — terminou ele, desconfortável.

— Sou da classe inferior — falou Kaye, virando-se de costas para ele. — Nenhuma novidade.

As botas de Roiben bateram contra a pedra conforme ele caminhou para perto de Kaye e a puxou contra o peito. A cabeça de Roiben repousou na curva do pescoço dela, e Kaye sentiu o hálito dele enquanto Roiben falava, os lábios se movendo contra a pele dela.

— Tenho ideias próprias a respeito do assunto. Não me importo com as dos outros.

Por um momento, Kaye relaxou ao toque de Roiben. Ele estava quente, a voz, gentil. Seria fácil se enroscar de novo sob a colcha e ficar. Apenas ficar.

Mas Kaye se virou nos braços dele em vez disso.

— Qual é o problema se você descer de classe?

Roiben deu um riso de escárnio e deteve uma das mãos no quadril de Kaye. Ele não estava mais olhando para ela; o olhar estava concentrado no chão frio de pedra, do mesmo cinza que os olhos dele.

— É uma fraqueza. Minha afeição por você.

Kaye abriu a boca para fazer outra pergunta, mas tornou a fechá-la, ao perceber que ele havia respondido mais do que ela havia perguntado. Talvez fosse esse o motivo pelo qual os servos não gostavam dela, talvez fosse o motivo pelo qual os cortesãos debochavam dela, mas era também aquilo em que Roiben acreditava. Kaye podia ver isso no rosto dele.

— Eu deveria ir — disse ela, afastando-se. Kaye ficou aliviada ao descobrir que sua voz não falhou. — Vejo você lá fora. Boa sorte.

Roiben a liberou do aconchego de seus braços.

— Você não pode ficar no palanque durante a cerimônia nem caminhar com a procissão. Não quero que seja percebida como parte de minha corte. Acima de tudo, não deve jurar lealdade. Prometa-me, Kaye.

— Então, eu devo agir como se não conhecesse você? — A porta estava a apenas alguns passos, mas Kaye tinha consciência de cada um deles. — Como se você não tivesse nenhuma *fraqueza*?

— Não, é claro que não — respondeu Roiben imediatamente. — Você é a única coisa que tenho que não é dever ou obrigação, a única coisa que escolhi para mim mesmo. — Ele parou. — A única coisa que quero.

Kaye deixou que um pequeno sorriso provocador surgisse em seu rosto.

— Mesmo?

Roiben riu, balançando a cabeça.

— Acha que estou sendo absurdo, não acha?

— Acho que está tentando ser agradável — respondeu Kaye. — O que é muito absurdo.

Roiben caminhou até ela e beijou-lhe a boca sorridente. Ela se esqueceu dos criados irritados, da coroação e da pulseira que não lhe dera. Esqueceu-se de tudo, menos do roçar dos lábios dele.

Capítulo 2

*Haverá pratos aos montes,
E canecas para derreter o frio
De todas as pessoas de olhos cinzentos
Que ao acaso subam a colina.*

— Edna St. Vincent Millay, *Tavern*

Roiben não esperara que um enviado da corte Digna o procurasse antes de colocar a coroa na cabeça. Silarial não fizera um movimento contra ele naqueles dois longos meses entre o Samhain e a véspera do Solstício de Inverno, e Roiben começara a imaginar o que a rainha pretendia. Os meses escuros e frios eram considerados uma época de azar para que a corte Digna atacasse, então, talvez, ela só estivesse esperando o gelo derreter na primavera, quando teria toda a vantagem. Mesmo assim, Roiben, às vezes, acreditava que Silarial havia considerado renovar a trégua entre as cortes iluminada e escura. Ainda que a rainha estivesse em maior número, a guerra tinha custos.

— O enviado da corte Digna está aqui, meu senhor — repetiu Dulcamara, cujas solas prateadas das botas soavam a cada passo. Roiben ouviu a palavra “senhor” ecoar pelas paredes diversas vezes, como uma zombaria.

— Mande-o entrar — comandou Roiben, levando a mão à boca. Imaginou se Kaye já estava no corredor, se estava sozinha.

— Se me permite informar, o mensageiro é uma mulher.

Roiben ergueu o rosto com esperança repentina.

— Mande-a entrar, então.

— Sim, meu senhor. — O mensageiro saiu do caminho, deixando que a fada se aproximasse. Estava vestida com um tecido branco glacial, sem qualquer armadura. Quando ergueu o rosto para ele, os olhos prateados reluziram como espelhos, refletindo o rosto do próprio Roiben.

— Bem-vinda, irmãzinha. — As palavras pareceram roubar o fôlego de Roiben conforme ele as pronunciou.

Os cabelos da fada estavam cortados rentes, como um halo branco ao redor do rosto. Ela fez uma reverência e não ergueu a cabeça.

— Lorde Roiben, minha senhora manda seus cumprimentos. Está triste por ter de lutar contra um dos próprios cavaleiros e pede que reconsidere

essa posição inconsequente. Mesmo agora poderia renunciar a tudo isso, se render e voltar à corte iluminada.

— Ethine, o que aconteceu com seu cabelo?

— Por meu irmão — respondeu ela, mas ainda sem olhar para Roiben.

— Cortei quando ele morreu.

Roiben apenas a encarou.

— Tem alguma mensagem? — indagou Ethine.

— Diga que não reconsiderarei. — A voz de Roiben era ríspida. — Não vou renunciar ou me render. Pode dizer que, depois de experimentar a liberdade, servir a ela não mais me atrai.

O maxilar de Ethine se contraiu como se ela estivesse segurando as palavras.

— Fui instruída a permanecer para sua coroação. Com sua permissão, é claro.

— Sempre me alegra sua companhia — disse Roiben.

Ethine saiu do salão sem esperar ser dispensada. Quando o camareiro entrou no quarto estampando um sorriso largo e cheio de dentes, Roiben tentou não ver aquilo como um agouro de que era mais bem-sucedido em agradar aqueles que odiava do que aqueles que amava.

Cornelius se recostou contra a casca dura de um olmo dentro do cemitério. Ele tentou se concentrar em algo que não fosse o frio, algo como o atizador de ferro que segurava na mão sem luva ou a linha de pesca na outra. Tinha vestido as roupas ao avesso para o caso de alguma das porcarias dos livros funcionar e se esfregara com pinhas para disfarçar seu cheiro. Ele esperava, naquela noite cinza e sem estrelas, que bastasse.

Não importava o quanto dissesse a si mesmo que estava pronto, ao ouvir fadas farfalhando na neve, encheu-se de pânico. Não achava de verdade que o atizador fosse uma defesa boa contra as legiões da corte Indigna. Tudo o que podia fazer naquele momento era prender a respiração e tentar não tremer.

Estavam se reunindo para a primeira coroação em mais de um século. Todos estariam lá. Corny desejou que Kaye estivesse agachada atrás de um monte de neve com ele, em vez de sob o monte no baile das fadas. Ela sempre fazia com que planos malucos parecessem funcionar, tornava possível desvendar o indesvendável. Mas para conseguir que Kaye o acompanhasse, teria de dizer a ela o que iria fazer, e de forma alguma a

conversa teria sido boa. Às vezes, Corny se esquecia de que a amiga não era humana, e então Kaye o olhava com um brilho estranho nos olhos ou sorria com um sorriso largo e faminto demais. Ainda que fosse sua melhor amiga, ainda era um deles. Ele estava melhor trabalhando sozinho.

Corny repetiu esse pensamento para si mesmo em silêncio quando a primeira das procissões de fadas passou. Era um grupo de trolls, braços e pernas verdes como líquen e longos e retorcidos como galhos. Eles chutavam neve para cima conforme passavam, grunhindo baixinho uns para os outros, com os narizes aquilinos farejando o ar como os de cães. Naquela noite, não se incomodaram em se disfarçar.

Um trio de mulheres os seguia, todas de branco, os cabelos esvoaçantes mesmo sem vento. Elas davam sorrisos disfarçados umas para as outras. Conforme passavam, alheias à presença de Corny, ele viu que as costas curvas das mulheres eram ocas e vazias como cascas de ovos. Apesar dos vestidos finos que usavam, não pareciam se incomodar com o frio.

Em seguida, cavalos abriram caminho colina acima, os cavaleiros solenes e calmos. Corny viu de relance o emaranhado de amoras vermelhas que circundava os cabelos pretos. Não conseguia se impedir de encarar as estampas ricas e estranhas das roupas, os cachos brilhantes e os rostos, tão belos que apenas olhar fazia com que ardesse de desejo.

Corny mordeu o lábio com força e se obrigou a fechar os olhos. Estava com as mãos trêmulas na lateral do corpo e tinha medo de que a linha de pesca de plástico transparente se esticasse na neve. Quantas vezes seria pego desprevenido daquela forma? Quantas vezes seria feito de tolo?

Enquanto mantinha os olhos fechados, Corny ouvia. Ouvia o partir de galhos, o farfalhar da neve, trechos de conversas sussurradas, as gargalhadas musicais como uma flauta. Ouviu e esperou que passassem, então finalmente abriu os olhos. Agora, precisava apenas esperar. Apostava que, não importava que tipo de festa fosse, haveria sempre os atrasados.

Levou apenas mais alguns minutos para que uma tropa de duendes baixinhos, vestindo cinza, subisse a colina. Ciciando impacientemente uns para os outros, eles abriram caminho pela neve. Corny suspirou. Eram muito numerosos para que pudesse fazer o que havia planejado e grandes demais, então ele esperou até que passassem.

Uma criaturinha das fadas saltitava atrás deles, pulando nas longas pegadas dos trolls. Vestida de escarlate com um chapéu de pinha partida ao

meio, os olhos pretos reluziam como os de um animal sob a luz. Corny segurou o cabo do atizador com mais força e respirou fundo. Ele aguardou que a criatura desse mais dois saltos e, em um movimento ágil, atirou o atizador contra a garganta dela.

A criatura gritou ao cair de costas na neve, agitando as mãos para cobrir o lugar em que o ferro a havia tocado.

— Criptonita — sussurrou Corny. — Acho que isso faz de mim Lex Luthor.

— Por favor, por favor — implorou a criaturinha. — O que quer? Um desejo? Certamente uma coisinha como eu teria desejos pequenos demais para um ser tão poderoso.

Corny deu um puxão forte na fina linha de pesca. Uma armadilha de alumínio para caranguejos se fechou em volta da criatura.

A criaturinha das fadas gritou de novo. Ela se debateu contra as grades, respirando com dificuldade, agarrando-se a todas as pequenas aberturas, apenas para cair de costas com um urro. Corny finalmente se permitiu sorrir.

Trabalhando com rapidez, ele torceu quatro fios finos de aço, selando a armadilha. Então, ergueu a gaiola e correu colina abaixo, escorregando na neve que chegava à altura dos tornozelos, com o cuidado de seguir um caminho diferente daquele pelo qual as fadas haviam subido. Corny desceu aos tropeços até onde havia estacionado o carro. O porta-malas ainda estava aberto, o pneu estepe coberto com uma fina camada de pó branco.

Ao deixar a gaiola ali dentro, Corny fechou o porta-malas e saltou para dentro do carro, ligando o motor. O aquecedor soprou com força total, e ele ficou sentado ali por um momento, deixando-se aproveitar o calor, sentir o modo como o coração batia com força o bastante para se chocar contra o peito, permitindo-se vangloriar com o fato de que, finalmente, seria aquele que ditaria as regras.

* * *

Kaye virou o cálice, bebendo até a última gota. O primeiro gole de vinho de cogumelo tinha sido ruim, mas depois virou-se levando a língua aos dentes, em busca de mais do sabor amargo de terra. Suas bochechas pareciam

quentes quando pressionadas contra as palmas das mãos, e Kaye sentia mais do que uma tontura leve.

— Não... isso não é bom comer — falou Lutie-loo. A pequena fada estava agachada no ombro de Kaye, uma das mãos agarrada a um brinco de argola prateado e a outra segurando um cacho de cabelo.

— Melhor do que bom — replicou Kaye, que passou os dedos no fundo do cálice para pegar as últimas gotas de vinho e então os lambeu. Ela deu um passo hesitante, tentou girar e se segurou momentos antes de cair sobre uma das mesas. — Onde está meu rato?

— Escondido, como deveria estar. Olhe — disse Lutie, mas Kaye não conseguia ver o que a fadinha indicava. Poderia ter sido qualquer coisa. Trolls encolhidos entre as mesas ao lado de cavalos das águas sem as peles, enquanto espíritos gêmeos, com as costas ocas, dançavam e giravam. Havia pelo menos um cavalo das águas — o fedor de enxofre estava pesado no ar —, mas também fadas da água, duendes, duendes domésticos, duendes travessos, duendes metamorfos, um ser encantado com a forma de asno no canto, fogos fátuos disparando entre estalagmites, duendes larápios sorridentes e outros.

E não apenas os habitantes locais. Pessoas tinham viajado de cortes distantes para testemunhar a coroação. Havia representantes de mais cortes do que Kaye sabia que existiam, alguns da Digna, outros da Indigna e outros que alegavam que essas distinções eram insignificantes. Todos estavam ali para assistir à corte escura jurar lealdade a seu novo mestre. Sorriam para Kaye, sorrisos cheios de intenções que ela não conseguia decifrar.

As mesas estavam cobertas com tecidos azul-escuros e montadas com louça de gelo. Galhos e aquifoliáceas foram colocados ao lado de esculturas compostas de blocos congelados de água esverdeada. Um monstro de língua negra lambia um pedaço que continha um minúsculo peixe imóvel. Bolos de bolotas amargas cobertos com creme açucarado de amora estavam empilhados próximos a pés de pombos assados no palito. Ponche escuro e espesso flutuava em uma enorme vasilha de cobre, o metal estava suado e embaçado com o frio. De vez em quando, alguém mergulhava uma longa caneca de estaca de gelo na vasilha e bebia seu conteúdo.

Kaye ergueu o rosto quando o salão se calou.

Roiben havia entrado com os cortesãos. Thistledown, o mensageiro da corte Indigna, corria à frente da procissão com os longos cabelos dourados esvoaçantes na cabeça enrugada. Então surgiu a gaitista, Bluet, tocando uma música. Em seguida, Roiben marchou com seus dois cavaleiros, Ellebere e Dulcamara, que o seguiam a exatamente três passos de distância. Duendes erguiam as pontas do manto de Roiben. Atrás deles havia outros: o camareiro, Ruddles, um portador de taças, que erguia um cálice espiralado feito de chifres, e diversos pajens segurando os arreios de três cães pretos.

Roiben subiu em um palanque coberto de musgo próximo a um enorme trono de galhos de bétula retorcidos e se voltou para a multidão, ajoelhando-se. Ele inclinou a cabeça para a frente e os cabelos, prateados como uma faca, caíram como uma cortina sobre seu rosto.

— Você fará o juramento? — perguntou Thistledown.

— Farei — respondeu Roiben.

— A noite eterna — entoou Thistledown — de escuridão, de gelo e de morte é nossa. Que nosso novo senhor também seja feito de gelo. Que nosso novo senhor nasça da morte. Que nosso novo senhor se comprometa com a noite. — Ele ergueu uma coroa entremeada de galhos de freixo com pequenas protuberâncias de galhos quebrados formando as pontas e a colocou sobre a cabeça de Roiben.

Ele se levantou.

— Pelo sangue de nossa rainha, o qual derramei — disse. — Por este diadema de freixo colocado sobre minha frente, eu me enlaço à corte escura nesta véspera de Solstício, a noite mais longa do ano.

Ellebere e Dulcamara se ajoelharam em cada lado de Roiben. A corte se ajoelhou com eles. Kaye se agachou meio desengonçada.

— Apresento a vocês — gritou o mensageiro — nosso indubitável senhor, Roiben, rei da corte Indigna. Vocês serão humildes e o chamarão de soberano?

Ruidosos gritos e urros de alegria. Os pelos nos braços de Kaye se eriçaram.

— Vocês são meu povo — disse Roiben com as mãos estendidas. — E porque estou enlaçado, vocês também estão presos a este laço. Sou nada senão seu rei.

Um duende larápio perseguiu uma minúscula fada alada para debaixo da mesa, fazendo-a tremer. A tigela de gelo transbordou, e a torre de cubos de

gelo caiu, se amontoando desordenadamente.

— Kaye — gritou Lutie. — Você não está olhando.

Kaye se voltou para o palanque. Um escriba estava sentado, de pernas cruzadas, ao lado de Roiben, registrando cada requerente. Ao se inclinar para a frente no trono, o rei se dirigiu a uma mulher de cabelos desgrenhados vestida em escarlata. Conforme ela se moveu para se ajoelhar, Kaye viu de relance uma cauda de gato se agitando por uma fenda no vestido.

— O que não estou olhando? — perguntou Kaye.

— Já viu uma declaração, fadinha? — perguntou com escárnio uma mulher com um colar de besouros prateados. — Você é a garota do Mundo de Ferro, não é?

Kaye assentiu.

— Acho que sou. — Ela imaginou se fedia àquilo, se ferro emanava de seus poros devido à longa exposição.

Uma garota esguia com um vestido de pétalas surgiu atrás da mulher e apoiou os dedos magros no braço de Kaye, fazendo uma careta.

— Ele não é seu, sabe.

A cabeça de Kaye parecia estar cheia de algodão.

— O quê?

— Uma declaração — falou a mulher. — Você não se declarou.

Par. Kaye, parecia que os besouros caminhavam em círculo ao redor da garganta da mulher. Ela balançou a cabeça.

— Ela não sabe. — A garota riu com deboche, pegou uma maçã na mesa e a mordeu.

— Para ser consorte dele — falou a mulher, devagar, como se para uma idiota. Um besouro verde iridescente caiu de dentro de sua boca. — É preciso fazer uma declaração de amor e pedir uma missão para provar seu valor.

Kaye estremeceu, observando o besouro reluzente subir pelo vestido da mulher e ocupar seu lugar no pescoço dela.

— Uma missão?

— Mas se o declarante não o agradar, o monarca lhe passará uma expedição impossível.

— Ou mortal — acrescentou a garota sorridente das pétalas.

— Não que achemos que ele mandaria você em uma missão dessas.

— Não que achemos que ele queira esconder alguma coisa de você.

— Deixem-me em paz — disse Kaye, de um jeito enrolado, com o coração acelerado. Ao se impulsionar para a frente em meio à multidão, ela soube que tinha ficado muito mais bêbada do que pretendia. Lutie deu um gritinho quando Kaye abriu caminho aos empurrões entre damas aladas e homens que tocavam violino, quase tropeçando em uma longa cauda que varria o chão.

— Kaye! — choramingou Lutie. — Aonde vai?

Uma mulher mordida larvas cinza-peroladas de um palito, esfregando, satisfeita, os lábios conforme Kaye passava. Uma fada de cabelos brancos tão curtinhas que pareciam o tufo de um dente-de-leão era estranhamente familiar, mas Kaye não conseguiu identificá-la. Próximo, um homem de pele azul abria nozes com os enormes punhos enquanto fadas pequeninas disparavam para catar o que ele espalhava. As cores pareciam se misturar em um borrão.

Ela sentiu o impacto do chão de terra antes de sequer perceber que havia caído. Por um momento, ficou ali, no chão, olhando entre as bainhas dos vestidos, dos pés bifurcados e dos sapatos pontudos. As formas dançavam e se fundiam.

Lutie parou tão perto do rosto de Kaye que ela mal conseguia se concentrar na forma minúscula.

— Fique acordada — disse Lutie. As asas dela vibravam com ansiedade. A fadinha puxou um dos dedos de Kaye. — Eles me pegarão se você dormir.

Kaye rolou para o lado e se levantou com cuidado, cautelosa em relação às próprias pernas.

— Estou bem — falou Kaye. — Não estou dormindo.

Lutie pousou na cabeça de Kaye e começou a, nervosamente, dar nós nos cachos de cabelo.

— Estou ótima — repetiu Kaye. Com passos cuidadosos, ela se aproximou da lateral do palanque onde lorde Roiben, rei recém-coroadado da corte Indigna, estava sentado. Kaye observou os dedos dele, cada um envolto por um anel de metal, enquanto tamborilavam ao ritmo de uma canção pouco familiar na beira do trono. Estava vestido com um tecido preto solene que o engolia em sombras. Por mais que Roiben fosse familiar, Kaye percebeu que não conseguia falar.

Era o pior tipo de burrice sofrer por alguém que gostava dela. Mesmo assim, era como assistir à mãe no palco. Kaye se sentia orgulhosa, mas tinha medo que, caso subisse, aquela pessoa sequer fosse Roiben.

Lutie-loo abandonou o poleiro improvisado e voou até o trono. Roiben ergueu o rosto, riu e fechou as mãos em concha para recebê-la.

— Ela bebeu todo o vinho de cogumelo — acusou Lutie, apontando para Kaye.

— É mesmo? — Roiben ergueu uma sobrancelha prateada. — Ela virá se sentar ao meu lado?

— Claro — respondeu Kaye, subindo no palanque, indescritivelmente envergonhada. — Como foi?

— Interminável. — Os longos dedos de Roiben percorreram os cabelos dela, fazendo-a estremecer.

Apenas meses antes, ela se achava esquisita, mas humana. Agora, o peso das asas porosas nas costas e o verde de sua pele eram o bastante para lembrar-lhe de que não era. Mas ainda era apenas Kaye Fierch, e não importava o quanto fosse mágica ou inteligente, continuava difícil entender por que permitiam que se sentasse ao lado de um rei.

Mesmo que tivesse salvado a vida do referido rei. Mesmo que ele a amasse.

Kaye não podia evitar lembrar-se das palavras da mulher-besouro. Será que a menina de dreadlocks com o tambor pretendia fazer uma declaração? Pedir uma missão? Será que a garota com a cauda de gato já o havia feito? Será que as fadas estavam rindo dela, pensando que só porque tinha crescido com humanos ignorava os costumes das fadas?

Kaye queria fazer as coisas direito. Queria fazer um gesto significativo. Dar a Roiben algo mais refinado do que uma pulseira de retalhos. Deslizando para a frente, Kaye se ajoelhou diante do novo rei da corte Indigna.

Os olhos de Roiben se arregalaram com algo parecido com pânico, e ele abriu a boca para falar, mas Kaye foi mais rápida.

— Eu, Kaye Fierch, me declaro a você. Eu... — Kaye congelou ao perceber que não sabia o que deveria dizer, mas o álcool inebriante em suas veias lhe soltou a língua. — Eu amo você. Quero que me dê uma missão. Quero provar meu amor.

Roiben se agarrou ao braço do trono, os dedos apertando a madeira. A voz dele diminuiu até virar um sussurro.

— Para permitir isso, eu teria de ter um coração de pedra. Você não se tornará súdita desta corte.

Kaye percebeu que havia algo errado, mas não sabia o quê. Depois de balançar a cabeça, continuou, balbuciante:

— Quero fazer uma declaração. Não conheço as palavras formais, mas é o que quero.

— Não — falou Roiben. — Não permitirei.

Houve um momento de murmúrios ao redor de Kaye, então algumas risadas esparsas e sussurros.

— Eu registrei. Foi dito — falou Ruddles. — Não deve desonrar o pedido dela.

Roiben assentiu. Ele encarou o salão por um longo tempo, então se levantou e caminhou até a beirada do palanque.

— Kaye Fierch, eis a missão que lhe concedo: traga-me uma fada que possa dizer uma inverdade e poderá se sentar ao meu lado como minha consorte.

Gargalhadas esganiçadas emergiram da multidão. Kaye ouviu as palavras: *Impossível. Uma missão impossível.*

O rosto estava quente, e, de súbito, se sentiu pior do que tonta. Ela se sentiu enjoada. Deve ter ficado pálida ou com uma expressão alarmante, porque Roiben saltou do palanque e agarrou o braço de Kaye conforme ela caía.

Havia vozes ao redor de Kaye, mas nenhuma fazia sentido.

— Prometo que se descobrir quem colocou essa ideia em sua cabeça, farei com que pague com a própria cabeça.

Os olhos dela piscavam, pesados. Ela os deixou se fecharem por um momento e deslizou para o sono, desmaiando no Reino das Fadas.

Capítulo 3

*Terei paz, como as árvores folhosas são serenas
Quando a chuva dobra o galho;
E serei mais silenciosa e fria
Do que você é agora.*

— Sara Teasdale, *I Shall Not Care*

O pequeno duende estremecia no canto da gaiola enquanto Corny a tirava de dentro do porta-malas. Depois de jogar a caixa de fios no banco traseiro, ele entrou no carro e bateu a porta. Calor seco saía do aquecedor enquanto o motor rugia.

— Sou um ser poderoso... um *bruxo* — disse Corny. — Então não tente nada.

— Sim — respondeu a criaturinha, piscando os olhos pretos com rapidez. — Não. Tentar nada.

Corny revirou aquelas palavras na mente, mas as possíveis interpretações pareciam variadas demais, e seu cérebro se confundia. Ele afastou os pensamentos da cabeça. A criatura estava enjaulada. Estava sob controle.

— Quero evitar ser enfeitiçado, e você vai me dizer como fazer isso.

— Eu jogo feitiços. Não retiro feitiços — chiou a criatura.

— Mas — falou Corny — deve haver um modo. Um modo de evitar ser empurrado alegremente da lateral de um píer ou de desejar a honra de ser um pufe para os pés de alguma fada.

— Não há folha. Não há pedra. Não há verso para mantê-lo completamente a salvo de nossos feitiços.

— Conversa. Deve haver algo. Existe algum humano imune à feitiçaria?

O duendezinho saltou até a beira da jaula, e, quando falou, a voz saiu baixa.

— Alguém com a Visão da Verdade. Alguém que consiga ver através dos encantos.

— Como se consegue a Visão da Verdade?

— Alguns mortais nascem com ela. Muito poucos. Você não. Corny chutou o encosto do banco do carona.

— Diga-me outra coisa, então, algo que eu queira saber.

— Mas um bruxo tão poderoso quanto você...

O garoto chacoalhou a armadilha de caranguejos, fazendo a criaturinha se estatelar, o chapéu de pinha saiu por um dos buracos da gaiola de alumínio e caiu no tapete do carro. O duende urrou, um tipo de choramingo que se elevou até virar um grito.

— Esse sou eu — disse Corny. — Assustadoramente poderoso. Agora, se quiser sair daqui, sugiro que comece a falar.

— Há um menino com a Visão da Verdade. Na grande cidade de exilados e de ferro, ao norte. Ele anda quebrando feitiços de mortais.

— Interessante — falou Corny, erguendo o atizador. — Bom. Agora, diga-me outra coisa.

Naquela manhã, enquanto os corpos preguiçosos das fadas ainda enchiam o grande salão da corte Indigna, Roiben se reuniu com os conselheiros em uma caverna tão fria que a respiração condensava. Velas de sebo queimavam sobre formações rochosas, e a gordura derretida fedia a alho. *Que nosso rei seja feito de gelo.* Ele também desejava, desejava que o gelo que cobria os galhos do lado de fora do monte congelasse seu coração.

Dulcamara tamborilava os dedos na madeira polida e congelada da mesa, a superfície era dura como pedra. As asas esqueléticas, com as membranas rasgadas de forma que apenas as veias restassem, pendiam de seus ombros. Ela olhava para Roiben com olhos rosa-pálidos.

Roiben olhava para Dulcamara e pensava em Kaye. Já sentia falta dela, como uma sede suportável até que se pensa em água.

Ruddles caminhava de um lado para outro na câmara.

— Estamos em menor número. — A boca larga e cheia de dentes dele o fazia parecer prestes a morder qualquer um dos presentes.

— Muitas das fadas que eram leais a Nicnevin se foram quando o Tributo não mais as prendeu à corte Indigna. Nossas tropas estão desfalcadas.

Roiben observou uma chama se extinguir, reluzindo forte antes de se apagar. *Acredite em mim*, pensou ele. *Não quero ser seu rei.*

Ruddles olhou com determinação para Roiben, fechou os olhos e esfregou o ponto logo acima do nariz.

— Fomos também enfraquecidos porque diversos de nossos melhores cavaleiros morreram por suas mãos, meu senhor. Lembra-se?

Roiben assentiu.

— Preocupa-me que você não pareça esperar um ataque iminente de Silarial — falou Ellebere. Uma mecha de cabelo caiu sobre um de seus olhos, e ele a empurrou de volta. — Por que deveria hesitar agora que a véspera do Solstício passou?

— Talvez esteja cansada e seja preguiçosa ou esteja farta de lutar — replicou Roiben. — Eu estou.

— Você é jovem demais. — Ruddles trincou os dentes afiados. — E se preocupa muito pouco com o destino desta corte. Tenho dúvidas se sequer tentaria vencer.

Certa vez, depois de Lady Nicnevin chicotear Roiben — ele não se lembrava mais do motivo —, ela se afastara, distraída por alguma nova diversão, permitindo que Ruddles, então camareiro dela, pudesse ter um momento de paixão. O camareiro virara água na boca de Roiben. Ele ainda se lembrava do doce sabor e da forma como sua garganta doera ao engolir.

— Acha que não tenho ímpeto para ser o senhor da corte escura. — Roiben se inclinou sobre a mesa congelada de madeira, aproximando-se tanto do rosto de Ruddles que poderia tê-lo beijado.

Dulcamara gargalhou, batendo palmas como se antecipasse uma ameaça.

— Está certo — falou Ruddles, sacudindo a cabeça. — Eu *não* acho que tenha ímpeto para isso. Ou cabeça. E nem sequer acho que queira o título.

— Tenho um estômago que deseja sangue — disse Dulcamara, jogando os cabelos pretos reluzentes para trás e posicionando-se atrás do camareiro. As mãos dela repousaram sobre os ombros de Ruddles, os dedos passando, levemente, pela garganta dele. — Nosso rei não precisa ferir ninguém com as próprias mãos. *Ela* jamais feriu.

Ruddles enrijeceu e ficou imóvel, talvez por perceber o quanto havia ultrapassado os limites.

Ellebere olhava de um para outro, entre os três, como se avaliasse qual seria a melhor aliança. Roiben não tinha ilusões de que algum deles era minimamente leal além do juramento que os unia. Com uma palavra letal, Roiben poderia provar que tinha tanto ímpeto quanto cabeça. Isso poderia cultivar algo próximo de lealdade.

— Talvez eu não seja um rei adequado — falou Roiben, em vez da palavra letal, recostando-se de volta na cadeira e relaxando as mãos

comprimidas. — Mas Silarial foi minha rainha um dia, jamais deixarei que reine sobre mim ou sobre os meus de novo.

Dulcamara fez um biquinho exagerado.

— Sua compaixão — disse ela — é meu infortúnio, meu rei.

Os olhos de Ruddles se fecharam com um alívio profundo demais para ser escondido.

Há muito tempo, quando Roiben era um recém-chegado à corte Indigna, ele havia se sentado na pequena câmara, semelhante a uma cela, na qual era mantido, e desejara a própria morte. Seu corpo estava desgastado pelos maus-tratos e pelas dificuldades, suas feridas estavam secas, longas crostas vermelho-escuras. Roiben estava tão cansado de resistir às ordens de Nicnevin que se lembrar de que poderia morrer o preencheria de repentina e surpreendente esperança.

Se fosse realmente misericordioso, teria deixado Dulcamara matar seu camareiro.

Ruddles estava certo; tinham poucas chances de vencer a guerra. Mas Roiben poderia fazer aquilo que fazia melhor, o que fizera enquanto servira Nicnevin: *resistir*. Resistir por tempo o suficiente para matar Silarial. De modo que ela nunca mais pudesse enviar um de seus cavaleiros para a tortura como símbolo de paz nem tramar inúmeras mortes ou mesmo se glorificar sob a ilusão da inocência. E quando pensava na senhora da corte iluminada, Roiben quase sentia uma pequena lasca de gelo se enterrar dentro do corpo, entorpecendo-o para o que pudesse acontecer. Não precisava ganhar a guerra, só precisava morrer devagar o suficiente para levar Silarial consigo.

E se toda a corte Indigna morresse com eles, que morresse.

Corny bateu à porta dos fundos da casa da avó de Kaye e sorriu pela janela de vidro. Não dormira muito, mas estava agitado e exultante com o que aprendera. O minúsculo duende que capturara falara a noite toda, contara a Corny qualquer coisa que pudesse fazer com que o rapaz o soltasse. Corny libertara a criatura ao amanhecer, mas o verdadeiro conhecimento parecia mais próximo dele agora do que nunca.

— Entre — gritou a avó de Kaye de dentro da cozinha.

Corny girou a maçaneta de metal frio. A cozinha estava entulhada de utensílios velhos; dezenas de panelas de ferro fundido enferrujadas empilhadas pelo cômodo. A avó de Kaye não suportava jogar coisas fora.

— Em que tipo de problema vocês dois se meteram ontem à noite? — A mulher idosa colocou dois pratos no lava-louças.

Corny pareceu inexpressivo por um momento, então franziu a testa de modo forçado.

— Ontem à noite. Certo. Bem, eu saí mais cedo.

— Que tipo de cavalheiro deixa uma garota sozinha dessa forma, Cornelius? Ela passou a manhã inteira doente e com a porta do quarto trancada.

O forno micro-ondas apitou.

— Deveríamos ir para Nova York esta noite.

A avó de Kaye abriu o micro-ondas.

— Bem, não acho que Kaye estará disposta. Aqui, leve isto para ela. Veja se ela consegue manter alguma coisa no estômago.

Corny pegou a caneca e subiu as escadas. O chá derramou conforme ele subia, deixando uma trilha de gotículas fumegantes para trás. No corredor, do lado de fora do quarto de Kaye, Corny parou e ouviu por um momento. Quando não escutou nada, ele bateu.

Não houve resposta.

— Kaye, sou eu — disse Corny. — Ei, Kaye, vamos lá, abra esta porta.

— Corny bateu de novo. — Kaye!

Ele ouviu um farfalhar e um clique, então a porta se abriu. Corny deu um passo involuntário para trás.

Tinha visto a forma de fada de Kaye antes, mas não estava preparado para vê-la ali. O verde-grilo da pele da amiga parecia particularmente estranho em contraste com uma camiseta branca e a calcinha rosa desbotada. Os olhos pretos reluzentes de Kaye estavam vermelhos, e o quarto atrás dela tinha um cheiro azedo.

Kaye se deitou no colchão, enroscou a colcha ao redor do corpo e afundou a cabeça no travesseiro. Corny conseguia ver apenas o emaranhado verde dos cabelos dela e os dedos longos demais que seguravam o tecido contra o peito como se fosse um bichinho de pelúcia. Ela parecia um gato descansando, mais alerta do que aparentava.

Corny entrou e se sentou no chão perto da amiga, recostando-se em uma almofada acetinada de segunda mão.

— Deve ter sido uma ótima noite — sussurrou ele, hesitante, e os olhos pretos como nanquim de Kaye chegaram a se abrir por um segundo. Ela fez

um ruído como um ronco. — Vamos lá. Já é meio-dia. Hora de acordar.

Lutie voou para baixo, do topo das prateleiras de livros; o movimento súbito assustou Corny. A fadinha pousou no joelho dele e deu uma risada tão alta que lembrou a Corny o som de sinos. Ele resistiu à vontade de se encolher.

— O camareiro de Roiben, o próprio Ruddles, com um duende travesso e um fauno a trouxeram de volta. Imagine só, um duende travesso colocando uma fada carinhosamente para dormir!

Kaye resmungou.

— Acho que ele não foi tão carinhoso assim. Agora, será que podem ficar em silêncio? Estou tentando dormir.

— Sua avó mandou este chá. Quer? Se não quiser, eu bebo.

Kaye se deitou sobre as costas com um murmúrio.

— Pode me dar.

Corny entregou a caneca enquanto Kaye se sentava. Uma das asas parecidas com celofane se esfregou contra a parede, jogando uma chuva de pó nos lençóis.

— Isso não dói?

Kaye olhou para trás e deu de ombros. Os longos dedos viraram a caneca de chá, e ela aqueceu as mãos contra o objeto.

— Acho que não vamos conseguir chegar ao show da sua mãe.

Ela ergueu o rosto para Corny, e ele ficou surpreso ao ver que os olhos da amiga estavam cheios d'água.

— Não sei — respondeu Kaye. — Como vou saber? Não sei muito sobre nada.

— Tudo bem, tudo bem. Que diabo aconteceu?

— Eu falei a Roiben que o amava. Bem alto. Na frente de um público enorme.

— E aí, o que ele disse?

— Era uma coisa chamada declaração. Elas contaram... nem sei por que dei ouvidos... que se eu não a fizesse, alguém faria antes de mim.

— E elas são...?

— Não pergunte — falou Kaye, tomando um gole do chá enquanto sacudia a cabeça. — Eu estava tão bêbada, Corny. Nunca mais quero ficar bêbada daquele jeito.

— Sinto muito... continue.

— Umas fadas me contaram sobre a coisa da declaração. Estavam meio que... não sei... se gabando, acho. De toda forma, Roiben me disse que eu tinha que ficar entre o público na cerimônia, e fiquei pensando em como eu não me encaixava e que talvez ele estivesse desapontado, sabe? Achei que talvez ele desejasse secretamente que eu soubesse mais sobre os costumes deles... talvez desejasse que eu fizesse algo do tipo antes que tivesse de mandar outra pessoa em uma missão.

Corny franziu a testa.

— O quê? Uma missão?

— Uma missão para provar seu amor.

— Que dramático. E você fez essa coisa da declaração? Você se declarou.

Kaye virou o rosto de modo que Corny não pudesse ler a expressão do rosto dela.

— É, mas Roiben não ficou feliz com isso, nem um pouquinho. — Kaye apoiou a cabeça nas mãos. — Acho que estraguei tudo de verdade.

— Qual é a sua missão?

— Encontrar uma fada que minta. — A voz de Kaye saiu muito baixa.

— Achei que fadas não pudessem mentir.

Kaye olhou para Corny.

De súbito, terrivelmente, Corny entendeu o que ela queria dizer.

— Calma, espere aí. Está dizendo que ele enviou você em uma missão que jamais conseguirá cumprir.

— E não posso vê-lo de novo até que esteja terminada. Então, basicamente, nunca mais verei Roiben.

— Nenhuma fada pode dizer uma inverdade. E por isso que essa é uma das boas missões para afastar um declarante... não é um trabalho interminável — disse Lutie de repente. — Há outras, como “extraia todo o sal de todos os mares”. Essa é horrível. E há aquelas que parecem impossíveis, mas podem não ser, como “teça um manto de estrelas”.

Corny sentou-se na cama, ao lado de Kaye, removendo Lutie do joelho.

— Tem que haver um modo. Tem que haver algo que você possa fazer.

A pequena fada flutuou no ar, então se aconchegou no colo de uma enorme boneca de porcelana. Ela se aninhou e bocejou.

Kaye negou com a cabeça.

— Mas Corny, ele não *quer* que eu termine a missão.

— Isso é besteira.

— Você ouviu o que Lutie acabou de dizer.

— Ainda é besteira. — Corny chutou uma almofada largada com o dedão do pé. — E quanto a desdobrar absurdamente a verdade?

— Isso não é mentir — replicou Kaye, tomando um grande gole da caneca.

— Diga que o chá está frio. Apenas tente. Talvez consiga mentir se você se esforçar.

— O chá está... — falou Kaye, hesitante. Ainda estava com a boca aberta, mas era como se estivesse com a língua congelada.

— O que a está impedindo? — perguntou Corny.

— Não sei. Estou em pânico, e minha mente dispara em busca de um modo seguro para dizer. Sinto como se estivesse sufocando. Meu maxilar simplesmente trava. Não consigo fazer nenhum som sair.

— Nossa, não sei o que eu faria se não pudesse mentir.

Kaye se recostou de novo.

— Não é tão ruim. Na maior parte das vezes, é possível fazer as pessoas acreditarem nas coisas sem de fato mentir.

— Como ter feito sua avó acreditar que eu estava com você ontem à noite?

Corny reparou que Kaye deu um leve sorriso ao tomar o gole seguinte de chá.

— Bem, e se você dissesse que vai *fazer* algo, mas não o faz? Isso não seria mentir?

— Não sei — disse Kaye. — Não é como dizer algo que pensa que é verdade, mas que se revela não ser? Como algo que leu em um livro, mas depois descobre que livro estava errado.

— Isso não é mentir?

— Se for, acho que não tem problema. Tenho certeza de que já errei com relação a algumas coisas.

— Venha, vamos para a cidade. Você vai se sentir melhor quando sair daqui. Sei que eu sempre me sinto.

Kaye sorriu, então se sentou de modo ereto.

— Onde está Apocalipse?

Corny olhou para a gaiola, mas Kaye já se dirigia a ela de joelhos.

— Ele está ali. Ai, nossa. Os dois estão ali. — Kaye suspirou fundo, o corpo inteiro relaxou. — Achei que ainda estaria sob o monte.

— Você levou seu rato? — perguntou Corny, incrédulo,

— Podemos não falar mais sobre a noite passada? — pediu Kaye, vestindo uma calça militar verde desbotada.

— Sim, claro — respondeu Corny, bocejando. — Quer parar para tomar café no caminho? Estou com vontade de comer panquecas.

Com um olhar enjoadado, a garota começou a juntar seus pertences.

No caminho, Kaye recostou a cabeça no banco com plástico rasgado do carro, olhando pela janela para o céu, tentando não pensar. A área de floresta silenciosa que ladeava a estrada deu lugar a fábricas cuspidas fogo e soprando fumaça branca que flutuava até se misturar às nuvens.

Quando chegaram à parte do Brooklyn que a mãe de Kaye alegava ainda ser Williamsburg, mas que provavelmente era, na verdade, Bedford-Stuyvesant, o trânsito ficou menos congestionado. As ruas tinham muitos buracos, o asfalto era rachado e desnivelado. O lugar estava deserto, e as calçadas, cheias de montinhos de neve suja. Havia apenas alguns carros estacionados na lateral da rua, e assim que Corny estacionou atrás de um deles, Kaye abriu a porta e saiu. Era estranhamente solitário.

— Tudo bem? — perguntou Corny.

Kaye balançou a cabeça e se debruçou sobre a sarjeta caso vomitasse. Os minúsculos dedos de Lutie-loo se enterraram no pescoço de Kaye enquanto a fadinha tentava se manter agachada no ombro da amiga.

— Não sei qual parte da sensação de merda se deve a passar duas horas em uma caixa de ferro e qual parte se deve a uma ressaca infernal — disse ela, entre respirações.

Traga-me uma fada que possa dizer uma inverdade.

Corny deu de ombros.

— Não dirigiremos mais durante a visita inteira. Agora, só precisa suportar andar de metrô.

Kaye resmungou, mas estava cansada demais para bater no braço de Corny. Até mesmo as ruas fediam a ferro. Vigas do material sustentavam todos os prédios. O ferro compunha o esqueleto dos carros que congestionavam as estradas, coagulando-as como o sangue lento nas artérias de um coração. Lufadas de ferro enchiam os pulmões de Kaye. Ela

se concentrou na própria mágica, tornando-a mais pesada e adormecendo os sentidos. Isso conseguiu afastar o pior do enjoo por ferro.

Você é a única coisa que quero.

— Consegue andar? — perguntou Corny.

— O quê? Ah, sim. — Kaye suspirou, enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo roxo xadrez. — Claro. — Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Era preciso algum esforço para se concentrar em qualquer coisa que não fosse a lembrança de Roiben e o gosto de ferro na boca. Ela cravou as unhas na carne da palma da mão.

É uma fraqueza. Minha afeição por você.

Corny tocou o ombro de Kaye.

— Então, qual é o prédio?

Kaye verificou o número que havia rabiscado no dorso da mão e apontou para um complexo de apartamentos. O apartamento da mãe custara duas vezes mais do que aquele no qual tinham morado três meses antes na Filadélfia. A promessa de Ellen para Kaye de que pegaria o trem para Nova York de modo que pudessem ficar em Nova Jersey durara até a primeira briga fenomenal entre Ellen e a *própria* mãe. Típico. Mas dessa vez, Kaye não se mudara com ela.

Corny e Kaye subiram as escadas até a entrada do prédio e apertaram o interfone. Uma campainha soou, e Kaye empurrou a porta para entrar. Corny seguiu logo atrás dela.

A porta para o apartamento da mãe de Kaye estava coberta com o mesmo verniz sujo de cor amadeirada das demais portas do décimo oitavo andar. Um nove dourado de plástico estava preso à madeira logo abaixo do olho mágico. Quando Kaye bateu, o número girou em torno do único prego.

Ellen abriu a porta. Estava com os cabelos recém-tingidos do mesmo vermelho nas pontas que estampava nas sobrancelhas finas, e o rosto parecia recém-esfoliado. Ela vestia uma regata preta de alças finas e jeans escuros.

— Querida! — Ellen deu um abraço apertado em Kaye, balançando-se de um lado para outro, como o número na porta. — Senti tanto a sua falta.

— Também senti a sua — respondeu Kaye, apoiando o peso do corpo no ombro da mãe. Aquilo era bom de um jeito estranho e culpado. Ela imaginou o que Ellen faria se soubesse que Kaye não era humana. Gritaria, é claro. Era difícil pensar além dos gritos.

Depois de um momento, a mulher olhou por cima do ombro de Kaye.

— E Cornelius. Obrigada por trazê-la de carro. Entrem. Querem uma cerveja?

— Não, obrigado, senhora Fierch — disse Corny. Ele carregou a bolsa esportiva e o saco de lixo de Kaye com “coisas para passar a noite” até o quarto.

O próprio apartamento era pintado de branco e pequeno. Uma cama de tamanho queen ocupava a maior parte do quarto, encostada contra a janela e coberta por um lençol. Um homem que Kaye não conhecia estava sentado em um banquinho e dedilhava um baixo.

— Este é Trent — apresentou Ellen.

O homem se levantou e abriu o case de guitarra, colocando o instrumento com delicadeza dentro dele. Parecia com a maioria dos caras de que Ellen gostava: cabelos longos e barba por fazer, mas, diferentemente da maioria, a dele tinha partes grisalhas.

— Preciso ir. Vejo você na boate. — Ele olhou para Corny e Kaye. — Um prazer conhecê-los.

A mãe de Kaye se sentou no balcão da pequena cozinha e pegou o cigarro que queimava em um prato. A alça da regata deslizou de um dos ombros. Kaye encarou Ellen, viu-se à procura de alguma semelhança com a criança humana trocada que tinha visto no pátio da corte Digna — a garota cuja vida Kaye havia roubado. Mas tudo o que ela viu no rosto da mãe foi uma semelhança com o familiar encantamento humano que usava.

Como uma onda veloz, Trent e o baixo deslizaram até o corredor. Lutie aproveitou esse momento para sair do pescoço de Kaye e voar até o alto da geladeira. Kaye viu a fadinha se acomodar atrás de um vaso vazio, no que parecia ser uma vasilha de cardápios de entrega.

— Sabe do que precisa? — perguntou Ellen a Corny, ao pegar a cerveja pela metade no balcão e tomar um gole, fazendo-o descer com uma tragada do cigarro.

Corny deu de ombros e sorriu.

— Direção na vida? Autoestima? Um pônei?

— Um corte de cabelo. Quer que eu faça para você? Eu cortava o cabelo de Kaye quando ela era pequena. — Ellen desceu com um salto e seguiu para o minúsculo banheiro. — Acho que tenho uma tesoura por aqui em algum lugar.

— Não deixe que ela o obrigue a isso. — Kaye ergueu a voz para ter certeza de que a mãe ouviria. — Mãe, pare de forçar Corny a fazer as coisas.

— Minha aparência está ruim? — perguntou Corny a Kaye. — O que estou vestindo... parece ruim? — Havia algo no modo como ele hesitou ao perguntar que dava significado à indagação.

Kaye lançou um olhar de soslaio a Corny e um sorriso.

— Você parece o de sempre.

— O que isso quer dizer?

Kaye gesticulou para as calças militares que tinha retirado do chão naquela manhã e para a camiseta com que havia dormido. Ainda estava com as botas desamarradas.

— Olhe para o que eu estou vestindo. Não importa.

— Está dizendo que pareço horrível, não está?

Kaye inclinou a cabeça e avaliou o amigo.

— Ninguém em sã consciência *escolheria* um *mullet* como corte de cabelo a não ser que estivesse querendo mostrar o dedo médio ao mundo.

A mão de Corny foi timidamente até a cabeça. Ele deu um risinho.

— E você tem uma coleção de camisas de botão com colarinho largo de cores como laranja e marrom.

— Minha mãe compra em brechós.

Depois de pegar a caixa de maquiagem da mãe de cima de uma pilha de roupas na cama, Kaye retirou um delineador preto com purpurina.

— E você não se pareceria com você sem elas — completou ela.

— Tudo bem, tudo bem. Entendi. E se eu não quisesse mais me parecer comigo?

Kaye parou por um momento, erguendo o rosto enquanto esfumava a pálpebra. Ela ouviu uma vontade na voz de Corny que a preocupou. Imaginou o que ele faria com um poder como o dela, imaginou se Corny pensava nisso.

Ellen saiu do banheiro com um pente, uma tesoura, um pequeno conjunto para raspar a cabeça e uma caixa de papel manchada de água.

— Que tal pintar? Encontrei uma caixa que Robert ia usar antes de decidir descolorir. É preto. Ficaria bonitinho em você.

— Quem é Robert? — perguntou Kaye.

Corny olhou para o próprio reflexo na porta engordurada do micro-ondas. Então virou o rosto para o lado.

— Acho que eu não poderia piorar.

Ellen soltou uma tragada fina de fumaça azul, bateu as cinzas e colocou o cigarro com firmeza entre os lábios.

— Tudo bem, sente-se na cadeira.

Corny se sentou, desconfortável. Kaye se sentou no balcão e bebeu o restante da cerveja da mãe. Ellen entregou à filha o fio da máquina de raspar o cabelo.

— Ligue isso, querida. — Enquanto prendia uma toalha manchada de água oxigenada ao redor dos ombros de Corny, Ellen começou a raspar a parte de trás da cabeça dele. — Já está melhor.

— Ei, mãe — disse Kaye. — Posso perguntar uma coisa?

— Deve ser ruim — respondeu Ellen.

— Por que diz isso?

— Bem, você não costuma me chamar de “mãe”. — Ellen soltou a máquina, tragou profundamente o cigarro e começou a cortar o topo da cabeça de Corny com uma tesoura de unhas. — Vá em frente. Pode me perguntar qualquer coisa, garota.

A fumaça queimava os olhos de Kaye.

— Alguma vez pensou que eu não fosse sua filha? Como se eu tivesse sido trocada ao nascer? — Conforme as palavras saíam de sua boca, a mão dela se ergueu involuntariamente, os dedos se fechando como se ela pudesse capturar as palavras no ar.

— Uau. Pergunta estranha.

Kaye não disse nada. Apenas esperou. Não tinha certeza se conseguiria dizer alguma outra coisa.

— É engraçado. Teve essa vez. — Enquanto passava os dedos pelos cabelos de Corny, Ellen encontrava mechas desgarradas e as cortava. — Nossa, você não tinha nem dois anos, andando desengonçada por aí. Eu empilhei um monte de livros em uma cadeira para que você pudesse se sentar à mesa, na casa de sua avó. Não era seguro de verdade, mas eu também não era muito esperta. De toda forma, eu saí para a cozinha e, quando voltei, você estava no chão e os livros estavam espalhados por toda parte. Quero dizer, com certeza você caiu e obviamente sou uma mãe terrível. Mas você não chorava. Em vez disso, estava com um dos livros

abertos e lendo... tão claro quanto água. Então pensei: minha filha é um gênio. Mas depois pensei: essa não é minha filha.

— Hã! — exclamou Kaye.

— E você era tão honesta... nada como eu quando criança. Você distorcia a verdade, é claro, mas nunca mentia descaradamente.

Minha vida é uma mentira. Era um alívio tão grande não dizer essas palavras. Era um alívio simplesmente deixar os momentos passarem até que o assunto mudasse e as batidas fortes horríveis no coração diminuíssem de novo.

— Então, já imaginou como seriam as coisas se você fosse secretamente adotada? — perguntou Ellen.

Kaye congelou.

Ellen misturou a tinta preta em uma tigela de cereal lascada com uma colher de metal arredondada.

— Quando eu era criança, costumava fingir que era um bebê cigano, que meus pais verdadeiros voltariam para me buscar e que eu teria minha própria caravana e leria a sorte das pessoas.

— Se você não fosse minha mãe, quem faria transformações incríveis nos meus amigos? — Enquanto dizia as palavras, Kaye soube que era covarde. Não, não covarde. Gananciosa. Era aquele bebê de cuco relutante em abandonar o conforto de um ninho roubado.

Parecia incrível como podia ser dissimulada sem mentir descaradamente.

Corny ergueu a mão para tocar seus repentinos cabelos espetados.

— Eu costumava fingir que era de outra dimensão. Sabe, como o Spock do universo espelho, com o cavanhaque. Imaginava que na outra dimensão minha mãe era, na verdade, a soberana de um vasto império, ou uma bruxa no exílio, ou algo assim. O lado ruim é que ela provavelmente tinha um cavanhaque.

Kaye gargalhou. A fumaça do cigarro combinada com o fedor químico da tinta de cabelo transformou a risada em um engasgo.

Ellen jogou uma bolha de gosma preta na cabeça de Corny e a espalhou com o pente. Gotículas manchavam o dorso de sua mão, e suas pulseiras tilintavam.

Zonza, Kaye cruzou o minúsculo recinto e abriu a janela. Conseguia ouvir a tinta rachar conforme se desgrudava. Inspirando montes de ar frio,

fitou a rua. Estava com os olhos ardendo.

— Só vai levar mais um minuto — avisou Ellen. — Então vou enrolar a cabeça dele em plástico e jogar essa merda toda fora.

Kaye assentiu, embora não tivesse certeza de que a mãe estava olhando. Na rua, pequenos aglomerados de pessoas estavam próximos na paisagem nevada, a respiração subia em espirais como se fosse fumaça.

A iluminação da rua refletiu mechas de cabelos longos e pálidos, e, por um momento, antes de uma das figuras se virar, Kaye achou que fosse Roiben. Não era ele, é claro, mas Kaye precisou se impedir de chamar a figura mesmo assim.

— Querida, acabei aqui — disse Ellen. — Olhe ao redor e veja se consegue achar outra camisa para esse menino. Estraguei essa, e, de toda forma, ele é magrinho demais para se afogar nessa coisa.

Kaye se virou. O pescoço de Corny estava vermelho e manchado.

— Mãe, você está deixando ele com vergonha!

— Se isto fosse um programa de televisão, eu faria as transformações — falou Corny sombriamente.

Ellen apagou o cigarro em um prato.

— Que Deus nos ajude.

Kaye vasculhou as pilhas de roupas até encontrar uma camiseta marrom-escura com a silhueta preta de um homem montado em um coelho e segurando uma lança.

Ela a ergueu para que Corny pudesse aprová-la. O garoto deu uma risada de nervoso.

— Parece apertada.

Ellen deu de ombros.

— É de uma noite de autógrafos em um bar. Kelly alguma coisa. Chain? Kelly Chain? Vai ficar bom em você. Seu jeans é aceitável, assim como o casaco, mas esses tênis não estão combinando. Dobre as meias e conseguirá usar o All Star de Trent. Acho que ele deixou um par perto do armário.

Corny ergueu o olhar para Kaye. Tinta preta escorria pela nuca dele, manchando a gola da camiseta.

— Vou me retirar para o banheiro agora.

Enquanto a água do chuveiro descia, enchendo o minúsculo apartamento com vapor, Ellen se sentou na cama.

— Já que estamos nos arrumando, o que acha de maquiar meus olhos? Não consigo fazer essa coisa esfumaçada que você faz.

Kaye sorriu.

— Claro.

Ellen se deitou na cama enquanto Kaye se debruçou sobre ela e passou cuidadosamente uma sombra prateada brilhante nas pálpebras da mãe e delineador preto rente aos cílios. Àquela proximidade, Kaye via os suaves pés-de-galinha nos cantos dos olhos da mãe, os poros abertos no nariz dela, a leve descoloração arroxeadada abaixo dos cílios. Quando penteou o cabelo da mãe para tirá-lo do caminho, o tom de algumas mechas revelou onde o vermelho cobria o grisalho. Os dedos da garota estremeceram.

Mortal. É isso que significa ser mortal.

— Acho que terminei — falou Kaye.

Ellen deu impulso para se sentar e beijou a bochecha de Kaye. Ela conseguia sentir o cheiro de cigarro no hálito da mãe, o odor de dentes apodrecidos e os leves traços de chiclete açucarado.

— Obrigada, querida. Você salvou minha vida.

Vou contar a ela, disse Kaye a si mesma. *Vou contar a ela esta noite.*

Corny surgiu do banheiro em meio a uma cortina de fumaça. Era estranho vê-lo nas novas roupas com o cabelo mais curto e escuro. Não deveria ter feito tanta diferença assim, mas o cabelo tornava os olhos de Corny mais brilhantes, e a camiseta apertada fazia com que a magreza dele se tornasse elegância.

— Você está bonito — falou Kaye.

Corny puxou o tecido, envergonhado, e esfregou o pescoço como se conseguisse sentir as manchas da tinta.

— O que acha? — perguntou Ellen.

Corny olhou para trás, na direção do banheiro, como se lembrasse do próprio reflexo.

— É como se eu estivesse me escondendo em minha própria pele.

Capítulo 4

Não me sustenta o pão, a aurora me desequilibra, busco o som líquido de teus pés no dia.

— Pablo Neruda, *Love Sonnet XI*

A viagem de metrô foi horrível. Kaye sentiu o ferro ao seu redor e o peso do material; o fedor a sobrecarregava, sufocando-a. Ela se agarrou à barra de alumínio e tentou não respirar.

— Você parece um pouco pálida — disse Corny, enquanto subiam os degraus de concreto até a rua.

Kaye conseguia sentir sua magia ser corroída, enfraquecendo-a a cada momento.

— Por que vocês dois não dão uma voltinha? — Os lábios de Ellen brilhavam com gloss, e seus cabelos estavam com fixador tão forte que não se moviam quando a brisa os atingia. — Vai ser chato nos assistir montar o equipamento.

Kaye assentiu.

— E também, se eu visse como Nova York é legal, eu me mudaria para cá em vez de matar meu tempo em Nova Jersey?

Ellen sorriu.

— Isso também.

Os dois caminharam um pouco pelas ruas do fim de West Village. Passaram por lojas de roupas que exibiam gorros com babados e shorts xadrez, minúsculas lojas de discos que prometiam importados e uma sex shop em que se via uma máscara com bola de vinil/mordança e orelhas de gato diante de um fundo natalino de veludo vermelho e branco. Um cara de casaco militar rasgado estava em uma esquina tocando músicas de Natal com uma flauta nasal.

— Ei — exclamou Corny. — Um café. Podemos nos sentar e nos aquecer.

Eles subiram as escadas e passaram pelas portas com estêncil dourado.

O Café des Artistes consistia em uma série de quartos que se comunicavam por enormes corredores. Kaye passou pelo balcão e atravessou uma porta até uma sala em que havia uma lareira coberta por

velas brancas derretidas, como um monstruoso castelo de areia erodido pelas ondas. Os quartos, mal iluminados por lustres pretos que pendiam de um teto de metal preto e cuja luz refletia no vidro dos quadros envelhecidos e dos espelhos com moldura dourada, pareciam sombrios e frios. Um leve cheiro reconfortante de chá e café fez com que Kaye suspirasse.

Os dois se sentaram em poltronas com ornamentos dourados, tão gastas que o plástico branco mofado aparecia nos braços. Corny mexeu em um arabesco dourado, e uma lasca quebrou em sua unha. Kaye abriu distraidamente a gaveta da pequena mesa cor de creme diante dela. Dentro, ficou surpresa ao encontrar uma coleção de papéis — anotações, cartões-postais, cartas.

Uma garçonete caminhou até os dois, e Kaye fechou a gaveta. O cabelo da mulher era louro no alto com um preto reluzente por baixo.

— O que querem?

Corny pegou um cardápio do meio da mesa e o leu, como se estivesse escolhendo coisas aleatoriamente.

— Omelete com pimentão verde, tomate e champignon, uma tábua de queijos e uma xícara de café.

— Café para mim também. — Kaye pegou o cardápio das mãos de Corny e pediu a primeira coisa que viu. — E uma fatia de torta de limão.

— Uma dieta bem balanceada — disse Corny. — Açúcar e cafeína.

— Talvez tenha merengue — replicou Kaye. — É de ovos. Proteína.

Corny revirou os olhos.

Quando a garçonete foi embora, Kaye abriu a gaveta de novo e verificou os cartões.

— Veja estes. — Uma caligrafia feminina descrevia uma viagem à Itália: *Não consegui parar de pensar na previsão de Lawrence de que eu conheceria alguém em Roma.* Um cartão com uma caneca rabiscada às pressas em um canto tinha uma frase escrita em letras grossas com um lápis: *Cuspi em meu café e troquei pelo do namorado de Laura para que ele sentisse meu gosto na boca.* Kaye leu as palavras em voz alta, então perguntou: — De onde acha que vieram?

— Bazares de garagem? — sugeriu Corny. — Ou talvez sejam bilhetes que as pessoas jamais mandaram. Sabe, como quando você quer escrever

uma coisa, mas não quer deixar a pessoa para quem escreve ler. Você deixa aqui.

— Vamos deixar alguma coisa — falou Kaye. Ela vasculhou a bolsa e tirou de lá dois pedaços de papel e um lápis delineador. — Cuidado. É macio e borra.

— Então, quer que eu escreva o quê? Um segredo? Tipo como eu sempre quis um vilão de histórias em quadrinhos como namorado e que, depois de Nephanael, não tenho certeza se um cara bonzinho vai me satisfazer.

Um casal em outra mesa ergueu o rosto como se tivessem ouvido algumas das palavras, mas não o suficiente para entenderem o que Corny dissera.

Kaye revirou os olhos.

— É, por que um doido sádico faria você desistir de vez dos doidos sádicos?

Com um risinho, Corny pegou o pedaço de papel e escreveu com tanta força que as letras ficaram gordinhas e borradas. Ele entregou o bilhete para Kaye.

— Porque sei que vai ler de qualquer jeito.

— Não lerei se você não quiser.

— Apenas leia.

Kaye pegou o papel e viu as palavras: *Eu faria qualquer coisa para não ser humano.*

Ela pegou o delineador e escreveu o próprio bilhete: *Roubei a vida de outra pessoa.* Então se virou para Corny.

Ele colocou os dois bilhetes na gaveta sem fazer comentários. A garçonete chegou com talheres, café e creme. Kaye se ocupou em deixar o café o mais fraco e doce possível.

— Está pensando na missão? — perguntou Corny.

Ela estava pensando no que o amigo havia escrito, mas falou:

— Queria poder falar com Roiben mais uma vez. Apenas ouvi-lo *dizer* que não me quer. Parece que terminaram comigo em um sonho.

— Você poderia mandar uma carta ou algo assim, não? Isso não é, tecnicamente, vê-lo.

— Claro — respondeu Kaye. — Se Roiben não recebesse cartas, tipo, por meio de bolotas.

— Ainda há coisas que você não entende sobre os costumes das fadas. Tudo o que aconteceu talvez não signifique o que você acha que significa.

Kaye negou com a cabeça, afastando as palavras de Corny.

— Talvez seja bom termos terminado. Quero dizer, no quesito namorado, ele estava sempre ocupado trabalhando. Gerenciar uma corte maligna toma muito tempo.

— E ele é velho demais para você — falou Corny.

— E fica reclamando o tempo todo — acrescentou Kaye. — É muito emo.

— E também não tem carro. Por que ter um namorado mais velho se ele não tem carro?

— Os cabelos dele são maiores que os meus — disse Kaye.

— Aposto que demora mais para se arrumar também.

— Ei! — Kaye socou o braço de Corny. — Eu me arrumo rápido.

— Só estou dizendo. — Corny sorriu. — Mas, sabe, namorar criaturas sobrenaturais nunca é fácil. É claro que também ser sobrenatural deve facilitar.

Do outro lado da sala, um grupo de três homens ergueu o rosto dos cappuccinos. Um disse algo, e os outros dois deram risadinhas.

— Você os está assustando — sussurrou Kaye.

— Só acham que estamos montando a trama de um livro muito bizarro — replicou Corny. — Ou representando. Poderíamos estar jogando RPG, sabe. — Corny cruzou os braços sobre o peito. — Agora estou disfarçando, e você tem que pagar meu jantar.

Kaye encontrou o olhar de uma garota inclinada sobre uma das mesas. As pontas dos longos cabelos dela roçavam o café, e ela vestia um monte de casacos, um por cima do outro, fazendo-a parecer corcunda. Quando a garota viu que Kaye a olhava, ergueu um pedaço de papel entre dois dedos e o colocou na gaveta diante de si. Então, depois de piscar um dos olhos, tomou o restante do café e se levantou para ir embora.

— Espere um pouco — disse Kaye para Corny, então se levantou e foi até a mesa. A garota tinha ido embora, mas quando Kaye abriu a gaveta, o

papel ainda estava lá: *A rainha quer vê-la. O Reparador sabe o caminho. O pager dele é: 555-1327.*

Corny e Kaye caminharam até a boate no momento em que começou a nevar de novo. O prédio tinha uma fachada de tijolos coberta com pôsteres em várias camadas rasgadas, gastas pela chuva e pela poeira. Corny não reconhecia nenhuma das bandas.

Na entrada, uma mulher de calça jeans preta e casaco de estampa de zebra recebia a taxa de cinco dólares pelo couvert artístico de uma pequena fila de clientes trêmulos de frio.

— Identidade — falou a mulher, jogando minúsculas tranças para trás da cabeça.

— Minha mãe vai tocar — replicou Kaye. — Estamos na lista.

— Mesmo assim preciso ver as identidades — disse a mulher.

Kaye a encarou, e o ar ao redor das duas pareceu se agitar, como se com o calor.

— Entre — falou a mulher, de modo sonhador.

Corny estendeu a mão e recebeu um carimbo de caveira azul, então caminhou até a porta. O coração dele estava acelerado.

— O que fez com ela? — perguntou ele.

— Amo esse cheiro — disse Kaye, sorrindo. Corny não tinha certeza se a amiga não ouvira a pergunta ou se simplesmente decidira não responder.

— Só pode estar brincando. — O interior da boate era pintado todo de preto. Até mesmo o encanamento, bem acima das cabeças deles, tinha sido borrifado com o mesmo tom fosco, de modo que toda a iluminação do salão parecesse ser absorvida pelas paredes. Algumas luzes multicoloridas piscavam acima do bar e do outro lado do palco, onde uma banda se esgoelava.

Kaye gritou por sobre a música.

— Não, sério. Eu amo. Cerveja seca e resíduo de cigarro e suor. Queima minha garganta, mas depois do carro e do metrô, nem me importo tanto.

— Isso é ótimo — gritou Corny de volta. — Quer dar um oi para sua mãe?

— Melhor não. — Kaye revirou os olhos. — Ela é um saco quando está se arrumando. Tem medo de palco.

— Tudo bem, vamos pegar uma mesa — respondeu Corny, virando-se na direção de uma das minúsculas mesas iluminadas por uma vela votiva elétrica que parecia a luz de um vaga-lume.

Kaye foi buscar bebidas. Corny ficou sentado observando a multidão. Um garoto asiático, com a cabeça raspada e vestindo calças de camurça franjadas, gesticulou para uma garota com vestido de lã e botas de cowboy com estampa de tarântula. Próximo a eles, uma mulher com casaco manchado dançava agarrada a outra mulher, contra uma barra de pole dance. Corny sentiu uma onda incontrollável de animação preencher seu corpo. Estava em uma boate de Nova York de verdade, um lugar legal de verdade, no qual ele deveria ser proibido de entrar de acordo com as regras da nerdice.

Kaye voltou para a mesa quando a outra banda saiu do palco, e Ellen, Trent e os outros dois membros da Treacherous lota entraram.

A música era legal — um punk feminino com a letra meio enrolada. A mãe de Kaye não lembrava em nada a mulher comum de meia-idade que Corny vira algumas horas antes. Aquela Ellen parecia destemida, como se pudesse se inclinar e devorar todas as garotas e os rapazes reunidos ao redor do palco. Mesmo que não fizesse sentido, enquanto Ellen berrava a primeira música, Corny achou que via muito de Kaye nela.

Observar aquela transformação o deixou desconfortável, principalmente porque ainda estava com os dedos manchados de tinta preta da própria transformação. Ele olhou ao redor da boate.

O olhar de Corny percorreu os rapazes lindos e as garotas finas como insetos, mas se deteve em um homem alto recostado contra a parede mais afastada, com uma bolsa transpassada pendurada no ombro. Apenas olhar para o homem causava arrepios nos braços de Corny. As feições dele eram perfeitas demais para pertencerem a um ser humano.

Ao olhar para a postura rigorosa e arrogante, Corny achou que Roiben viera sob feitiço implorar pelo perdão de Kaye. Mas o cabelo do homem tinha cor de manteiga, não de sal, e seu maxilar não era nada como o de Roiben.

O homem encarava Kaye tão determinadamente que quando uma garota de maria-chiquinha parou diante dele, ele deu um passo para a esquerda para continuar observando.

Corny se levantou sem realmente querer.

— Volto logo — disse ele diante do olhar questionador de Kaye.

Agora que caminhava na direção do homem, Corny não tinha mais certeza do que fazer. Seu coração batia acelerado contra a caixa torácica como uma bola de borracha quicando, e ele achou que fosse sufocar. Mesmo assim, conforme se aproximava, mais detalhes foram acrescentados às suspeitas do garoto. O rosto do homem não tinha pelos, como o de uma garota. Os olhos dele eram azuis como jacinto. Ele era a fada com o pior disfarce que Corny já vira.

No palco, Ellen gritava no microfone, e o baterista começou um solo.

— Está fazendo um péssimo trabalho ao tentar se misturar, sabe? — gritou Corny por sobre as batidas rítmicas.

O homem das fadas semicerrou os olhos. Corny baixou o rosto para os tênis emprestados, lembrando-se, de repente, que poderia ser enfeitiçado.

— O que quer dizer? — A voz do homem era baixa. Não mostrava nada da raiva que estava no rosto dele.

Corny trincou os dentes e ignorou a vontade de olhar para aqueles belos olhos de novo.

— Você não parece humano. Nem mesmo fala como um humano.

Sua mão macia e quente tocou a bochecha de Corny, e ele deu um salto.

— Sinto-me humano — disse o homem fada.

Sem querer, Corny se inclinou em direção ao toque dele. O desejo incendiava seu corpo, tão forte que era quase dolorido. Mas conforme seus olhos se fecharam, ele viu o rosto da irmã desaparecendo sob a água salgada, viu a irmã gritando e engolindo goladas do mar enquanto um lindo Cavalo das Águas que havia se transformado em garoto a arrastava para baixo. Corny se viu rastejando na terra para pegar uma fruta succulenta que jogaria aos pés de um cavaleiro das fadas às gargalhadas.

Os olhos de Corny se abriram de súbito. Estava tão furioso que as mãos estremeciam.

— Não flerte comigo — disse Corny. Não seria fraco de novo. Conseguiria fazer aquilo.

O homem das fadas o observava com as sobrancelhas arqueadas e um sorriso cheio de escárnio.

— Aposto que quer Kaye — disse Corny. — Posso trazê-la para você.

O homem franziu a testa.

— E você trairia um dos seus tão facilmente?

— Você sabe que ela não é como eu. — Corny puxou o homem pelo cotovelo. — Venha. Ela pode nos ver. Vamos conversar no banheiro.

— Desculpe-me?

— Continue se desculpando — replicou Corny, enquanto agarrava o braço do homem das fadas e o puxava pela multidão. Um olhar para trás lhe disse que Kaye estava preocupada com a atuação no palco. A adrenalina o preencheu, diminuiu sua concentração, tornou a raiva e o desejo, de repente, indiscerníveis. Corny entrou no banheiro. A única cabine e os dois urinóis estavam vazios. Em uma parede roxa escura, ao lado de uma placa escrita à mão que prometia a decapitação a qualquer empregado que não lavasse as mãos, havia uma prateleira empilhada com papel higiênico e produtos de limpeza.

Uma ideia absurdamente desagradável ocorreu a Corny. Ele precisou se conter para não sorrir.

— A questão é que — disse Corny — não é assim que os humanos se vestem. Não está relaxado o suficiente. Roiben sempre comete o mesmo erro.

Os lábios do homem fada se comprimiram levemente, e Corny tentou manter o rosto inexpressivo, como se não tivesse notado aquele tique bastante interessante.

— Olhe para si mesmo. Conserte esse feitiço para que pareça que está vestindo algo mais semelhante ao que eu visto, está bem?

O homem fada olhou para Corny.

— Repugnante — disse ele, mas retirou a bolsa do ombro e se recostou contra a parede.

Corny agarrou a embalagem de inseticida na prateleira. Se Kaye sequer conseguia fumar, os efeitos de um veneno concentrado para insetos deveriam ser impressionantes. Corny não precisou especular por muito tempo. Quando o homem se virou, Corny borrifou diretamente no rosto dele.

O homem louro engasgou e caiu imediatamente de joelhos, o feitiço deixou o corpo dele e revelou uma beleza inumana terrível. Corny se deteve por um momento na aparência do homem que se contorcia no chão imundo,

então tirou o cadarço do tênis e o utilizou para amarrar as mãos da criatura atrás das costas.

O homem das fadas se encolheu enquanto os nós ficavam apertados, tentando se contorcer para longe enquanto tossia. Corny catou a lata de inseticida e acertou o homem com ela com o máximo de força que pôde.

— Juro por Deus que eu borrifo de novo — falou Corny. — O bastante para essa merda matar você.

O homem das fadas ficou quieto. Corny se levantou e estendeu o corpo do prisioneiro, passando o dedo pelo gatilho da lata de inseticida. Ele encontrou o próprio olhar no espelho, os cabelos curtos pintados de preto e as roupas emprestadas, como eram patéticas. Não faziam a pele dele ter menos espinhas ou o nariz menor, nem o deixavam menos feio.

Dedos fortes e magros se enrascaram nas panturrilhas de Corny, mas ele pressionou a sola do tênis contra o pescoço do homem das fadas e se agachou sobre ele.

— Agora, vai me dizer um monte de coisas que sempre quis saber.

A criatura engoliu em seco.

— Seu nome — disse Corny.

Seus olhos azuis reluziram.

— Jamais.

Corny deu de ombros e retirou o pé do homem das fadas, de súbito, sentindo-se desconfortável.

— Tudo bem. Algo como possa chamá-lo, então. E nada idiota como “eu mesmo”. Sei ler.

— Adair.

Corny fez uma pausa, pensando no bilhete na gaveta.

— Você é o Reparador? Foi quem mandou o bilhete para Kaye?

O homem pareceu confuso, então balançou a cabeça.

— Ele é humano, como você.

— Tudo bem, Adair, se você não é o Reparador, o que quer com Kaye?

O homem das fadas ficou em silêncio por um longo momento. Corny bateu com a lata na lateral da cabeça da criatura.

— Quem mandou que viesse até aqui?

Adair deu de ombros, e Corny o acertou de novo. Sangue manchava a boca do homem.

— Silarial — arquejou Adair.

Corny assentiu com satisfação. Estava respirando com dificuldade, mas cada fôlego saía como uma risada.

— Por quê?

— A fada alada. Devo levá-la para a corte Digna. Muitos dos súditos de minha senhora a estão buscando.

Corny se sentou na barriga de Adair e segurou os cabelos dourados dele com a mão em punho.

— Por quê?

— A rainha quer conversar. Apenas conversar.

Um homem com um moicano falso abriu a porta, empalideceu e então a fechou com força. O homem das fadas se contorceu para ficar sentado.

— Conte-me outra coisa — falou Corny. Seu punho estremecia. — Diga-me como me prote...

Naquele momento, a porta do banheiro se abriu de novo. Dessa vez era Kaye.

— Corny, estão... — disse ela, então pareceu perceber a cena diante dela. Kaye piscou os olhos com rapidez e tossiu. — Definitivamente não era isso que eu esperava ver quando entrei aqui.

— Silarial o enviou — falou Corny. — Para você.

— O barman está chamando a polícia. Precisamos tirar você daqui.

— Não podemos soltá-lo — disse Corny.

— Corny, ele está *sangrando*. — Kaye tossiu de novo. — O que você fez? Sinto como se meus pulmões estivessem pegando fogo.

Corny começou a se levantar, para explicar.

— Eu o amaldiçoo. — O homem das fadas se virou de lado e cuspiu uma gosma vermelha na bochecha de Corny. A saliva escorreu como uma lágrima. — Que tudo que seus dedos tocarem definhe.

Corny cambaleou para trás e, ao fazê-lo, roçou a mão na parede. A tinta sob seus dedos se enrugou e descascou. Depois de parar, ele olhou para a palma das mãos. As linhas e depressões familiares, além dos calos, pareciam, de repente, formar uma nova e horrível paisagem.

— Vamos! — Kaye o agarrou pela manga da camisa e puxou o amigo para a porta.

O metal da maçaneta enferrujou ao toque da pele de Corny.

Capítulo 5

*Inferno é a si mesmo,
Inferno é solidão.*

— T. S. Eliot

Um fauno com patas sujas de sangue se abaixou em uma reverência acentuada diante do trono de Roiben. Tinham vindo, cada um de seus vassalos, para se vangloriar da inutilidade, para contar a Roiben como serviram à coroa, para conquistar os favores do rei e a promessa de missões melhores. Roiben virou o rosto para o mar de súditos e precisou lutar contra o pânico. Ele se agarrou aos braços do trono com tanta força que a madeira entrelaçada rangeu.

— Em seu nome — falou a criatura —, matei sete de meus irmãos e guardei os cascos deles. — O fauno esvaziou uma sacola ruidosamente.

— Por quê? — perguntou Roiben antes de conseguir se conter, com o olhar atraído para o osso pontiagudo que havia sido cortado nas canelas, para o modo como o sangue escuro secara. A argamassa que preenchia o chão da câmara de audiências já estava desbotada, mas aquele presente deu vida às manchas avermelhadas.

O fauno deu de ombros. Galhos espinhentos formavam nós no pelo de suas patas.

— Era uma oferenda que costumava agradar Lady Nicnevin. Só queria cair em suas graças.

Roiben fechou os olhos com força por um momento, então os abriu de novo, treinando indiferença.

— Certo. Excelente. — Ele se virou para a próxima criatura.

Um delicado garoto feérico com asas pretas como piche fez uma reverência.

— Levei quase uma dúzia de crianças mortais a saltarem dos telhados ou à própria morte em pântanos.

— Entendo — disse Roiben com uma racionalidade exagerada. Por um momento, ele sentiu medo do que poderia fazer. Pensou em Kaye e no que ela acharia daquilo; Roiben pensou nela de pé sobre o próprio telhado com a camiseta e a calcinha que usava para dormir, cambaleando para a frente, sonolenta. — Em meu nome? Acho que só diverte a si mesmo. Talvez possa

encontrar algo mais maligno do que crianças para atormentar agora que a guerra começou.

— Como meu senhor ordenar — respondeu o rapaz feérico alado, olhando com raiva para os pés.

Um duende pequeno e curvado se aproximou. Com as mãos retorcidas, ele desenrolou um tecido horroroso e o estendeu no chão.

— Matei mil ratos, guardei apenas os rabos e os teci em um tapete. Presenteio-o agora, como um tributo a sua magnificência.

Pela primeira vez desde que se lembrava, Roiben precisou morder a parte de dentro da bochecha para não gargalhar.

— Ratos? — Ele virou o rosto para o camareiro. Ruddles ergueu uma única sobancelha.

— Ratos — replicou o duende, estufando o peito.

— Foi um esforço e tanto — disse Roiben. Os servos do rei enrolaram o tapete enquanto o duende ia embora, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Uma fada marinha fez uma reverência agitada. O corpo minúsculo dela estava coberto apenas com os cabelos amarelo-esverdeados pálidos.

— Fiz com que vinhas murchassem nos vinhedos e se tornassem pretas e pesadas com veneno. O vinho do suco dessas uvas endurecerá o coração dos homens.

— Sim, porque o coração dos homens não está nem perto de ser duro. — Roiben franziu a testa. Aquela dicção parecia humana.

Nem precisava tentar adivinhar onde havia adquirido aquelas frases.

A fada marinha não pareceu reparar no sarcasmo. Ela sorriu como se Roiben tivesse lhe oferecido uma enorme consideração.

E eles vieram, uma parada de feitos e presentes, cada um mais aterrorizante do que o anterior, todos feitos em nome de Roiben, senhor da corte Indigna. Cada feito tenebroso apresentado a ele do mesmo modo que um gato oferece o pássaro que finalmente matou, depois que toda forma possível de diversão já foi extraída da brincadeira.

— Em seu nome — dizia cada um deles.

Em nome dele. O nome que ninguém vivo sabia por completo, à exceção de Kaye. O nome dele. Agora que pertencia a todos aqueles seres para conjurar e xingar, Roiben imaginou quem teria mais direito a seu nome.

Roiben trincou os dentes, assentiu e sorriu. Apenas mais tarde, em seus aposentos, sentado em um banquinho diante do tapete de rabo de rato, ele se

permitiu ficar cheio de ódio. Por todos aqueles da corte Indigna que cortavam, abriam e estripavam tudo que tocavam. Por si mesmo, sentado em um trono em uma corte de monstros.

Roiben ainda encarava os presentes quando um ruído terrível e retumbante fez com que as paredes tremessem. Terra choveu sobre ele, fazendo seus olhos arderem. Um segundo choque reverberou pela colina. Roiben saiu correndo do quarto, em direção ao barulho, e passou por Bluet no corredor. Estava coberta de poeira, e os longos cabelos arrepiados e torcidos quase ofuscavam um corte recente nos ombros. Os lábios da gaitista estavam da cor de um hematoma.

— Meu senhor! — disse ela. — Houve um ataque!

Por um momento, Roiben apenas a encarou, sentindo-se tolo, incapaz de compreender. Apesar de todo o ódio por Silarial, não conseguia aceitar que estivesse em guerra contra quem ele um dia amou, contra quem ele ainda considerava seu povo. Não podia aceitar que eles tivessem efetuado o primeiro ataque.

— Cuide de seus ferimentos — disse-lhe Roiben, confuso, o seguindo na direção dos gritos. Um punhado de fadas passava em disparada por ele, silenciosas e cobertas de terra. Um duende encarou Roiben com os olhos cheios d'água antes de seguir.

O salão principal estava em chamas. O teto rachara como um ovo, e parte dele desabara. Lufadas de uma fumaça preta e rançosa se erguiam para o céu estrelado, devorando a neve que caía. No centro da toca, havia um caminho — de reboque — cuja estrutura de ferro queimava. O chassis estava retorcido, a cabine esmagada sob camadas de terra e pedras, enquanto chamas vermelhas e douradas se erguiam. Um mar de óleo e diesel pegando fogo se espalhava e chamuscava tudo aquilo que tocava.

Roiben encarou, estupefato. Ali, sob os escombros, havia dezenas e dezenas de corpos: seu mensageiro, Thistledown; Widdersap, que certa vez assobiara em uma folha de grama para fazer com que uma serva dançasse; Snagill, que, cuidadosamente, cobrira o teto de prateado no dia do banquete. O duende que tecera o tapete de rabo de rato gritava, rolando, em chamas.

Ellebere empurrou Roiben para o lado no momento em que uma lápide de granito caía do céu, quebrando-se no chão do salão.

— Você deve partir, meu senhor — gritou ele.

— Onde está Ruddles? — Roiben exigiu saber. — Dulcamara?

— Eles não importam. — Ellebere segurou Roiben com mais força. — Você é nosso rei.

Em meio à fumaça, silhuetas surgiam, atingindo os mortos e os feridos.

— Leve as fadas para os corredores, para a segurança. — Roiben soltou o braço. — Leve todas para as ruínas de Kinnelon.

Ellebere hesitou.

Duas flechas passaram voando pela fumaça rançosa e se prenderam ao que restava da parede de terra. Finas lanças de vidro que os cavaleiros da corte Digna usavam como flechas — tão finas que mal era possível senti-las quando atravessavam o coração.

— Como disse, *sou* seu rei. Faça isso agora! — Roiben abriu caminho pela bruma sufocante e deixou Ellebere para trás.

O mesmo fauno que levava os cascos para Roiben tentava desenterrar outro ser das fadas que estava debaixo de uma montanha de terra. E próximo a eles estava Cirillan, que amava tanto lágrimas que as guardava em minúsculos frascos que entulhavam seu quarto. Sua pele azul-água estava manchada com sangue, terra e carrapichos prateados que haviam sido atirados com os estilingues da corte Digna.

Enquanto Roiben assistia, o fauno arquejou, seu corpo se contorceu e caiu.

Roiben empunhou a espada curva. A vida toda servira a guerra, mas jamais vira algo como o que acontecia agora a seu redor. A corte Digna jamais lutara com tanta *inelegância*.

O rei desviou logo antes de as pontas de um tridente dourado acertarem seu peito. A cavaleira da corte Digna golpeou de novo, com os dentes à mostra.

Roiben cravou a espada na coxa da fada, e ela cambaleou. Segurando o tridente da adversária pela base, ele abriu a garganta dela, um corte rápido e limpo. Sangue esguichou no rosto de Roiben enquanto a fada caía de joelhos, levando as mãos ao próprio pescoço, surpresa.

Roiben não a conhecia.

Dois humanos correram até ele, um de cada lado. Um ergueu uma arma, mas Roiben cortou fora a mão que a segurava antes que o mortal tivesse esperanças de disparar. Ele acertou o outro no peito. Um garoto humano — de talvez vinte anos, com uma camiseta da Brookdale College e cabelos embaraçados — se debruçou sobre a espada curva de Roiben.

Por um momento, o garoto fez Roiben se lembrar de Kaye. Kaye. Morta.

OuvIU-se um grito, e Roiben se virou e viu uma chuva de pinhas prateadas estourar próximo de onde ele estava. Pela fumaça, ele viu Ruddles, mordendo a lateral do rosto de uma fada da corte Digna, e Dulcamara, matando outras duas com facas. Um dos pajens de Roiben, Clotburr, golpeou outra fada com uma harpa em chamas.

Ali, naquela colina outrora majestosa, cadáveres humanos ainda seguravam suas armas de ferro nas mãos rígidas conforme caíam ao lado de mais de uma dezena de tropas imóveis da corte Indigna, vestidas com armaduras reluzentes. O fogo incendiava os corpos um a um.

— Rápido — falou Dulcamara. A fumaça preta sufocante estava por toda parte. Em algum lugar distante, Roiben conseguia ouvir sirenes soando. Acima deles, os mortais vinham derramar água na colina em chamas.

Clotburr tossiu, detendo-se, e Roiben ergueu o pajem, apoiando-o no ombro.

— Como ela fez isso? — perguntou Dulcamara, os dedos fechados, com as juntas pálidas, ao redor do punho da espada.

Roiben balançou a cabeça. Havia protocolos nas batalhas das fadas. Ele não conseguia imaginar Silarial deixando o decoro de lado, principalmente quando a vantagem era dela. Mas, por outro lado, quem do povo de Silarial saberia o que ela havia feito naquele dia? Apenas aqueles poucos que a rainha enviara para comandar os mortais. A maioria morreria. Não é possível desonrar a si mesmo diante dos mortos. Ocorreu a Roiben naquele momento que havia entendido errado a pergunta de Dulcamara. Ela não queria saber como Silarial pudera ser tão terrivelmente criativa; estava tentando entender como aquilo tinha sido feito.

— Mortais — respondeu Roiben e, agora que pensava a respeito, precisava admitir um deslumbramento relutante diante daquele estratagema tão radical e terrível. — O povo de Silarial está enfeitando os humanos em vez de empurrá-los de cima de telhados. Ela os transforma em tropas. Agora, estamos mais do que em desvantagem. Estamos perdidos.

O peso do homem das fadas sujo de fuligem em seus braços fez com que Roiben pensasse em todas as pessoas da corte escura, todos a quem havia jurado governar. Todas aquelas vidas que estivera disposto a aceitar em

troca da morte de Silarial. E ele imaginou o que poderia ter realizado se tivesse feito mais do que apenas resistir. Quem poderia ter salvado.

Como se lesse seus pensamentos, Ruddles se virou para Roiben com a testa franzida.

— E agora, meu rei?

Foi quando ele percebeu que queria vencer a guerra invencível. Conhecera apenas dois soberanos, ambos grandiosos e nenhum bom. Não sabia como ser um rei nem como vencer, a não ser que fosse ainda mais cruel do que eles.

Kaye empurrou Corny à frente, em meio à multidão próxima à porta da boate, para além da mulher que pedia as identidades, que ainda parecia alegrinha com o feitiço. Corny erguia as mãos acima da cabeça, como se estivesse se rendendo, e quando as pessoas se aproximavam, ele se encolhia. Os dois caminharam desse modo por diversos quarteirões, passaram por pessoas em casacos grossos que arrastavam os pés pela lama. Kaye observou os saltos das botas de couro de avestruz de uma mulher perfurarem um monte congelado de neve. A mulher cambaleou.

Corny se virou na direção dela, abaixou as mãos de modo a deixá-las diante do corpo. Ele parecia um zumbi procurando sua próxima vítima.

— Sei para onde ir — falou Kaye, respirando fundo o ar rançoso de ferro.

Ela atravessou diversos quarteirões, Corny logo atrás. As ruas eram um labirinto de nomes e lojas de bebidas, tão semelhantes que Kaye poderia facilmente se perder. Ela encontrou o caminho de volta para o Café des Artistes mesmo assim e dali até a sex shop.

Corny olhou para Kaye confuso.

— Luvas — disse ela ao amigo, determinada, conforme guiava Corny para dentro da sex shop.

O cheiro de incenso de patchuli deixava o ar mais pesado dentro da sex shop Pavão Irascível. Corseletes de couro e calcinhas fio dental pendiam das paredes, as fivelas e os zíperes reluziam. Atrás do balcão, um homem mais velho, parecendo entediado, lia o jornal, sem sequer erguer o rosto para os dois.

Nos fundos da loja, Kaye conseguia ver as amarras, os flagelos e os chicotes. Os olhos vazios das máscaras a observavam conforme ziguezagueava em direção a um par de luvas de borracha que se estendiam até os cotovelos.

Ela pegou as luvas, pagou o balconista entediado com cinco folhas encantadas e tirou a etiqueta de plástico com os dentes.

Corny estava ao lado de uma mesa de mármore com os dedos apoiados em uma pilha de panfletos que anunciavam um baile de fetiches. O papel amarelava em círculos que se expandiam, envelhecendo sob as mãos do garoto. Definhando. Um sorriso vagaroso foi despontando na boca de Corny, como se assistir àquilo lhe desse prazer.

— Pare com isso — falou Kaye, estendendo as luvas.

Corny a encarou, olhando para a amiga como se não a conhecesse. Mesmo enquanto colocava as luvas, Corny o fez de modo entorpecido, depois encarou, confuso, os braços cobertos pela borracha.

Enquanto saíam, o brilho de um par de algemas cromadas cobertas com pele de marta chamou atenção de Kaye, e ela as pegou, passando o dedo pela cobertura macia. Anos de instintos de furto a lojas a fizeram enfiar as algemas no bolso antes de chegar à porta.

— Não acredito que você atacou um cara no banheiro — falou Kaye assim que os dois atravessaram a rua.

— O quê? — Corny a olhou com raiva. — *Eu* não acredito que você acabou de roubar um par de algemas de pelúcia, clepto. De toda forma, ele não era *um cara*. Era da corte Digna. Era um deles.

— Um *deles*? Do povo das fadas? Como eu sou um deles?

— Ele estava lá para pegar você. Disse que deveria levá-la até Silarial — gritou Corny, e o nome pareceu pairar no ar frio noturno.

— E por isso você quase o matou? — A voz de Kaye se ergueu, parecendo esganiçada até mesmo aos ouvidos dela.

— Odeio ter que dar esta notícia — falou Corny, irritado —, mas Silarial odeia você. Foi você que ferrou com o plano dela de conquistar a corte Indigna, além disso, está pegando o ex-namorado dela...

— Pode parar com essa...

— Certo, já sei. A missão impossível. Olhe, tenho certeza de que poderia listar mais coisas a seu respeito que Silarial odeia, mas acho que entendeu o

que quero dizer. Não importa o que ela quer, eu quero o oposto.

— Não me importo com ela ou com seus mensageiros! — gritou Kaye.
— Eu me importo com você, e você está agindo como louco.

Corny deu de ombros e se virou de costas para Kaye, olhando pela vitrine de uma loja como se estivesse vendo outro lugar entre as prateleiras de roupas. Então sorriu para si mesmo no vidro.

— Não importa, Kaye. Estou certo a respeito dele. Eles amam ferir as pessoas. Pessoas como Janet.

Kaye estremeceu, a culpa pela morte de Janet era recente demais para que as palavras de Corny não soassem como uma acusação.

— Eu sei...

Corny a interrompeu.

— De toda forma, fui amaldiçoado, então acho que recebi o que merecia, não? O universo está em equilíbrio. Consegui aquilo que pedi.

— Não foi o que eu quis dizer — falou Kaye. — Nem sei o que quero dizer. Só estou assustada. Tudo está desmoronando.

— *Você* está assustada? Tudo que toco apodrece! Como vou comer? Como vou me masturbar?

Kaye gargalhou apesar de não querer.

— Sem falar que terei de me vestir com roupas baratas de sex shop para sempre. — Corny ergueu a mão enluvada.

— Que bom que isso o excita — falou Kaye.

Um sorriso lento se abriu no rosto dele.

— Tudo bem, foi burrice o que fiz. Eu deveria pelo menos ter descoberto o que Silarial queria.

Kaye balançou a cabeça.

— Não importa. Vamos voltar para o Brooklyn e descobrir o que fazer com suas mãos.

Corny apontou para um orelhão do lado de fora de um bar.

— Quer que eu ligue para o celular da sua mãe? Poderia dizer a ela que fomos expulsos da boate por sermos menores de idade. Posso mentir descaradamente.

Kaye fez que não.

— Depois que você espancou alguém no banheiro? Acho que ela sabe por que fomos expulsos.

— Ele estava me cantando — replicou Corny com inocência. — Eu precisava defender minha virtude.

Kaye abriu a porta do apartamento da mãe com uma chave sobressalente e se jogou na cama. Corny caiu ao lado dela e resmungou.

Enquanto olhava para a textura do teto, observou as fendas e as fissuras, deixando que sua mente afastasse a maldição de Corny e o fato de não ter explicação para ter saído do show da mãe. Em vez disso, pensou em Roiben, de pé diante de toda a concentração da corte Indigna e no modo como os súditos faziam reverência com as cabeças. Mas isso fez com que se lembrasse das crianças que haviam roubado de berços, carrinhos e balanços, para trocá-las por crianças das fadas ou pior. Kaye imaginou os dedos finos de Roiben fechando-se sobre pernas e braços flácidos e rosados. Ao olhar para o outro lado da cama, ela viu os dedos de Corny, cada um coberto pela borracha.

— Vamos consertar as coisas — falou Kaye.

— Como, exatamente, vamos fazer isso? — perguntou ele. — Não que eu duvide de você, saiba disso.

— Talvez eu consiga tirar a maldição. Tenho mágica, não tenho?

Corny se sentou.

— Acha que pode?

— Não sei. Deixe-me tirar o encantamento para poder usar tudo o que tenho. — Kaye se concentrou, imaginando o disfarce se rasgando como uma teia de aranha. Os sentidos dela se expandiram. Conseguia sentir o cheiro das crostas de comida queimada no forno, do cano de descarga dos carros, do mofo dentro das paredes e até mesmo da neve suja que os dois haviam espalhado pelo chão. Kaye sentiu o ferro, mais pesado do que nunca, corroendo as bordas de seu poder, tão claramente quanto sentia o roçar das asas nos ombros.

— Tudo bem — disse ela, deslizando na direção de Corny. — Tire uma luva.

Ele removeu uma delas e estendeu a mão para a amiga. Ela tentou imaginar a mágica como lhe disseram, como uma bola de energia formigando entre as palmas das mãos. Kaye então se concentrou em expandi-la, apesar do ar tomado pelo ferro. Quando a mágica se deteve

sobre as mãos de Corny, a pele de Kaye ardeu como se estivesse segurando uma urtiga. Ela conseguia mudar a forma dos dedos de Corny, mas não conseguia interferir na maldição.

— Não sei o que estou fazendo — disse Kaye, por fim, derrotada, deixando a concentração de lado e dissipando a energia. A mera tentativa a havia exaurido.

— Tudo bem. Soube de um cara que quebra feitiços. Um humano.

— Sêrio? Como soube dele? — Kaye remexeu o bolso.

Corny virou o rosto para longe, na direção da janela.

— Esqueci.

— Lembra-se do papel que a garota me deu? Do Reparador? É um começo. Reparação parece ser o que procuramos.

— Acha que precisa chamá-lo pelo pager, como se fosse um traficante?

— Corny bocejou e colocou a luva de novo. — Sua mãe vai, com certeza, fazer a gente dormir no chão, não vai?

Kaye se virou para o amigo e apoiou o rosto no ombro dele. A camisa de Corny cheirava a inseticida, e ela imaginou o que o homem das fadas que o amaldiçoou queria. Kaye pensou na outra Kaye, ainda presa na corte Digna.

— Acha que eu deveria contar a ela? — murmurou a garota contra a camisa.

— Contar o quê? Que queremos a cama?

— Que fui trocada. Que ela tem uma filha que foi roubada.

— Por que você faria isso? — Corny ergueu o braço e Kaye se enfiou debaixo dele, aconchegando a cabeça contra o peito do amigo.

— Porque nada disso é real. Não pertenço a este lugar.

— Onde mais pertenceria? — perguntou Corny.

Kaye deu de ombros.

— Não sei. Não sou peixe nem pássaro. O que sobrou?

— Peixe-voador — respondeu Corny. — É um peixe.

— Pelo menos as asas eu tenho.

Uma chave chacoalhou na porta.

Kaye se levantou com um salto, e Corny segurou-a pelo braço.

— Tudo bem, conte a ela.

Ela fez que não com a cabeça rapidamente. A porta se abriu, e Ellen entrou, os ombros salpicados de neve recente.

Kaye buscou o que restava de encantamento para voltar à aparência humana, mas estava muito fraca. A mágica e o ferro haviam corroído mais de sua energia do que ela imaginou.

— Não está funcionando — sussurrou Kaye. — Não consigo voltar.

Corny deu um riso de escárnio.

— Acho que terá que contar agora.

— Soube que vocês dois se meteram em problemas, não foi? — Ellen gargalhou ao colocar o case da guitarra sobre a mesa da cozinha coberta com papel. Ela tirou o casaco e o deixou no chão.

Kaye virou as costas para a mãe, escondendo o rosto com os cabelos. Não tinha certeza de quanto o encantamento escondia, mas pelo menos não conseguia mais sentir as asas.

— Ele deu em cima de mim — replicou Corny.

Ellen ergueu as sobrancelhas.

— Você deveria aprender a aceitar melhor um elogio.

— As coisas saíram do controle — falou Kaye. — O cara era um babaca.

Ellen caminhou até a cama e se sentou, então começou a tirar as botas.

— Acho que deveria ficar feliz por vocês, justiceiros, não terem se machucado. O que aconteceu, Kaye? Parece que derrubaram uma lata de tinta verde sobre seu corpo. E por que está escondendo o rosto?

Kaye inspirou fundo com tanta força que se sentiu tonta. O estômago se revirou.

— Sabe — falou Corny. — Acho que vou caminhar até a loja da esquina. Senti um desejo repentino por salgadinhos de queijo. Querem alguma coisa.

— Alguma bebida dietética — respondeu Ellen. — Pode pegar o dinheiro no bolso do meu casaco?

— Kaye? — perguntou ele.

Ela fez que não com a cabeça.

— Tudo bem, volto logo — disse Corny. De soslaio, Kaye viu que o amigo a olhou enquanto destrancava a porta.

— Tenho algo a dizer — falou Kaye, sem se virar.

Ela conseguia ouvir a mãe abrindo os armários.

— Tem algo que quero dizer a você também. Sei que prometi que ficaríamos em Nova Jersey, mas eu não consegui. Minha mãe... ela me irrita, você sabe disso. Fiquei magoada quando você resolveu ficar.

— Eu... — começou Kaye, mas Ellen a interrompeu.

— Não — disse ela. — Fico feliz. Acho que sempre soube que enquanto você fosse feliz, então eu seria uma boa mãe, não importava o quanto nossas vidas fossem estranhas. Mas você não estava feliz, não é? Então, tudo bem, Jersey não funcionou, mas as coisas serão diferentes em Nova York. Este apartamento é meu, não de algum namorado. E estou trabalhando como atendente de bar, não apenas com shows. Estou mudando as coisas. Quero outra chance.

— Mãe. — Kaye se virou um pouco. — Acho que deveria ouvir o que tenho a dizer antes de continuar.

— Sobre hoje à noite? — perguntou Ellen. — Eu sabia que havia mais a respeito da história. Vocês dois jamais atacariam um cara porque ele...

Kaye interrompeu a mãe.

— Sobre muito tempo atrás.

Ellen pegou um cigarro em um maço sobre a mesa. Ela o acendeu no fogão. Ao se virar, semicerrou os olhos, como se tivesse acabado de notar a pele de Kaye.

— Bem? Pode falar.

Kaye respirou fundo. Sentia as batidas do coração como se estivessem no cérebro em vez de no peito.

— Não sou humana.

— O que isso deveria querer dizer? — Ellen franziu a testa.

— Sua filha de verdade se foi há muito tempo. Desde que era muito pequena. Desde que nós duas éramos muito pequenas. Eles nos trocaram.

— O que trocou você?

— Existem coisas... coisas sobrenaturais no mundo. Algumas pessoas as chamam de fadas, outras, de monstros ou demônios ou o que quer que seja, mas elas existem. Quando as... as fadas levaram sua filha de verdade, me deixaram no lugar.

Ellen a encarou, as cinzas do cigarro ficando tão compridas que caíam no dorso da mão.

— Isso é uma besteira completa. Olhe para mim, Kaye.

— Eu não sabia até outubro. Talvez eu devesse ter adivinhado... havia pistas. — Kaye sentia como se os olhos estivessem secos, como se a garganta estivesse seca conforme falava. — Mas eu não sabia.

— Pare. Isso não tem graça e não é legal. — A voz de Ellen parecia dividida entre a irritação e o temor verdadeiro.

— Posso provar. — Kaye caminhou até a cozinha. — Lutie-loo! Saia. Revele-se para ela.

A pequena fada voou de cima da geladeira e pousou sobre o ombro de Kaye, as minúsculas mãos agarraram uma mecha de cabelo para se equilibrar.

— Estou entediada e tudo fede. — Lutie fez um biquinho. — Deveria ter me levado para a festa. E se você ficasse bêbada e caísse de novo?

— *Kaye* — disse Ellen com a voz trêmula. — O que é essa coisa?

Lutie emitiu um rosnado.

— Grosseira! Vou embarçar seu cabelo e azedar seu leite.

— Ela é minha prova. Para que você me ouça. *De verdade*.

— O que quer que seja — falou Ellen —, você não se parece nada com ela.

Kaye respirou fundo e se livrou do restante do encantamento. Não conseguia ver o próprio rosto, mas sabia como parecia para Ellen agora. Os olhos pretos e reluzentes como óleo, a pele verde como uma mancha de grama. Consequia ver suas mãos, entrelaçadas diante do corpo, os longos dedos com uma articulação a mais que os fazia parecer tortos mesmo quando estavam relaxados.

O cigarro caiu dos dedos de Ellen. Ele queimou o piso de linóleo no lugar em que pousou, as bordas da cratera de plástico que derretia brilhavam, o centro estava preto como as cinzas. Preto como os olhos de Kaye.

— Não — exclamou Ellen, sacudindo a cabeça e se afastando da filha.

— Sou eu — disse Kaye. Os braços e as pernas dela pareciam frios, como se todo o sangue de seu corpo tivesse subido para o rosto. — E assim que sou de verdade.

— Não entendo. Não entendo o que você é. Onde está minha filha?

Kaye tinha lido sobre bebês trocados, sobre como as mães conseguiam os próprios bebês de volta. Elas aqueciam atizadores de ferro e atiravam os bebês de fada no fogo.

— Ela está no Reino das Fadas — falou Kaye. — Eu a vi. Mas você me *conhece*. Ainda sou eu. Não quero assustá-la. Posso explicar tudo agora que você vai ouvir. Podemos trazê-la de volta.

— Você roubou minha filha e agora quer me ajudar? — Ellen exigiu saber.

Nas fotos, Kaye era uma coisinha magricela de olhos pretos. Ela pensava nisso agora. Nos dedos ossudos. Comendo. Sempre comendo. Será que Ellen suspeitara? Soubera por algum tipo de instinto materno no qual ninguém jamais teria acreditado?

— Mãe... — Kaye caminhou em direção à mãe e estendeu a mão, mas o olhar no rosto de Ellen a impediu. O que saiu da boca de Kaye foi uma gargalhada nervosa.

— Não ria — gritou a mãe. — Acha que isso é engraçado?

Uma mãe deve conhecer cada centímetro do próprio bebê, o cheiro doce, cada unha nos dedos, o número de redemoinhos no cabelo. Será que Ellen se sentira enojada e tivera vergonha do nojo?

Será que tinha empilhado aqueles livros como assento esperando que Kaye caísse? Seria por isso que se esquecia de colocar comida na geladeira? Por isso que deixava Kaye sozinha com estranhos? Será que a mãe a havia punido de pequenas formas por algo que era tão impossível que não poderia ser admitido?

— *Que merda você fez com minha filha?* — berrou Ellen.

As risadas de nervosismo não paravam. Era como se o absurdo e o horror precisassem escapar de algum modo, e a única saída era pela boca de Kaye.

Ellen deu um tapa na filha. Por um momento, Kaye ficou completamente calada, então urrou às gargalhadas. O riso saía de dentro dela como gritinhos, como se o que restava de sua natureza humana estivesse queimando.

Pelo vidro da janela, ela viu as asas, levemente dobradas, reluzindo nas costas.

Ao batê-las duas vezes, Kaye deu um salto para cima do balcão da cozinha. A luz fluorescente zunia sobre sua cabeça. As asas escurecidas de dezenas de mariposas manchavam a grade amarelada da luminária.

Ellen, espantada, se afastou até chapar o corpo contra os armários.

Enquanto olhava para baixo, Kaye conseguia sentir o sorriso na boca, largo e terrível.

— Vou trazer sua filha verdadeira de volta — disse ela com a voz carregada de alegria amarga. Era um alívio finalmente saber o que precisava

fazer. Admitir que não era humana.

E, pelo menos, era uma missão que poderia completar.

Capítulo 6

*Tudo lhe foi tirado: vestidos brancos,
asas, até mesmo a existência.*

— Czeslaw Milosz, *On Angels*

Corny estremecia nos degraus do prédio. O frio do cimento passava através do tecido fino da calça jeans enquanto flocos de neve congelavam os cabelos do garoto. O café quente que tinha comprado na loja de bebidas tinha gosto de cinzas, mas Corny fez careta e tomou outro gole para se esquentar. Ele tentou não reparar que rachaduras finas já tinham começado a se formar nas pontas das luvas de borracha.

Ele não queria pensar demais a respeito do alívio que sentira quando Kaye não conseguiu retirar a maldição. Sentira-se enjoado a princípio, como se fosse ele que estivesse apodrecendo, não as coisas que tocava. Mas não era Corny quem definhava. Apenas todo o resto. Ele imaginou todas as coisas que odiava, todas as coisas que podia destruir. Sentiu que segurava o copo com tanta força que o papel se dobrou e o café derramou em sua perna.

Kaye empurrou a porta de entrada com força o suficiente para quase arrancá-la. Lutie flutuava a seu lado, disparando para a segurança do ar.

Corny se levantou por reflexo.

Kaye caminhou para cima e para baixo nos degraus.

— Ela me odeia. Acho que eu deveria ter esperado por isso.

— Bem, então não vou levar o refrigerante dela — disse Corny, empurrando o anel da lata e tomando um gole. Fez uma careta. — Eca! Diet.

Kaye nem mesmo sorriu. Ela enroscou o casaco roxo ao redor do corpo.

— Vou trazer a outra Kaye de volta para ela. Vou desfazer a troca.

— Mas... Kaye. — Corny lutava para encontrar as palavras. — Você é filha dela, e aquela outra garota... ela nem mesmo conhece Ellen. Ellen não conhece a garota.

— Claro — disse Kaye, distraída. — Pode ser esquisito no início, mas elas se entenderão.

— Não é tão simples assim... — Corny começou a dizer.

Kaye o interrompeu.

— É simples assim. Vou ligar para o número naquele papel e ver a rainha. Se ela quer algo de mim, então terei uma chance de trazer a outra Kaye de volta.

— Lógico. Aposto que ela trocaria a Chibi-Kaye por sua cabeça em uma bandeja — disse Corny, franzindo a testa.

— *Chibi-Kaye?* — Kaye parecia não saber se ria ou batia nele. Corny deu de ombros.

— Sabe, como naqueles mangás em que desenham a versão menor e bonitinha de um personagem.

— Eu sei o que é chibi! — Kaye vasculhou o bolso. — Dê-me seu celular por um segundo.

Corny olhou para ela, contido.

— Sabe que vou com você, não é?

— Eu não... — começou Kaye.

— Eu aguento — respondeu Corny antes que a amiga terminasse. — Só porque isso é uma estupidez não significa que você pode fazê-la sozinha. E não preciso da sua proteção.

— E eu não quero estragar sua vida mais do que já estraguei!

— Olhe — disse Corny. — Antes, você mencionou que talvez esse Reparador pudesse saber algo sobre minha maldição. Nós teríamos ligado para essa pessoa, e eu teria ido com você de qualquer jeito.

— Tudo bem, tá, tá. Celular?

— Deixe-me ligar — falou Corny, e estendeu a mão.

Kaye suspirou, parecendo esvaziar. Ela estendeu o papel.

— Está bem.

Corny digitou o número, embora tenha precisado de algumas tentativas com as luvas grossas. O telefone tocou uma vez e uma voz computadorizada falou:

— *Digite jogo da velha e disque seu número.*

— Pager — disse ele para o olhar questionador de Kaye. — É, seu guia para a corte Digna é, com certeza, um traficante.

Lutie repousou no ombro de Kaye e segurou uma mecha de cabelo verde, enroscando-a ao redor do minúsculo corpo como se fosse um manto.

— Friozinho cruel — disse ela. — Vamos para seu carro. Talvez ao chegarmos ele ligue de volta.

Corny desceu saltando pelos degraus.

— Ou podemos dormir no banco de trás cobertos de lixo de fast-food como o irmão e a irmã daquele conto infantil que acabam morrer...

— Lutie — falou Kaye, interrompendo-o. — Você não pode vir. Precisa cuidar da minha mãe. Por favor. Apenas para se certificar de que ela está bem.

— Mas fede, e estou entediada.

— Lutie, por favor. Aonde vamos... pode ser perigoso.

A pequena fada voou para cima, as asas e os cabelos embaraçados cor de creme a faziam parecer um punhado de neve que fora jogado.

— Estou um pouco doente pelo ferro, mas ficarei. Por você. Por você. — A fadinha apontou o minúsculo indicador fino como um palito de dentes para Kaye enquanto voava até a janela do apartamento.

— Voltaremos para buscar você assim que pudermos — gritou Corny, embora estivesse aliviado. Às vezes era cansativo tentar não encarar as mãos delicadas da fada ou as miniaturas de olhos, pretos como corvos. Não havia nada humano em relação a ela.

Enquanto atravessavam a rua, o telefone de Corny tocou. Ele abriu o flip.

— Oi.

— O que quer? — Era a voz de um jovem, baixa e irritada. — Quem deu esse número a você?

— Desculpe-me. Talvez eu tenha discado errado. — Corny arregalou os olhos para Kaye. — Estamos procurando por um... pelo... pelo Reparador.

O outro lado da linha ficou mudo, e Corny se encolheu ao perceber como soou ridículo.

— Ainda não me disse o que quer — falou o rapaz.

— Minha amiga recebeu um bilhete. Disse que você poderia ajudá-la a ver a rainha.

— Tudo bem.

— Então, espere, você é o Reparador? — perguntou Corny, sorrindo quando Kaye olhou para ele com muita impaciência.

— Pergunte a ele sobre a maldição — disse ela.

— Isso, sou eu. — O tom de voz do garoto tornava difícil saber se ele estava falando sério mesmo. — E sim, eu deveria levar uma garota para o

norte do estado. Diga a ela para vir aqui de manhã, e nós iremos. Tem papel?

— Espere aí. — Corny buscou algo em que escrever. Kaye colocou a mão no bolso e pegou uma caneta. Quando a estendeu, Corny pegou a caneta e o braço da amiga. — Tudo bem, pode falar.

O garoto deu a eles o endereço. Riverside Drive, em Upper West Side. Corny escreveu na pele de Kaye.

— Quero ir agora — disse Kaye. — Fale para ele. Hoje à noite.

— Ela quer ir esta noite — repetiu Corny ao telefone.

— Essa garota é maluca? — perguntou o menino. — São duas da manhã.

Kaye arrancou o telefone das mãos de Corny.

— Só precisamos das direções. Aham — disse ela. — Tudo bem. — Kaye desligou. — Ele quer que a gente vá até o endereço que deu a você.

Corny se obrigou a não revirar os olhos.

Corny estacionou diante de um parquímetro, mas pensou que poderia retirar o carro depois. Além do parque, o rio reluzia, refletindo as luzes da cidade. Kaye respirou fundo enquanto saía, e Corny viu coloração humana por cima das bochechas verdes da amiga.

Os dois caminharam de um lado para outro da rua, verificando os números, até que chegaram a um prédio baixo com uma porta preta lustrosa.

— Este não é o lugar de verdade, é? — perguntou Corny. — Parece meio que muito bom. Bom demais.

— O endereço está certo. — Kaye estendeu o braço para mostrar a Corny o que ele havia escrito.

Uma mulher com olhos vermelhos e cabelos arrepiados desceu até o saguão e deixou que a porta se fechasse atrás de si. Corny correu e segurou a porta antes que batesse. Enquanto a mulher descia os degraus, ele pensou ter visto um monte de galhos amarrados nos braços dela.

O olhar de Kaye seguiu os galhos.

— Talvez devêssemos pensar melhor a respeito disso — falou Corny.

Kaye tocou a campainha.

Depois de alguns segundos, um garoto de pele escura com os cabelos trançados ao estilo espinha de peixe abriu a porta. Um dos olhos dele estava anuviado, a parte mais baixa da pupila obscurecida por uma névoa leitosa.

Bastões de metal atravessavam a sobrancelha do rapaz, e uma fina cicatriz pálida sob seu lábio inferior parecia indicar que, em algum momento, um piercing lhe fora arrancado da boca, apesar de um piercing novo brilhar ao lado da cicatriz.

— Você é da corte Digna? — perguntou Corny, incrédulo.

O garoto fez que não com a cabeça.

— Sou tão humano quanto você. Mas ela, por outro lado. — O rapaz olhou para Kaye. — A rainha não disse nada sobre uma fada alada. Não deixo seres do povo entrarem em minha casa.

Corny olhou para Kaye. Para ele, ela parecia estar com encantamento, as asas haviam sumido, a pele estava rosada e os olhos eram de um castanho perfeitamente comum. Então olhou de volta para o garoto à porta.

— Então, o que exatamente ela *disse*? — perguntou Kaye. — Silarial.

— O mensageiro dela me disse que você ficava um pouco assustado perto de fadas — disse o rapaz, olhando para Corny. — Que talvez se sentisse mais confortável comigo.

Kaye cutucou Corny na lateral do corpo, e ele revirou os olhos. Assustado não era exatamente como ele queria ser lembrado.

— Eu deveria dizer a você que Lady Silarial a Convida para visitar sua corte. — O rapaz girava o piercing do lábio, distraído. — Quer que você considere seu papel na guerra iminente.

— Tudo bem, basta — disse Corny. — Vamos sair daqui.

— Não — falou Kaye. — Espere.

— Ela previu que você hesitaria. — O rapaz sorriu.

Corny o interrompeu.

— Deixe-me adivinhar. Apenas por tempo limitado, a rainha oferece a assinatura gratuita de uma revista para cada viagem forçada ao Reino das Fadas. É possível escolher entre *Fadas Quase Nuas* e *Cavalo das Águas Quadrimestral*.

O garoto soltou uma gargalhada surpresa.

— Claro. Mas não apenas a revista. Ela também oferece a vocês dois proteção enquanto durar a viagem. Ida e volta.

Corny imaginou se era possível que aquele cara tivesse acabado de fazer uma referência a Tolkien. Ele não parecia mesmo ser do tipo.

Kaye semicerrou os olhos.

— Já vi você antes. Na corte escura.

O sorriso sumiu do rosto do garoto.

— Só estive lá uma vez.

— Com uma garota — falou Kaye. — Ela duelou com um dos súditos de Roiben. Você provavelmente não se lembra de mim.

— *Você é da corte Indigna?* — O rapaz exigiu saber. O olhar dele se voltou para Corny e seus olhos se estreitaram.

Corny se lembrou de que não se importava com o que aquele cara achava de nenhum dos dois.

Kaye deu de ombros.

— Mais ou menos.

O rapaz sugou ar por entre os dentes.

— Não é um lugar tão legal.

— E a corte iluminada é cheia de açúcar, mel e tudo de bom? — perguntou Kaye a ele.

— Ponto para você. — O rapaz enfiou as mãos nos bolsos do casaco enorme. — Olhe, a rainha quer que eu leve vocês até ela, e não tenho muita escolha quanto a ser o cachorrinho dela, mas vocês precisam voltar de manhã de qualquer jeito. Estou esperando alguém muito cedo e preciso cuidar disso antes de sair.

— Não podemos — falou Corny. — Não temos onde dormir.

O garoto olhou para Kaye.

— Não posso deixar que ela fique aqui. Faço trabalhos para pessoas... pessoas *humanas*. Se virem alguma fada e o garotinho dela por aqui, vão achar que não podem confiar em mim.

— Então acho que não sabem que você é o garotinho de Silarial — disse Corny. — Ou saberiam que não podem confiar em você.

— Eu faço o que preciso fazer — disse ele. — Não como você... um mero laçao da corte escura. Não se incomoda quando eles torturam humanos ou gosta de assistir?

Corny o empurrou com força, e o poder de sua raiva o surpreendeu.

— Não sabe nada sobre mim.

O rapaz gargalhou, uma risada curta e alta, cambaleando para trás. Corny pensou nas próprias mãos, mortais dentro das luvas. Ele queria fazer o

garoto parar de rir.

Kaye se colocou entre os dois.

— Então, se eu tirasse meu encanto e ficasse sentada à sua porta, isso seria um problema?

— Você não faria isso. Seu encanto a protege muito mais do que a mim.

— É mesmo? — perguntou Kaye.

Uma fada alada. O rapaz soubera desde o início, não apenas que Kaye era uma fada, mas que tipo de fada ela era. Corny pensou no pequeno duende e no que ele dissera: *Há um menino com a Visão da Verdade. Na grande cidade de exilados e de ferro, ao norte. Ele anda quebrando feitiços de mortais.* O rapaz tinha a Visão da Verdade. Ele não sabia dizer se Kaye estava ou não com o encantamento.

Corny se virou para Kaye e arregalou os olhos levemente, no que esperou que parecesse indicar surpresa. Então se virou de volta para o garoto e sorriu.

— Acho que ela estava falando sério. Nossa, não consigo me acostumar com as asas e a pele verde... tão assustador. Acho que teremos que ficar nos degraus do seu prédio agora. Não é como se tivéssemos algum lugar para ir. Mas não se preocupe, se alguém vier procurar por você, diremos que você sairá logo... assim que terminar de ajudar um duende metamorfo a encontrar as chaves.

O garoto franziu a testa. Corny apoiou a mão enluvada no braço de Kaye, incentivando-a a entrar na brincadeira. Com um rápido olhar na direção do amigo, ela gesticulou com os ombros magros.

— Pelo menos saberá onde nos encontrar de manhã — disse Kaye.

— Tudo bem — falou o garoto, erguendo as mãos. — Entrem.

— Obrigado — respondeu Corny. — Esta é Kaye, aliás. Não “a fada” ou “minha senhora da corte escura” ou qualquer outra coisa, e eu sou... — Ele fez uma pausa. — Neil. Cornelius. As pessoas me chamam de Neil.

Kaye olhou para o amigo, e, por um momento terrível, Corny achou que ela riria. Não queria que aquele garoto o chamasse de Corny. *Corny*, como se ele fosse o Rei dos Idiotas, como se o mero nome prenunciasse como estava mal, cansado e era entediante.

— Sou Luis — falou o garoto, distraído, abrindo a porta. — E este é o apartamento que invadi.

— Você invadiu um apartamento *aqui*? — perguntou Kaye. — Em Upper West Side?

Do lado de dentro, as paredes de gesso estavam rachadas e pedaços de escombros cobriam o piso de madeira arranhado. Manchas circulares marrons e úmidas cobriam o teto, e um emaranhado de fios dentro da estrutura era visível em um canto.

A respiração de Corny se condensou no ar como se ainda estivessem do lado de fora.

— Mais majestoso do que um trailer — disse ele. — Mas também, estranhamente, mais detonado.

— Como encontrou este lugar? — perguntou Kaye.

Luis olhou para Kaye.

— Lembra-se daquela fada contra quem minha amiga Val duelou na corte Indigna?

Kaye assentiu.

— Mabry. Tinha pés de cabra. Tentou matar Roiben. Sua amiga a matou.

— Este é o antigo apartamento dela. — Luis suspirou e se voltou para Kaye. — Olhe, não quero você falando com meu irmão. As fadas causaram estragos sérios a ele. Deixe-o em paz.

— É claro — replicou Corny.

Luis os levou para uma antessala mobiliada com caixas de leite emborcadas e sofás rasgados. Um menino negro bastante magro, com dreadlocks que se arrepiavam na cabeça como lanças, estava sentado no chão, comendo balas de gelatina de um saco de celofane. Suas feições lembravam as de Luis, mas havia um vazio esquisito em volta dos olhos dele, e a boca do menino parecia funda e estranha.

Kaye se jogou no sofá xadrez mostarda, espreguiçando-se contra as almofadas. O encosto estava rasgado, e o estofado saía pelo tecido aberto ao lado de uma mancha que se parecia bastante com sangue. Corny se sentou ao lado dela.

— Dave — disse Luis. — São umas pessoas que estou ajudando. Vão passar a noite aqui. Isso não significa que tenhamos que ser amigos... — Uma campainha o interrompeu. Luis enfiou a mão no bolso e tirou o pager de dentro. — Merda.

— Pode usar meu celular — ofereceu Corny, mas imediatamente se sentiu um otário. O que estava fazendo, sendo gentil com aquele cara?

Luis parou por um momento, e, à meia-luz, o olho anuviado dele pareceu ser azul.

— Há um orelhão na loja de bebidas na... — O rapaz se interrompeu. — Tá, tudo bem. Agradeço.

Corny o encarou por tempo demais, então virou o rosto, verificando os bolsos. Dave semicerrou os olhos.

Enquanto discava, Luis saiu da sala.

Kaye se inclinou na direção de Corny e sussurrou:

— O que estava fazendo lá fora?

— Ele vê através do encantamento — sussurrou Corny de volta. — Ouvi falar dele, anda quebrando feitiços de fadas.

Kaye deu um riso de escárnio.

— Não é surpresa que não queira que humanos saibam que está de conchavo com a corte Digna. Está jogando nos dois times. Quando voltar, deveria perguntar a ele sobre suas mãos.

— O que quer dizer com “de conchavo”? — perguntou Dave. A voz dele era seca como papel sendo rasgado. — O que meu irmão está fazendo?

— Ela não quis dizer nada — disse Corny.

— Por que não podemos falar com você? — questionou Kaye.

— *Kaye* — alertou-a Corny.

— O quê? — A voz da garota estava baixa. — Luis não está aqui. Quero saber.

Dave gargalhou, uma gargalhada vazia e amarga.

— Sempre tentando ser o irmãozão. Está viajando se acha que pode impedi-los de me matar.

— Quem quer matar você? — perguntou Corny.

— Luis e eu costumávamos ser entregadores de um troll. — Dave enfiou um punhado de balas de gelatina na boca e falou enquanto mastigava. — Poções. Evitam que a doença do ferro os atinja. Mas se uma pessoa a toma... sabe o que acontece?

Corny se inclinou para a frente, intrigado, apesar de relutante.

— O quê?

— Qualquer coisa — respondeu Dave. — Toda a merda que eles podem fazer. Toda ela.

Ouviu-se uma batida distante, como se alguém estivesse à porta. Kaye se virou na direção da entrada com os olhos arregalados.

Uma bala meio mastigada de alcaçuz caiu da boca de Dave.

— Parece que meu irmão vai ficar ocupado por um tempo. Sabiam que beber urina afasta os encantamentos das fadas?

— Nojento. — Kaye fez uma careta.

Dave deu um gritinho que pareceu uma risada.

— Aposto que ele está mijando em copos agora mesmo.

Kaye se encolheu no sofá, tirou as botas e apoiou os pés no colo de Corny. Cheiravam a caules de dente-de-leão sovados, e Corny pensou em seiva de dente-de-leão cobrindo seus dedos, grudentos e brancos, em um gramado, no verão, anos antes, enquanto ele arrancava as flores e as atirava na irmã, que dormia. Corny se sentiu abruptamente sufocado pelo luto.

— Espere um pouco — disse Kaye. — Por que querem matar você?

— Porque eu envenenei um monte deles. Então, sou um homem morto. Mas que bem há em ficar preso aqui em cima enquanto Luis tenta barganhar uma ou duas semanas a mais de tédio? Pelo menos posso me divertir um pouco com o tempo que me resta. — Dave sorriu, mas pareceu mais uma careta, a pele de suas bochechas se esticou de modo doloroso. — Meu irmão pode me dizer o que fazer o quanto quiser, mas vai para o norte do estado esta semana. Quando o gato sai, os ratos fazem a festa.

Corny piscou forte, como se a pressão sobre as pálpebras pudesse afastar as lembranças.

— Espere — falou ele. — Você matou um monte de seres das fadas?

— Acha que não matei? — perguntou Dave.

— Ei! — Luis estava à porta. Uma garota latino-americana e uma mulher mais velha estavam atrás dele. — O que estão fazendo?

Corny segurou um dos tornozelos de Kaye com a mão enluvada.

— Falo com quem eu quiser — disse Dave, levantando-se. — Você fica me dando ordens, se achando melhor do que eu.

— Acho que *sei* mais do que você — replicou Luis.

A garota se virou na direção de Corny, e ele viu que os braços e o rosto dela estavam cobertos pelo que pareciam ser vinhas crescendo sob a pele. Minúsculas manchas de sangue seco pontuavam os lugares em que os espinhos se erguiam de dentro da pele dela.

— Você não sabe nada. — Dave chutou uma mesa e a atirou de lado, então saiu da sala.

Luis se voltou para Kaye.

— Se eu descobrir... se ele me disser que você chegou perto dele — gritou Luis. — Que você falou com ele...

— Por favor — disse a mulher. — Minha filha!

— Desculpe-me — respondeu Luis, sacudindo a cabeça e olhando para a porta.

— O que houve com ela? — perguntou Corny.

— Ela vê uns garotos o tempo todo no parque — contou a mulher a Corny. — São bonitos, mas perigosos. Não são humanos. Um dia, implicaram com Lala, e ela os insultou. Então isto. Nada da *botânica* ajudou.

— Vocês dois deveriam esperar na outra sala — disse Luis enquanto puxava as mangas do casaco. — Isso vai ser feio.

— Estou bem aqui — falou Corny, tentando não parecer impressionado. Ele tinha diversas fantasias diferentes sobre si mesmo que gostava de resgatar quando estava se sentindo terrível. Em uma, era o lunático assustador, o cara que um dia surtaria, conseguiria um rifle poderoso e enterraria os corpos de todas as pessoas que o haviam prejudicado em uma enorme cova no quintal. Havia também o gênio incompreendido, a pessoa que todos descartavam, mas que no final triunfava devido à competência superior. E a fantasia mais patética de todas era aquela em que ele tinha algum poder mutante secreto que estava sempre próximo de descobrir.

— Preciso que ela se deite no chão. — Luis caminhou até a minúscula cozinha e retornou com uma faca improvisada. Os olhos da mulher não deixaram a lâmina. — Ferro frio.

Luis tinha, de fato, um poder secreto e era competente. Aquilo irritava Corny. Tudo o que ele tinha eram mãos amaldiçoadas.

— Para que serve isso? — perguntou Lala.

Luis sacudiu a cabeça.

— Não vou cortar você, prometo.

A mulher estreitou os olhos, mas a garota pareceu reconfortada e se abaixou até o chão. As vinhas se mexeram sob a pele dela, rasgando-a. Lala se contraiu e gritou.

Kaye ergueu o rosto para Corny e levantou as sobrancelhas.

Luis se agachou sobre Lala, prendendo o corpo esguio da jovem.

— Ele sabe o que fazer, certo? — perguntou a mulher a Corny. O garoto assentiu.

— Claro.

Luis enfiou a mão no bolso e salpicou uma substância branca — talvez sal — sobre o corpo da menina. Ela se contorceu, gritando. As vinhas rastejavam como cobras.

— Você está machucando ela! — A mãe de Lala arquejou.

Luis sequer olhou para cima. Ele jogou mais um punhado, e Lala deu um gritinho esganiçado. A pele da garota se esticou e se rasgou devido ao sal, na altura do pescoço, e a sufocou.

A boca de Lala se abriu, mas em vez de um ruído, galhos cobertos de espinhos irromperam, serpenteando na direção de Luis. Ele os cortou com a faca. O ferro cortava as vinhas facilmente, mas mais surgiam, partindo-se e se enroscando como tentáculos, tentando agarrá-lo.

Corny gritou e puxou as pernas para cima do sofá. Os gritos da mãe de Lala tinham se tornado um longo apito de chaleira.

Um galho se enroscou no pulso de Luis enquanto outros rastejavam na direção da cintura dele e se espalhavam pelo chão. Os longos espinhos perfuraram a pele do rapaz. Os olhos de Lala se reviraram, e seu corpo se convulsionou. Os lábios da menina reluziam com sangue.

Luis deixou a faca cair e segurou os galhos, arrancando as gavinhas enquanto elas se enroscavam em suas mãos.

Corny se lançou à frente, pegou a faca e começou a cortar os espinhos.

— Não, seu idiota — gritou Luis. Um punhado de galhos irrompeu de súbito da boca de Lala, as raízes, parecidas com vermes escorriam para fora de sua garganta, brilhando devido à saliva. A vinha maior ficou escura e se encolheu.

Lala começou a tossir. A mulher se ajoelhou ao lado dela, chorando e arrumando o cabelo da filha.

Os braços de Luis estavam riscados com arranhões. Ele se levantou e virou o rosto como se estivesse confuso.

A mãe de Lala ajudou a menina a se levantar e começou a levá-la na direção da porta.

— *Gracias, gracias* — murmurava a mulher.

— Espere — disse Luis. — Preciso falar com sua filha por um minuto. Sem você.

— Não quero — respondeu Lala.

A mulher assentiu.

— Rápido. Ela está muito cansada agora. — A mãe fechou a porta que separava o corredor da sala.

Luis olhou para Lala. A garota cambaleou um pouco e se equilibrou ao apoiar a mão contra a parede.

— O que contou a sua mãe — perguntou Luis — não foi exatamente o que aconteceu, foi?

A menina hesitou, então fez que não com a cabeça.

— Um daqueles garotos deu algo para você comer... talvez você tenha comido só um pedacinho? Talvez apenas uma semente?

Lala assentiu sem encarar Luis.

— Mas agora você já aprendeu, não é?

— Sim — sussurrou a menina, então saiu em disparada para se juntar à mãe. Luis a olhou ir embora. Corny o observou analisar Lala.

— Sua fada falou com meu irmão, não falou? — Luis exigiu saber e apontou Kaye com a cabeça.

— O que acha? — replicou Corny.

Luis bocejou.

— Acho que temos de sair daqui o mais rápido possível. Mostrarei a vocês onde dormir.

Corny se ajeitou em um dos colchões espalhados pelo chão do que um dia poderia ter sido uma sala de jantar. Dave já estava enroscado em um monte de cobertores contra a parede mais afastada, sob o que havia restado de uma moldura de parede. Kaye cambaleou para dentro, vindo do corredor, se enroscou em uma almofada decorativa e caiu no sono imediatamente. Luis se deitou ali perto.

Ao flexionar os dedos, Corny observou a borracha se apertar sobre suas juntas. A cobertura brilhosa já havia saído das luvas. Poderiam estar rachadas pela manhã. Com cuidado, ele tirou uma das luvas e tocou a ponta do edredom de Luis. O tecido fino se rasgou, as pontas ficaram puídas, e as penas saíram de dentro. Corny as observou serem sopradas pela leve corrente da janela, caindo sobre tudo, como se fossem neve.

Luis se mexeu enquanto dormia, e as penas pousaram sobre suas tranças. Uma ficou bem no canto de sua boca, estremecendo a cada respiração. Parecia fazer cócegas. Corny queria retirar a pena do caminho. Seus dedos se contorceram.

Luis entreabriu os olhos.

— O que está olhando?

— Você está babando — mentiu Corny rapidamente. — É nojento.

Luis resmungou e se virou.

Corny recolocou a luva com o coração tão acelerado que se sentia zozinho.

Gosto dele, pensou, horrorizado; a injustiça daquilo sobre todo o resto encheu o garoto de um ódio que o desconcentrava. *Merda. Gosto dele.*

Kaye acordou com a luz do sol entrando pelas enormes janelas. Corny estava estirado ao lado dela, roncando baixinho. De alguma forma, havia roubado todos os cobertores de Kaye. Tanto Dave quanto Luis não estavam lá.

A boca de Kaye estava seca, e a menina sentia tanta sede que nem mesmo pensou onde estava ou por que estava ali até entrar no banheiro e beber vários punhados de água. A água tinha gosto de ferro. O metal parecia estar por toda parte, borbulhando dos canos e vazando do teto.

Enquanto caminhava com cuidado pelo piso frio para tentar encontrar algo para comer, Kaye ouviu um barulho esquisito, como se todo o conteúdo de uma bolsa tivesse sido jogado no chão. Os odores da umidade estavam mais intensos, e ela conseguia sentir o encantamento se desgastar. Kaye olhou para a mão, verde como uma folha. Seguindo na direção do barulho, ela chegou à sala dos sofás recolhidos, onde o fogo queimava na lareira.

Um homem de meia-idade com cabelos curtos encaracolados e com uma bolsa transpassada cheia demais estava próximo das janelas. Quando Kaye entrou, o homem começou a falar. Mas em vez de sons, moedas de cobre caíam da boca dele e estalavam e rolavam pelas tábuas de madeira gastas.

Luis colocou a mão no braço do homem.

— Fez o que mandei? — perguntou ele, abaixando-se para recolher as moedas. — Sei que o metal tem gosto de sangue, mas precisa fazer.

O homem assentiu e gesticulou energicamente para a própria boca.

— Eu disse a você que a cura seria engolir as próprias palavras. Isso significa cada moedinha que sair de sua boca. Está me dizendo que fez

isso?

Dessa vez o homem hesitou.

— Você gastou algumas, não foi? Por favor, diga-me que não foi a uma CoinStar trocar as moedas por notas ou alguma coisa idiota como essa.

— Hã! — exclamou o homem, e mais moedas caíram.

— Vá encontrar o restante. É a única forma de você se curar. — Luis cruzou os braços sobre o peito, os músculos esguios apareciam através do tecido fino da camiseta e dos braços expostos. — E não faça mais acordos com o povo.

Havia tantas coisas que Kaye não sabia sobre fadas.

O homem parecia querer dizer algo, provavelmente que não gostava de receber ordens de um gângster, mas ele apenas assentiu e abriu a carteira. Depois de contar uma pilha de notas de vinte, o homem recolheu as moedas do chão e partiu sem agradecer.

Luis segurou as notas na palma de uma das mãos quando se virou para Kaye.

— Eu disse a você para ficar fora do caminho.

— Algo está acontecendo comigo — falou Kaye. — Meu encantamento não está funcionando muito bem.

Luis resmungou.

— Está me dizendo que ele estava olhando para uma garota verde com asas?

— Não — respondeu ela. — É que parece muito mais difícil mantê-lo.

— O ferro da cidade suga a magia das fadas rapidamente — disse Luis, suspirando. — É por isso que fadas não vivem aqui se têm escolha. Apenas as exiladas, aquelas que não podem voltar para as próprias cortes por algum motivo.

— Então por que não se juntam a outra corte? — perguntou Kaye.

— Algumas fazem isso, acho. Mas é perigoso... a outra corte pode tanto matá-las quanto acolhê-las. Então vivem aqui e deixam que o ferro as corroa. — Luis suspirou de novo. — Se precisar muito, tem a Nunca Mais... uma poção... retarda a doença do ferro. Não posso conseguir agora...

— Nunca Mais? — perguntou Kaye. — Como em “Disse o corvo”, no poema de Poe?

— É assim que meu irmão chama. — Luis se mexeu, desconfortável, ajeitando as tranças. — Aos humanos, concede encantamento e nos torna quase como fadas. Nos deixa doidões. Você *nunca* deve usar *mais* do que uma vez por dia, ou *mais* do que dois dias seguidos, ou *mais* do que uma única pitada por vez. *Nunca. Mais.* Não deixe que seu amigo se aproxime dela.

— Ah. Tudo bem. — Kaye pensou nos olhos assombrados de Dave e na boca escura do garoto.

— Bom. Está pronta para ir? — perguntou Luis.

Kaye assentiu.

— Mais uma pergunta: já ouviu falar de uma maldição em que o que a pessoa toca definha?

Luis assentiu.

— É uma variação da história do rei Midas. O que quer que você toque se tornará... preencha a lacuna. Ouro. Merda. Donuts com geleia. É uma maldição bem poderosa. — Luis franziu a testa. — Você precisaria ser jovem, afobado e estar muito puto para jogar tanto poder em um mortal.

— Então o rei Midas... você sabe como curar?

Luis franziu a testa.

— Água salgada. O rei Midas entrou em um rio salobro e permitiu que a água lavasse sua maldição. O oceano seria melhor, mas é basicamente o mesmo princípio. Qualquer coisa com sal.

Corny entrou na sala dando um bocejo enorme.

— O que está acontecendo?

— Então, Neil — disse Luis, os olhos passando para as luvas de Corny.

— O que aconteceu? Ela o amaldiçoou por acidente?

Corny pareceu confuso por um momento, como se o apelido o tivesse desnortado por completo. Então semicerrou os olhos.

— Não — disse ele. — Fui amaldiçoado de propósito.

Capítulo 7

*Não a doce grama fresca e florida
É esta nossa colheita;
Não a flor de trevo na colina;
Mas os restolhos misturados às ervas,
Feixes emaranhados de pântanos e campos,
Onde a papoula joga suas sementes
No silêncio e nas trevas.*

— Henry Wadsworth Longfellow, *Aftermath*

A neve caía devagar ao redor da abandonada propriedade Untermeyer, sujando de branco a terra e a grama morta. Os restos da antiga mansão escurecida pelo fogo surgiam entre os galhos sem folhas. Uma enorme lareira se estendia como uma torre, tomada por vinhas mortas. Sob o que restava de um telhado de pedra, o povo da corte Indigna havia, apressadamente, montado acampamento. Roiben estava sentado em um sofá baixo e observava enquanto Ethine entrava em seus aposentos. Ela se movia com graça, seus pés mal pareciam tocar o chão.

Roiben estava recomposto. Quando a mão retorcida de um de seus súditos por acaso empurrou Ethine, fazendo-a tropeçar enquanto atravessava o portal, o rei apenas ergueu o rosto como se estivesse irritado com o quanto ela era desastrada. Ao lado dele, havia tigelas de frutas frias, trazidas de cavernas escuras, remédios de trevo e de urtiga e minúsculos corações de pássaros ainda reluzentes de sangue. Roiben mordeu uma uva, sem se importar com as sementes que se partiam em seus dentes.

— Ethine, seja bem-vinda.

Ela franziu a testa e abriu a boca, então hesitou. Acabou falando apenas isto:

— Minha senhora sabe que desferiu um terrível golpe em você.

— Não sabia que sua senhora gostava de se gabar, ainda que disfarçadamente. Venha, coma uma fruta, beba algo para esfriar sua língua quente.

Ethine se moveu na direção de Roiben com rigor e parou à beira do saguão. Ele entregou a ela um cálice de ágata. A mensageira tomou o menor dos goles, então apoiou o cálice.

— Irrita-lhe ser educada comigo — disse Roiben. — Talvez Silarial devesse ter levado seus sentimentos em consideração quando a escolheu como embaixadora.

Ethine contemplou o chão de terra, e Roiben se levantou.

— Você implorou que ela deixasse outra pessoa ir em seu lugar, não foi? — Ele gargalhou com uma certeza vingativa. — Talvez até mesmo tenha dito a ela o quanto doía ver aquilo em que seu irmão se tornara?

— Não — disse Ethine, baixinho.

— Não? Não com essas palavras, mas aposto que disse de algum jeito. Agora vê como ela se importa com aqueles que a servem. Você é mais uma coisa com a qual me alfinetar e nada mais do que isso. Ela enviou você apesar de ter implorado.

Ethine havia fechado os olhos com força. Suas mãos estavam unidas no colo; os dedos, entrelaçados.

Roiben pegou o cálice da irmã e bebeu. Ela ergueu o rosto, irritada, do mesmo modo como ficava irritada quando ele puxava seu cabelo, quando eram crianças.

Roiben se sentia magoado ao olhar para Ethine como inimiga.

— Não acho que você se importe com meus sentimentos mais do que ela — replicou Ethine.

— Mas eu me importo. — Roiben usou um tom de voz grave. — Venha, entregue sua mensagem.

— Minha senhora sabe que desferiu um terrível golpe em você. Sabe também que seu controle sobre as outras fadas em suas terras está fraco depois que o Tributo deu errado.

Roiben se recostou contra a parede.

— Você até mesmo parece com ela quando diz isso.

— Não brinque. Silarial quer que você lute com o campeão dela. Se vencer, ela deixará suas terras em paz por sete anos. Se perder, você entregará a corte Indigna para ela. — Ethine olhou para Roiben com os olhos angustiados. — E você *morrerá*.

Roiben mal ouviu a súplica de Ethine, pois ficou muito surpreso com a proposição da rainha da corte Digna.

— Não posso deixar de pensar que isso é generosidade ou algum artil além da minha compreensão. Por que me daria essa chance de ganhar

quando, no momento, não tenho quase nenhuma?

— Ela quer suas terras férteis e intactas quando as tomar, não destruídas pela guerra. Muitas cortes grandiosas sucumbiram ao conflito.

— Já imaginou se não houvesse corte alguma? — perguntou Roiben à irmã, baixinho. — Nenhuma grande responsabilidade, ou rixa antiga, ou guerras intermináveis?

— Passamos a depender demais dos humanos — disse Ethine, franzindo a testa. — Antes, nosso povo vivia longe deles. Agora, dependemos deles para tudo, desde agricultores até enfermeiras. Vivemos nos espaços rejeitados por eles e roubamos das mesas deles. Se as cortes caírem, seremos parasitas com nada para chamar de nosso. Isso é o que restou de nosso mundo.

— Não acho que seja tão sério assim. — Roiben olhou para além de Ethine. Ele não queria que ela visse a expressão em seu rosto. — Que tal isto? Diga a Silarial que aceitarei a barganha aviltante e distorcida com uma variação. Ela deve arriscar algo também. Deve arriscar a coroa.

— Ela jamais dará a você a...

Roiben interrompeu a irmã.

— Não para mim. Para você.

Ethine abriu a boca, mas nenhum som saiu.

— Diga a ela que, se perder, deve tornar você rainha da corte Digna. Se eu perder, darei a ela minha coroa e minha vida. — Era bom dizer, mesmo que fosse uma aposta difícil.

Ethine se levantou.

— Está debochando de mim.

Roiben fez um gesto de indiferença.

— Não seja tola. Sabe muito bem que não estou.

— Ela me disse que se desejasse barganhar, deveria fazê-lo com ela. — Ethine caminhava de um lado para outro do salão, gesticulando descontroladamente. — Por que simplesmente não volta para nós? Jure fidelidade a Silarial, peça o perdão dela. Diga como foi difícil ser cavaleiro de Nicnevin. Ela não tinha como saber.

— Silarial tem espiões por toda parte. Duvido muito que ignorasse meu sofrimento.

— Não havia nada que ela pudesse fazer! Nada que nenhum de nós pudesse fazer. Ela falava muito da afeição por você. Deixe que Silarial explique. Deixe que seja sua amiga de novo. Perdoem um ao outro. — A voz de Ethine ficou mais baixa. — Você não pertence a um lugar como este.

— E por que será, irmã? Por que não pertenço a este lugar?

Ethine murmurou e bateu com a palma de uma das mãos contra a parede.

— Porque você não é um inimigo!

Ela lembrava tanto a Roiben seu antigo e inocente eu que, por um momento, ele a odiou. Por um segundo, queria apenas sacudi-la, e gritar com Ethine, e feri-la antes que outra pessoa o fizesse.

— Não? Não basta o que fiz? Não basta ter cortado a garganta de uma fada da água que riu alto demais ou por tempo demais diante de minha senhora? Não basta ter caçado um duende que roubou um único bolo da mesa dela? Não basta ter ficado surdo a seus pedidos, a suas súplicas?

— Nicnevin ordenou.

— É claro que ordenou! — gritou Roiben. — Diversas e diversas vezes ela ordenou. E agora mudei, Ethine. Este é o lugar a que pertenço, se é que pertenço a algum lugar.

— E quanto a Kaye?

— A fada alada? — Roiben lançou um olhar rápido para a irmã.

— Você foi gentil com ela. Por que quer que eu pense o pior de você?

— Não fui gentil com Kaye — replicou ele. — Pergunte a ela. Não sou gentil, Ethine. Além do mais, não tenho mais nenhum interesse em ser gentil. Quero vencer.

— Se você vencesse — falou Ethine com a voz hesitante —, eu seria a rainha, e você seria *meu* inimigo.

Roiben deu um riso de escárnio.

— Ah, não estrague o melhor resultado possível para mim. — Roiben ergueu o cálice para a irmã. — Beba algo. Coma. Afinal de contas, é natural que irmãos briguem, não é?

Ethine pegou o cálice de volta de Roiben e o levou à boca, mas o irmão tinha deixado apenas um gole para ela.

Kaye se agarrou a um enorme copo térmico dos ThunderCats enquanto caminhava até o carro de Corny. Luis a seguia, coberto com um casaco preto. O casaco pendia, volumoso, dos ombros do rapaz, a bainha interna

estava em frangalhos. Ele havia tirado o casaco dos fundos de um dos armários, do meio de uma pilha de roupas coberta com pedaços de gesso.

Ela estava feliz por continuar em movimento. Contanto que houvesse algo diante de si, alguma coisa ainda por fazer, tudo fazia sentido.

— Tem um mapa do norte de Nova York? — perguntou Luis a Corny.

— Achei que você conhecesse o caminho — replicou Corny. — Que tipo de guia precisa de um mapa?

— Será que vocês poderiam não... — Kaye começou a falar, mas parou diante de uma máquina de venda de jornais. Ali, em uma coluna lateral na primeira página do *Times*, estava uma foto do cemitério na colina próxima à casa de Kaye. A colina em que Janet estava enterrada. A colina oca sob a qual Roiben fora coroado. Ela havia desmoronado sob o peso de um caminhão que tombou. A foto mostrava fumaça subindo bem acima da colina, lápides caídas espalhadas como dentes soltos.

Corny colocou moedas de vinte e cinco centavos na máquina e retirou um jornal.

— Um monte de corpos foi encontrado, mas estavam queimados demais para serem identificados. Estão procurando registros dentários. Havia alguma especulação a respeito de que talvez as pessoas estivessem escorregando de trenó quando o caminhão bateu. Kaye, que merda é essa?

Kaye tocou a foto, passando os dedos pela tinta da página.

— Não sei.

Luis franziu a testa.

— Tanta gente. Será que o povo das fadas não pode se matar e nos deixar fora disso?

— Cale a boca. Apenas cale a boca — disse Kaye. Foi até o carro de Corny e tentou abrir a porta. Pedaços do cromo saíram em seus dedos queimados. Ela se sentiu enjoada.

— Preciso destrancá-lo — falou Corny, abrindo a porta com a chave para a amiga. — Olhe, ele está bem. Tenho certeza de que está bem.

Kaye se atirou no banco traseiro, tentando não imaginar Roiben morto, tentando não ver os olhos dele inexpressivos e enlameados.

— Não, não tem.

— Vou ligar para minha mãe — disse Corny. Ele deu partida no carro enquanto discava, os dedos enluvados sem jeito.

Luis mostrou o caminho, e Corny dirigiu com o telefone preso ao ombro. Naquele momento, Kaye ficou grata pelo enjoo do ferro, pela tontura que dificultava pensar.

— Ela disse que o caixão de Janet não foi violado, mas a lápide se foi. — Corny fechou o flip do celular. — Ninguém viu qualquer pessoa deslizando de trenó tão tarde. De acordo com o jornal local, o caminhão nem deveria fazer entregas naquela área.

— É a guerra — falou Kaye, abaixando a cabeça no assento de vinil. — A guerra do Reino das Fadas.

— Qual o problema dela? — Kaye ouviu Luis perguntar baixinho. Os olhos de Corny permaneceram na estrada.

— Estava saindo com alguém da corte Indigna.

Luis olhou para Kaye.

— Saindo?

— É — respondeu o garoto. — Ele deu um anel a ela. Foi uma coisa grandiosa.

Luis deu uma risada.

— Roiben — falou Corny. A voz dele parecia alta demais, como se o nome estivesse ecoando pelas paredes do carro. Kaye fechou os olhos, mas o pesar não foi aliviado.

— Isso não é possível — falou Luis.

— Por que acha que Silarial quer me ver? — indagou Kaye. — Por que acha que vale dois mensageiros e a garantia de proteção? Se ele já não está morto, ela acha que posso ajudar a matá-lo.

— Não! — exclamou Luis. — Você não pode *sair* com o senhor da corte escura.

— Bem, não estou saindo. Ele me deu o fora.

— Você não pode *levar o fora* do senhor da corte escura.

— Ah, posso sim. Posso totalmente.

— Estamos todos agitados. — Corny esfregou o rosto. — E o dia em que eu sou a voz da razão é um dia bem ruim. Relaxem. Vamos ficar presos no trânsito por um bom tempo.

O grupo dirigiu para o norte enquanto a luz do sol do fim da tarde atravessava as árvores sem folhas e a neve recente derretia e virava lama. Passaram por shoppings abertos ornados com festões e guirlandas enquanto

o sal na estrada era jogado para cima e formava linhas como ondas na lateral dos carros.

Kaye olhava pela janela e contava os carros prateados, lia todas as placas. Tentava não pensar.

Ao pôr do sol, finalmente chegaram a uma estrada de terra, e Luis pediu que parassem.

— Aqui — disse ele, abrindo a porta. À luz que se esvaía, Kaye conseguia ver um lago coberto de gelo que se estendia de um monte logo além da borda da estrada. Névoa ofuscava a visão do centro do lago. Árvores mortas se erguiam da água, como se um dia tivesse havido uma floresta onde agora estava o lago. Uma floresta de árvores afogadas. A luz poente tornava os troncos dourados.

O vento jogava neve solta no rosto de Kaye. Ardia como se fossem lascas de gelo.

— Tem um barco — falou Luis. — Venham.

Os três caminharam colina abaixo, e os sapatos escorregavam no gelo.

Corny engasgou, e Kaye desviou os olhos de seus próprios pés e olhou para cima. Um jovem estava de pé diante dela, semiobscurecido pelos galhos de um pinheiro. Kaye gritou.

Ele estava imóvel como uma estátua, vestindo um casaco de penas e um gorro de lã. O homem olhava para além dos três, como se eles não estivessem ali. A pele dele era mais escura do que a de Luis, mas os lábios estavam pálidos de frio.

— Oi? — disse Luis, gesticulando com a mão diante do rosto do homem.

Ele não se moveu.

— Olhe — falou Corny. Ele apontou para além das sempre-verdes, para uma mulher por volta dos cinquenta anos que estava de pé sozinha. Seus cabelos ruivos fluuavam sob a leve brisa. Semicerrando os olhos, Kaye conseguiu ver outros pontos de cor pelo lago. Outros humanos, esperando em sentido por alguma coisa.

O olhar de Kaye recaiu sobre os dedos lascados do homem.

— Ulcerações de frio.

— Acorde! — gritou Luis. Quando não obteve resposta, deu um tapa em uma das bochechas do homem.

O olhar do homem congelado mudou de repente. Sem um traço de expressão, atirou Luis ao chão e pisou no estômago do rapaz.

Luis gemeu de dor, rolou para o lado e contraiu o corpo de modo defensivo.

Corny se atirou contra o homem. Os dois caíram para trás e racharam o gelo fino do lago, agitando a água rasa.

Kaye correu, tentando puxar Corny para a margem do rio. A mão de alguém segurou seu braço.

Kaye se virou e viu uma criatura, alta e magra como um espantalho, envolta em um tecido preto surrado que tremeluzia ao ar. Os olhos dele eram de um branco morto e sem pupilas, e os dentes, translúcidos como gelo.

O grito de Kaye ficou preso na garganta. Suas unhas se cravaram no braço da criatura, e o homem a soltou e empurrou. Ele se moveu com tanta agilidade que, quando Kaye se virou, a mão esquelética da criatura estava no pescoço do homem congelado.

Corny subiu para a margem espalhando água e desabou na neve.

A criatura pressionou o polegar contra a testa do homem e ciciou algumas palavras que Kaye não conhecia. O homem congelado se moveu devagar e voltou a ficar de pé, como uma sentinela indiferente, as roupas encharcadas e pingando.

— O que você quer? — Kaye exigiu saber, tirando o casaco e o enrolando em torno de um Corny trêmulo. — Quem é você?

— Sorrowsap — respondeu a criatura, fazendo uma reverência com a cabeça. Os cabelos dele eram ralos e curtos como o emaranhado de raízes sob uma hera. — A seu serviço.

— Ótimo! Isso é ótimo. — Luis segurava a barriga.

Corny estremeceu em reflexo e se enroscou mais no casaco.

— *Meu* serviço? — perguntou Kaye. Ao olhar pela floresta, ela viu as outras figuras humanas caminharem de volta para as posições originais. Estavam se aproximando, talvez estivessem a segundos de entrar na briga.

— O rei da corte Indigna ordena que eu observe seus passos. Tenho seguido você desde que saiu da corte.

— Por que ele faria isso? — disparou Kaye. Ela pensou em Roiben coberto pela terra do desabamento, o rosto pálido como uma lápide de mármore, então fechou os olhos para afastar a imagem. Ele deveria estar protegendo a si mesmo e estar menos preocupado com ela.

Sorrowsap inclinou a cabeça.

— Sirvo às vontades dele. Não preciso compreendê-las.

— Mas como conseguiu impedir as pessoas congeladas daquela forma? — perguntou Luis. — Esta barreira deve ter sido criada para afastar mais você do que nós.

Sorrowsap sorriu à pergunta, os dentes molhados e transparentes faziam com que sua boca parecesse venenosa. Enfiou a mão em uma sacola sob o manto e jogou no chão o que a princípio pareceu couro verde costurado em seda vermelha. Então Kaye viu os fios de cabelo finos que pontuavam a superfície e a umidade pegajosa sob eles. Pele. A pele de uma fada.

— Ela me contou — disse Sorrowsap.

Luis emitiu um ruído gutural e se virou, como se fosse vomitar.

— Você não pode... não quero... — falou Kaye, furiosa e aterrorizada. — Você a matou por minha causa.

Sorrowsap não disse nada.

— Jamais faça isso! Jamais! — Kaye caminhou até ele com as mãos fechadas em punhos. Antes de pensar duas vezes, socou Sorrowsap. A mão de Kaye doeu.

Ele sequer se moveu.

— Só porque devo proteger você não significa que pode me dar ordens.

— Kaye — disse Luis, contido. — Está feito.

Kaye olhou na direção de Luis, mas ele evitou contato visual.

— Estou congelando — falou Corny. — Tipo em “frio de matar”. Vamos para onde estávamos indo.

— Todas essas pessoas vão morrer de frio — observou Kaye, embora parecesse que, ultimamente, quando tentava consertar algo, conseguia apenas piorar tudo. — Não podemos simplesmente deixá-las.

Corny pegou o celular.

— Vamos chamar a...

Luis fez que não com a cabeça.

— Não acho que deveríamos atrair mais vítimas para cá. É o que você faria se a polícia viesse.

— Não tenho sinal mesmo — disse Corny. — Você quebra maldições. Não pode fazer algo por eles?

Luis fez que não com a cabeça.

— Isso está muito além daquilo com que sei lidar.

— Precisamos secar esse cara — falou Kaye. — Talvez cobrir os dedos dele antes que piorem. Sorrowsap, consegue mantê-lo... desativado?

— Você não tem autoridade sobre mim. — Os olhos amarelos observavam Kaye tão inexpressivos quanto os de uma coruja.

— Não achei que tivesse — replicou ela. — Estou pedindo sua ajuda.

— Deixe que morram — disse Sorrowsap.

Kaye suspirou.

— Não consegue tirá-los do transe? Remover qualquer que seja o encantamento que os mantém dessa forma... remover permanentemente? Então poderiam voltar para casa.

— Não — respondeu Sorrowsap. — Não consigo.

— Vou ajudar este cara. Se ele me atacar, você terá que impedi-lo. E se não o mantiver desligado, ele vai atacar.

Sorrowsap pareceu não reagir, mas uma das mãos dele se fechou em punho.

— Muito bem, fada alada que é cortesã do meu rei. — Sorrowsap caminhou até o homem congelado e colocou o polegar na testa dele mais uma vez.

Kaye ficou sentada na neve e tirou as próprias botas enquanto Sorrowsap entoava as palavras pouco familiares. Depois de tirar as meias, Kaye as enrolou nas mãos do homem. Luis o cobriu com o próprio casaco e se esquivou para longe de um braço que o golpeou quando o cântico ciciado hesitou.

— Não vai ajudar — disse Corny. — Essas pessoas estão ferradas.

Kaye deu um passo para trás. Os pés gelados pareciam lâminas cortando sua pele. Até mesmo com o casaco dela, os lábios de Corny tinham ficado azuis. O homem congelado morreria com todos os outros.

— A corte Digna fica perto — falou Luis.

— Até lá não posso segui-los — respondeu Sorrowsap. — Se forem, estarão sem minha proteção, o que desagradaria muito meu senhor.

— Nós vamos — disse Kaye.

— Como quiser. — Sorrowsap fez uma reverência com a cabeça. — Esperarei por vocês aqui.

Kaye olhou para Corny.

— Você não precisa vir. Esquentaria o corpo rapidinho no carro.

— Não seja idiota — disse ele à amiga enquanto batia o queixo de frio.

— O próximo trecho da viagem significa que entraremos naquilo — observou Luis, apontando para o lago. Por um momento, Kaye não viu nada. Então o vento agitou a água, fazendo com que algo se balançasse e reluzisse sob o luar. Um barco, completamente entalhado de gelo, a proa com o formato de um cisne pronto para levantar voo. — A senhora da corte iluminada não me contou, na verdade, sobre as sentinelas zumbis congeladas, então acho que a viagem será cheia de surpresas.

— Ah, ótimo. Aquilo vai nos aquecer direitinho — falou Corny, seguindo aos tropeços pela neve congelada.

Kaye entrou com cautela na superfície escorregadia do barco e se sentou. O assento estava frio contra suas coxas.

— Então, esta água consertaria a maldição de Corny?

Corny se sentou ao lado dela.

— Eu não...

— Corny? — Luis franziu a testa.

— Neil — disse Kaye. — Quero dizer se consertaria a maldição de Neil.

— Não. — Luis deu um empurrão no barco, o qual deslizou pela água. Luis entrou, fazendo com que os dois se sacudissem descontroladamente enquanto se sentava. Então olhou para Corny e havia ponderação no olhar. — Muito parada e não é salgada.

Os três não remaram, mas uma corrente estranha os impulsionou pelo lago, para além das árvores afogadas. Abaixo do casco gotejante do barco feito de gelo, a água estava coberta de algas verdes vibrantes, como se uma floresta crescesse sob as ondas.

Peixes verdes e dourados disparavam sob o barco, visíveis pelo casco de gelo. Os peixes precisavam se manter nadando para respirar, pensou Kaye.

Ela sabia como se sentiam. Não havia nada seguro em que pensar, nem Roiben, nem a mãe, nem todas as pessoas morrendo lentamente na margem distante. Não havia nada a fazer a não ser seguir em frente até que o desespero finalmente a congelasse.

— Kaye... veja só — disse Corny. — É como em um livro.

Em meio à névoa, Kaye viu a silhueta de uma ilha cheia de pinheiros altos. Conforme se aproximaram, o céu ficou um pouco mais claro, e o ar se tornou quente. Embora não houvesse sol, o litoral estava claro como o dia.

Corny olhou para o relógio e então o estendeu para mostrar à amiga. Os números digitais tinham parado no dia 21 de dezembro, às 18:13:52.

— Bizarro.

— Pelo menos está mais quente — falou Kaye, esfregando os braços de Corny por cima do casaco, esperando que conseguisse esfregar até o frio sair dele.

— Isso seria uma notícia boa se não estivéssemos em um *barco feito de gelo*.

— Não sei quanto a vocês — disse Luis. Ele deu um leve sorriso, quase como se estivesse envergonhado. — Mas nem consigo mais sentir minha bunda. Nadar pode ser melhor.

Corny gargalhou, mas Kaye não conseguiu sorrir. Ela estava colocando Corny em perigo. De novo.

O que sobrara da névoa foi soprado, e Kaye viu que cada árvore na ilha estava esbranquiçada por casulos de seda em vez de neve. Ela pensou ter visto aglomerados de lagartas se contorcendo no alto das árvores e estremeceu.

O barco penetrou uma lama macia. Os três saíram e seus pés afundaram levemente, de modo a emitirem um ruído de sucção com cada passo na margem do lago.

Lama idiota, pensou Kaye. *Barco idiota. Ilha de fadas idiota*. De repente, Kaye se viu exausta. *Idiota, sou tão idiota*.

Havia música, distante e baixa, acompanhada pelo som de risadas. Os três seguiram o barulho até um conjunto de cerejeiras em flor, as flores eram azuis em vez de rosa, as pétalas caíam como uma chuva de veneno a cada leve brisa.

Kaye pensou em algo que a bruxa do Cardo lhe dissera quando explicara que Kaye tinha sido trocada: *A natureza da criança fada se torna cada vez mais difícil de esconder conforme a criança cresce. No fim, todas voltam para o Reino das Fadas.*

Aquilo não podia ser verdade. Kaye não queria que fosse verdade.

Corny estremeceu uma vez, com força, como se seu corpo estivesse afastando o frio, e tirou os sapatos encharcados e cobertos de lama. Estava quente na ilha, mas não muito — uma temperatura tão perfeita, na verdade, que era como se não houvesse qualquer clima.

Alguns dos membros da corte iluminada caminhavam pela grama. Um menino vestia uma saia de trama de escamas prateadas e segurava a mão de uma fada alada de asas grandes e azuis. Nuvens de minúsculas fadas que zuniam pairavam no ar como mosquitos. Um cavaleiro de armadura pintada de branco olhou na direção de Kaye. Uma voz cantante, linda e de partir o coração, flutuou até onde ela estava. Dos galhos das árvores, rostos pontiagudos observavam.

Um cavaleiro com os olhos turquesa caminhou até eles e fez uma solene reverência.

— Minha senhora está feliz com a sua chegada. Ela pede que venha se sentar com ela. — O cavaleiro olhou para os colegas de Kaye. — Apenas você.

Kaye assentiu, mordendo o lábio.

— Sob a árvore. — O cavaleiro gesticulou na direção de um enorme salgueiro cujos galhos pendentes estavam cobertos de casulos. De vez em quando, uma das bolsas de seda rasgava, e um pássaro branco saía flutuando até levantar voo.

Kaye ergueu um dos pesados galhos enrugados e se encolheu sob ele.

A luz era filtrada pelas folhas e brilhava no rosto de Silarial e das cortesãs. A senhora da corte iluminada não se sentava em um trono, mas em um aglomerado de almofadas de tapeçaria empilhadas no chão. Outras fadas estavam espalhadas como ornamentos, algumas com chifres, outras magras como palitos e com folhas emergindo de onde deveria haver cabelo.

O cabelo da rainha estava dividido em duas ondas suaves na altura da testa, as mechas brilhavam como cobre, e, por um momento, Kaye pensou nas moedas que tinham caído da boca do homem no apartamento de Luis. A

senhora da corte iluminada sorriu e era tão deslumbrante que Kaye se esqueceu de falar, se esqueceu de fazer reverência, se esqueceu de tudo, exceto de encarar.

Doía olhar para Silarial.

Talvez como uma dor forte, a grande amabilidade devesse ser esquecida.

— Gostaria de comer alguma coisa? — perguntou Silarial, indicando as tigelas de frutas e as jarras de suco, cujas superfícies reluziam com o frescor do conteúdo. — A não ser que não seja do seu gosto.

— Tenho certeza de que é bastante do meu gosto. — Kaye mordeu uma fruta branca. Néctar preto manchou seus lábios e escorreu até seu queixo.

Os cortesãos riram por trás das mãos de longos dedos, e Kaye imaginou quem, exatamente, tentava impressionar. Estava se deixando cair na armadilha.

— Que bom. Agora remova esse encantamento bobo. — A senhora se virou para as fadas que estavam a seu lado.

— Deixem-nos.

O grupo se levantou devagar, levando as harpas e os cálices, as almofadas e os livros. Seguiram para fora, de debaixo da árvore, com a arrogância de gatos ofendidos.

Silarial ajeitou os travesseiros. Kaye se sentou na beirada da pilha de almofadas e limpou o suco preto da boca com a manga da camisa. Deixou que o encantamento saísse de seu corpo e, quando viu os próprios dedos verdes, ficou surpresa com o alívio de não precisar escondê-los.

— Você não gosta de mim — falou Silarial. — E não sem motivo.

— Você tentou me matar — replicou Kaye.

— Um de meu povo, qualquer um de meu povo, era um pequeno preço a pagar para prender a senhora da corte escura.

— Não sou de seu povo — disse Kaye.

— É claro que é. — Silarial sorriu. — Nasceu nestas terras. Pertence a este lugar.

Kaye não tinha resposta. Não disse nada. Desejou saber quem lhe dera à luz e quem a havia trocado, mas não queria ouvir a resposta dos lábios da senhora.

Silarial pegou uma ameixa de uma das bandejas e ergueu o olhar para Kaye entre os cílios.

— Essa guerra começou antes de eu vir ao mundo. Certa vez, havia pequenas cortes, cada uma reunida perto de um círculo de árvores espinhentas ou de um campo de trevos. Mas conforme o tempo passou e nossas terras escassearam, nos unimos em grandes números. Minha mãe atraía as pessoas para ela por meio da ponta afiada da espada e da língua.

“Mas não meu pai. Ele e seu povo viviam aqui nas montanhas e não tinham utilidade para minha mãe ou para os dela, pelo menos a princípio. Com o tempo, no entanto, minha mãe fascinou até mesmo meu pai, tornou-se sua consorte, obteve o governo de suas terras e até mesmo teve duas filhas com ele”.

— Nicnevin e Silarial — disse Kaye.

A senhora da corte iluminada assentiu.

— Cada garota tão diferente da outra como duas pessoas do povo podiam ser. Nicnevin e nossa mãe eram de um tipo, com um apreço por sangue e dor. Eu era como nosso pai, satisfeita com diversões menos brutais.

— Como congelar um círculo de humanos até a morte ao redor de um lago? — perguntou Kaye a Silarial.

— Não acho isso particularmente divertido, apenas necessário — replicou Silarial. — Nicnevin matou nosso pai quando ele concedeu um favor a um flautista que ela preferiria torturar. Disseram-me que nossa mãe gargalhou quando minha irmã explicou como tinha sido feito, mas, na época, a morte era a comida e a bebida dela. Meu luto foi um banquete para ela. — A rainha da corte iluminada ergueu o rosto para as sombras agitadas do salgueiro. — Não deixarei que as terras de meu pai caiam nas mãos da corte de minha irmã.

— Mas eles não querem suas terras. Sua irmã está morta.

Silarial pareceu surpresa por um momento. A mão dela se fechou sobre a ameixa.

— Sim, morta. Morta antes que meu plano pudesse acabar com ela. Passei os longos anos de paz entre nossos povos construindo minha estratégia e esperando pacientemente, e ela morreu antes que minha perda fosse saciada. Não darei à corte dela a chance de planejar como eu fiz. Tomarei as terras e o povo dela, e essa será minha vingança. Isso garantirá a segurança de toda a corte Digna.

“Este é seu lar, queira você ou não, e você faz parte desta guerra. Precisa escolher um lado. Sei de seu juramento a Roiben, sua declaração, e ele agiu certo ao bani-la. Roiben foi para a corte Indigna como um refém pela paz. Acha que quer que você fique unida a eles como ficaria a consorte do rei? Acha que ele quer que você sofra como ele sofreu?”

— É claro que não — disparou Kaye.

— Eu sei como é desistir de algo que deseja. Antes de Roiben partir para a corte Indigna, ele era meu amante, sabia disso? — Silarial franziu a testa. — A paixão fazia com que ele ocasionalmente se esquecesse de seu lugar, mas, ah, como me arrependo de ter entregue Roiben.

— Você se esquece do lugar dele agora.

Silarial deu uma gargalhada repentina.

— Deixe-me contar uma história sobre Roiben, de quando ele estava em minha corte. Penso muito nele.

— É claro — respondeu Kaye. Ela se sentia sufocada pelas coisas que não podia dizer. Não acreditava que Silarial quisesse outra coisa que não o mal, mas permitir que a rainha soubesse disso seria tolice. E Kaye queria ouvir uma história sobre Roiben. O modo como Silarial falava lhe dava esperanças de que ele ainda estivesse vivo.

Parte da tensão se dissipou em Kaye, parte do luto.

— Certa vez, uma raposa ficou presa em um arbusto de espinhos perto de nossas comemorações. Minúsculos duendes corriam ao redor dela, tentando soltá-la. A raposa não entendia que as fadas estavam ajudando. Apenas entendia que sentia dor. Ela investia contra os duendes, tentando pegá-los com os dentes, e conforme a raposa se movia, os espinhos se cravavam mais fundo no pelo dela. Roiben viu a raposa e foi até lá para mantê-la parada.

“Ele poderia ter segurando o focinho dela e deixado que a raposa contorcesse o corpo mais fundo no arbusto. Poderia ter soltado a raposa quando ela o mordeu. Não fez nenhuma dessas coisas. Ele deixou que a raposa mordesse sua mão diversas vezes, até que os duendes a libertassem dos espinhos”.

— Não entendi a moral da história — disse Kaye. — Está falando que Roiben se permite machucar porque acha que está sendo prestativo? Ou está dizendo que Roiben costumava ser bom e gentil, mas agora é um babaca?

Silarial inclinou a cabeça e empurrou para trás uma mecha solta de cabelo.

— Estou imaginando se você não é como essa raposa, Kaye.

— O quê? — Kaye se levantou. — Não sou eu que estou machucando ele.

— Ele teria morrido por você no Tributo. Morrido por uma fada alada que conhecera apenas dias antes. Então se recusou a se juntar a mim quando poderia ter unido as cortes e criado uma paz verdadeira, uma paz duradoura. Por que acha que fez isso? Talvez porque estivesse ocupado demais libertando você e os seus de arbustos de espinhos.

— Talvez ele não enxergasse dessa forma — falou Kaye, mas conseguia sentir que suas bochechas ficavam quentes e que as asas estremeciam. — Ainda poderia haver paz, sabe. Se *você* simplesmente parasse de morder a mão dele. Roiben não quer lutar contra você.

— Ah, por favor. — Silarial sorriu e cravou os dentes na ameixa. — Sei que já viu a tapeçaria com minha imagem que Roiben rasgou em pedaços. Ele não quer apenas lutar contra mim. Ele quer me *destruir*. — O modo como Silarial pronunciou “destruir” fez com que parecesse prazeroso. — Sabe o que aconteceu com a raposa?

Kaye riu com deboche.

— Tenho quase certeza de que vai me contar.

— Ela fugiu, parou apenas para lamber os próprios cortes, mas na manhã seguinte ficou presa nos arbustos de novo, com os espinhos enterrados fundo na carne. Toda a dor de Roiben foi em vão.

— O que quer que eu faça? — perguntou Kaye. — Por que me trouxe até aqui?

— Para mostrar que não sou um monstro. É claro que Roiben me odeia. Eu o mandei para a corte Indigna. Mas ele já pode retornar. É obediente demais para liderá-los.

“Junte-se a nós. Junte-se à corte Digna. Ajude-me a mostrar a Roiben. Depois que ele superar o ódio, verá que seria melhor se cedesse o controle de sua corte para mim”.

— Não posso... — Kaye odiava o fato de estar tentada.

— Acho que pode. Convencê-lo, quero dizer. Ele confia em você. Disse a você como se *chamava*. — A expressão de Silarial não mudou, mas algo nos olhos dela sim.

— Não vou usar isso.

— Nem mesmo para o bem dele? Nem mesmo pela paz entre nossas cortes?

— Está falando de fazer Roiben se render. Isso não é o mesmo que paz.

— Quis dizer para convencê-lo a entregar o fardo terrível que é a corte escura — falou Silarial. — Kaye, não sou tão orgulhosa que não possa reconhecer que você foi mais esperta do que eu uma vez, nem tola o bastante para não entender seu desejo de preservar a própria vida. Permita que não nos estranhemos mais.

Kaye afundou as unhas na palma da mão com força.

— Não sei — conseguiu dizer a jovem. Era um pensamento sedutor que a guerra terminasse, que tudo pudesse ser tão facilmente resolvido.

— Pense nisso. Se Roiben não for mais o senhor da corte escura, seu juramento não será mais válido. Você jamais precisaria completar a missão impossível. Declarações são feitas apenas aos senhores ou às senhoras.

Kaye queria dizer que não se importava, mas era mentira. Os ombros dela desabaram.

— Se estivesse disposta a me ajudar, eu poderia conseguir que o visse, que até mesmo falasse com ele, apesar da declaração. Roiben está a caminho daqui agora. — Silarial ficou de pé. O farfalhar baixinho de seu vestido era o único ruído sob o dossel de galhos conforme se dirigia para onde Kaye estava. — Há outras formas de persuadir você, mas não gosto de ser cruel.

Kaye tomou fôlego rapidamente. Ele estava vivo. Então só precisava fazer o que tinha ido fazer na corte.

— Quero a Kaye humana. A filha de Ellen. A verdadeira eu. Troque-a de volta. Se fizer isso, pensarei no que falou. Considerarei.

Afinal de contas, não era como se Kaye estivesse realmente concordando com alguma coisa. Não de verdade.

— Feito — disse Silarial, estendendo a mão para acariciar a bochecha de Kaye. — Afinal, você é uma das minhas. Só precisava pedir. E, é claro, terá a hospitalidade da corte Digna enquanto reflete.

— É claro — repetiu Kaye, em voz baixa.

Capítulo 8

Floresta, temo-te! em meu coração arruinado teu rugido desperta a mesma agonia que nas catedrais, quando o órgão se lamenta e das profundezas ouço que estou condenado.

— Charles Baudelaire, *Obsession*

— Você é um tolo — disse Ellebere. Ele parecia deslocado na cidade, embora tivesse colocado sobre si mesmo, por encantamento, um terno preto de risca vermelha e uma gravata de seda cor de sangue seco.

— Por ser uma armadilha? — perguntou Roiben. O longo casaco de lã dele tremeluzia com a brisa do rio. O fedor de ferro queimava seu nariz e sua garganta.

— Só pode ser. — Ellebere se virou, caminhando de costas, e olhou para Roiben. Ele gesticulava freneticamente, ignorando as pessoas que precisavam desviar de seu caminho. — A simples oferta de paz de Silarial é suspeita, mas se ela concordar com sua demanda absurda, então deve ter algum método certo para matar você.

— Sim — respondeu Roiben, agarrando o braço de Ellebere. — E você está prestes a caminhar para o meio da rua.

Ellebere parou, empurrando mechas de cabelo cor de vinho dos olhos. Ele suspirou.

— O cavaleiro dela pode derrotar você?

— Talathain? — Roiben pensou nisso por um momento. Era difícil imaginar Talathain, com o qual lutara em campos de trevos, que amou Ethine durante anos antes de ter coragem de levar para ela sequer um ramo de violetas, como um cavaleiro formidável. Mas essas lembranças pareciam velhas e pouco familiares, como se pertencessem a outra pessoa. Talvez *aquele* Talathain fosse outra pessoa também. — Acho que posso vencer.

— Então talvez a rainha da corte iluminada tenha uma arma mortal? Ou uma armadura que não pode ser perfurada? Alguma forma de usar armas de ferro?

— Poderia ser isso. Repasso diversas vezes na cabeça, mas não tenho mais respostas do que você. — Roiben olhou para a mão e viu todas as gargantas que havia cortado a serviço de Nicnevin. Todos os olhos suplicantes e as bocas trêmulas. Todo perdão que não pôde conceder, muito

menos a si mesmo. Ele soltou Ellebere. — Somente espero que seja um assassino melhor do que a senhora da corte Digna imagina.

— Diga-me que há um plano, pelo menos.

— Há um plano — disse Roiben, contraindo a boca. — Embora não imagine o que Silarial pretende nem saiba para que serve.

— Não deveria ter vindo para o Mundo de Ferro. Na terra dos mortais, você é vulnerável — falou Ellebere com uma expressão de raiva. Os dois atravessaram a rua ao lado de uma mortal magra demais que empurrava um carrinho vazio e de outra que apertava furiosamente os botões do celular. — Dulcamara poderia ter me acompanhado. Você poderia ter explicado o que iríamos fazer e nos enviado para fazê-lo. É assim que um rei da corte Indigna deveria se comportar.

Roiben saiu da calçada e passou por baixo de uma grade de ferro retorcido que queimou seus dedos e rasgou o tecido de seu casaco. Ellebere a escalou e saltou ao chão com um floreio.

— Não tenho certeza se é *adequado* a um cavaleiro dizer ao rei como se comportar — disse Roiben. — Mas venha, divirta-me um pouco mais. Como observou corretamente, sou um tolo e estou prestes a realizar uma série de negociações muito tolas.

O prédio atrás da cerca parecia-se com diversos dos prédios selados por tábuas da vizinhança, mas aquele tinha um jardim no telhado, e longos caules de plantas mortas pelo inverno pendiam das laterais de tijolos. No segundo andar, todas as janelas tinham sido removidas. Sombras se agitavam contra as paredes internas.

Roiben parou.

— Eu gostaria de dizer que meu tempo na corte Indigna mudou minha natureza. Por muito tempo, trazia-me conforto pensar que sim. Sempre que via minha irmã, lembrava-me de como, certo dia, tinha sido como ela, antes de ter sido *corrompido*.

— Meu senhor... — Ellebere empalideceu.

— Não tenho mais certeza se isso é verdade. Imagino se não encontrei minha natureza em vez disso, onde antes ela estava escondida de mim mesmo.

— Então, qual é sua natureza?

— Vamos descobrir. — Roiben caminhou pelos degraus rachados da entrada e bateu na tábua que cobria a porta.

— Poderia ao menos me dizer o que estamos fazendo aqui? — perguntou Ellebere. — Visitando exilados?

Roiben levou um dedo aos lábios. Uma das tábuas se abriu em uma das janelas próximas. Um ogro estava ali, emoldurado pela abertura, os chifres curvados para trás da cabeça como os de um carneiro e a longa barba marrom ficando verde na ponta.

— Ora, se não é Sua Majestade Escura — disse ele. — Imagino que tenha ouvido sobre meu rebanho para trocas. Os melhores que conseguirá encontrar. Não foram entalhados de troncos ou de gravetos, mas cuidadosamente confeccionados de manequins, alguns com olhos de vidro de verdade. Até mesmo mortais com um pouco da Visão não conseguem ver através de meu trabalho. A própria rainha da corte iluminada me usa, mas aposto que sabia disso. Entre pelos fundos. Estou ansioso para fazer algo para você.

Roiben negou com a cabeça.

— Estou aqui para fazer algo para *você*. Uma oferta. Diga-me, há quanto tempo está no exílio?

Kaye estava deitada ao lado de Corny e de Luis à sombra de uma hera, com a terra macia e a brisa doce embalando-a no sono. Flores que se abriam à noite perfumavam o ar, pontuando a escuridão com constelações de pétalas brancas.

— É estranho. — Kaye se recostou contra a grama. — Está escuro agora, mas era noite quando chegamos e estava claro. Achei que seria eternamente dia ou algo assim.

— Isso é estranho — falou Corny.

Luis abriu a segunda barrinha de proteína e mordeu-a com uma careta.

— Não sei por que ela está me fazendo ficar. Isso é besteira. Fiz tudo que me pediu. Dave está...

— Dave está o quê? — perguntou Corny.

Luis olhou para a embalagem nas mãos.

— Dave tem uma inclinação para se meter em confusões quando não estou por perto para impedi-lo.

Kaye observou as pétalas caírem. A criança humana trocada - provavelmente fora devolvida para Ellen àquela altura, ocupando o lugar de Kaye no mundo que ela conhecia. Com uma missão cumprida e a outra impossível, Kaye não fazia ideia do que aconteceria a seguir. Ela duvidava muito de que a rainha simplesmente a deixasse ir embora. Manter Luis na corte era tanto encorajador quanto desencorajador — encorajador porque talvez Silarial o deixasse guiá-los de volta para algum lugar não tão distante, mas desencorajador porque a corte Digna parecia uma teia na qual se debater só faria com que ficassem mais enroscados. Como os arbustos espinhentos.

Não que Kaye tivesse algum outro lugar para ir.

Duendes silenciosos levaram uma bandeja de bolotas ocas preenchidas com um líquido claro como água e a colocaram ao lado de pratos com pequenos bolos. Kaye já tinha comido três. Ao erguer um quarto, ofereceu-o a Corny.

— Não — disse Luis quando o garoto esticou a mão para pegar o bolo.

— O quê? — perguntou Corny.

— Não coma ou beba nada deles. Não é seguro.

Música começou em algum lugar distante, e Kaye ouviu uma voz alta começar a cantar a história de um rouxinol que na verdade era uma princesa e uma princesa que na verdade era um baralho.

Corny aceitou o bolo.

Kaye quis apoiar a mão no braço de Corny para indicar cautela, mas havia uma fragilidade no comportamento dele que fez com que Kaye se contivesse. Os olhos do amigo reluziam como brasas.

Ele gargalhou e jogou o doce na boca.

— Não há segurança. Não para mim. Não tenho a Visão da Verdade. Não consigo resistir aos encantamentos e, agora, não sei por que deveria me incomodar em tentar.

— Porque não tentar é estupidez — disse Luis.

Corny lambeu os dedos.

— A estupidez é bem gostosa.

Uma mulher fada se aproximou, os pés descalços silenciosos sobre a terra macia.

— Para vocês — disse ela, colocando três embrulhos de roupas na grama.

Kaye estendeu a mão e tocou o primeiro. O tecido verde como aipo parecia sedoso sob as pontas dos dedos.

— Deixe-me adivinhar — falou Corny para Luis. — Também não devemos vestir nada deles. Talvez você saia por aí pelado?

Luis franziu a testa, mas Kaye viu que o pescoço dele ficou vermelho.

— Pare de ser um babaca — disse ela, atirando para Corny uma pilha de roupas. Corny sorriu como se Kaye o tivesse elogiado.

Escondida atrás de um arbusto, ela tirou a camiseta e colocou o vestido por cima da cabeça. Kaye vestia as mesmas calças militares e a mesma camiseta desde que saíra de Nova Jersey e mal podia esperar para tirá-las. O tecido das fadas pareceu leve como seda de teia de aranha quando ela o puxou por cima da cabeça, e Kaye se lembrou do único outro vestido das fadas que usara — aquele no qual quase fora sacrificada, aquele que se rasgara na pia quando Kaye tentou lavar o sangue nele. As lembranças do Tributo fracassado ainda eram um borrão assustador de espanto e terror, bem como do hálito de Roiben fazendo cócegas em seu pescoço enquanto ele sussurrava: *O que pertence a você, mas outros usam mais do que você?*

O nome dele. O nome que Kaye enganara Roiben para conseguir, sem saber seu valor. O nome que ela usara para ordená-lo e que ainda poderia usar. Não era surpresa que a corte de Roiben a odiasse; Kaye poderia fazer com que o rei deles fizesse suas vontades.

— Eu pareço ridículo, não pareço? — falou Corny, saindo de detrás dos galhos, o que fez com que Kaye se assustasse. Ele vestia uma túnica brocada preta e escarlata sobre calças pretas, e estava descalço. Corny franziu a testa. — Mas minhas roupas estão ensopadas. Pelo menos estas estão secas.

Kaye se virou, deixando que a saia fina rodopiasse em torno do corpo.

— Gosto do meu vestido.

— Legal. Todo esse verde realmente realça o rosa das membranas de seus olhos.

— Cale a boca. — Depois de pegar um graveto no chão, Kaye prendeu o cabelo para o alto como fazia com um lápis na escola. — Onde está Luis?

Corny o indicou com o queixo. Quando se virou, Kaye viu Luis recostado em uma árvore, mastigando o que deveria ser o final da barra de proteína. Ele pareceu irritado ao enfiar a mão mais fundo nos bolsos do

longo casaco marrom, o qual estava preso por três fivelas na cintura. O casaco roxo encharcado de Kaye estava pendurado no galho de uma árvore.

— Acho que devemos ir para a festa assim — gritou ela.

Luis se aproximou.

— Tecnicamente, é mais uma comemoração.

Corny revirou os olhos.

— Vamos.

Kaye seguiu na direção da música, deixando que os dedos percorressem as folhas verde-escuras. Ela colheu uma flor branca grande de um dos galhos e arrancou uma pétala enrugada após a outra.

— Bem me quer — disse Corny. — Mal me quer.

Kaye fez uma expressão irritada e parou.

— Não era isso que eu estava fazendo.

Silhuetas se moviam entre as árvores como fantasmas. As risadas e a música sempre pareciam um pouco mais distantes até que, de súbito, ela estava em meio a uma multidão de fadas. Grupos de pessoas dançavam em círculos amplos e caóticos, ou jogavam dados, ou simplesmente riam como se a brisa tivesse carregado uma piada apenas para os ouvidos delas. Uma mulher das fadas se agachou ao lado de um lago, conversando atentamente com o próprio reflexo, enquanto outra mulher acariciava o tronco de uma árvore como se fosse o pelo de um animal de estimação.

Kaye abriu a boca para contar algo a Corny, mas parou quando seus olhos foram atraídos para cabelos brancos e olhos como colheres de prata. Alguém ziguezagueava pela multidão, de manto e capuz, mas não coberto o suficiente.

Havia apenas uma pessoa que Kaye conhecia com olhos como aqueles.

— Volto logo — disse ela, já abrindo caminho entre uma garota encharcada com vestido de junco trançado e um duende sobre pernas de pau de madeira musgosa.

— Roiben? — sussurrou ela, tocando o ombro dele. Kaye conseguia sentir o coração acelerado e odiava aquilo, odiava tudo a respeito de como se sentia naquele momento, tão absurdamente grata que gostaria de se estapear. — Seu babaca. Poderia ter me mandado em uma missão para trazer uma maçã da mesa do banquete. Poderia ter me mandado em uma missão para trançar seu cabelo.

A silhueta retirou o capuz, e Kaye se lembrou da outra pessoa que teria olhos como os de Roiben. A irmã dele, Ethine.

— Kaye — falou Ethine. — Esperava esbarrar com você.

Morta de vergonha, Kaye tentou sorrir, mas pareceu mais uma careta. Não podia acreditar que tinha acabado de disparar coisas das quais não tinha certeza, pensando melhor, se queria que Roiben soubesse.

— Tenho apenas um minuto — disse Ethine. — Preciso levar um recado à rainha. Mas tem algo que sei. Sobre meu irmão.

Kaye deu de ombros.

— Não estamos exatamente nos falando.

— Roiben jamais foi cruel quando éramos crianças. Agora, ele é impiedoso, frio e terrível. Guerreará contra nós, a quem amava...

Kaye se espantou ao pensar em Roiben quando criança.

— Vocês cresceram no Reino das Fadas?

— Não tenho tempo para...

— Arranje tempo. Quero saber.

Ethine olhou para Kaye durante um longo tempo, então suspirou.

— Roiben e eu fomos criados no Reino das Fadas por uma parteira humana. A mulher tinha sido roubada dos próprios filhos e nos chamava pelos nomes deles. Mary e Robert. Eu não gostava disso. De resto, ela era muito carinhosa.

— E quanto a seus pais? Vocês os conhecem? Vocês os amam?

— Responda minha pergunta, por favor — disse Ethine. — Minha senhora quer que Roiben duela em vez de levar a corte Indigna para a guerra. Isso impediria um confronto, ao qual a corte Indigna está desfalcada demais para vencer, mas significaria a morte dele.

— Sua senhora é uma vaca — falou Kaye, antes de pensar.

Ethine entrelaçou as mãos, os dedos deslizaram uns contra os outros.

— Não. Ela o aceitaria de volta. Sei que aceitaria se ele apenas pedisse. Por que ele não pede?

— Não sei — disse Kaye.

— Você deve saber alguma coisa. Roiben é afeiçoado a você.

Kaye começou a protestar, mas Ethine a interrompeu.

— Ouvi como falou comigo quando achou que eu era ele. Você fala com ele como com um amigo.

Kaye fez que não com a cabeça.

— Olhe, eu fiz essa coisa de declaração. Quando você recebe uma missão. Ele basicamente mandou eu ir me ferrar. O que quer que pense que sei a respeito de Roiben ou que possa contar a você sobre ele, simplesmente acho que não posso.

— Eu vi você, embora não tenha ouvido suas palavras. Estava na colina naquela noite. — Ethine sorriu, mas a testa dela se franziu um pouco, como se estivesse desvendando as frases humanas de Kaye. — Mesmo assim, era de presumir que a missão não fosse trazer uma maçã da mesa do banquete ou trançar o cabelo dele.

Kaye corou.

— Se achou que o rei da corte Indigna fosse dar uma missão tão simples a você, deve achar que está apaixonado.

— Por que não daria? Ele disse que eu... — Kaye parou ao perceber que não deveria repetir as palavras de Roiben. *Você é a única coisa que quero.* Não era seguro dizer isso a Ethine, não importava o que tivesse acontecido.

— Uma declaração é uma coisa muito séria.

— Mas... achei que fosse, tipo, permitir que todos saibam que estamos juntos.

— É muito mais imutável do que isso. Há apenas um único consorte, e, mais frequentemente, não há nenhum. Isso une você tanto a ele quanto à corte. Meu irmão se declarou uma vez, sabe.

— Para Silarial — falou Kaye, embora não soubesse, não de verdade, antes daquele momento. Ela se lembrava de Silarial de pé no meio de um pomar humano dizendo a Roiben que ele havia provado seu amor de modo satisfatório para ela. Como Silarial ficara irritada quando Roiben a recusou. — Ele terminou a missão, não terminou?

— Sim — disse Ethine. — Ele deveria ficar na corte Indigna, como cavaleiro jurado a Nicnevin, até o fim da trégua. A morte dela acabou com tudo. Roiben poderia ser o consorte da senhora iluminada agora, se quisesse, se voltasse para nós. A declaração é um pacto, e Roiben cumpriu sua parte do acordo.

Kaye olhou em volta, para os que comemoravam, e se sentiu pequena e burra.

— Acha que eles deveriam estar juntos, não acha? Imagina o que ele viu em mim, uma fada alada suja e mal-educada.

— Você é inteligente. — A fada não olhou nos olhos de Kaye. — Imagino que tenha visto isso.

Kaye abaixou o rosto para as botas arranhadas. *Não tão inteligente assim, no fim das contas.*

Ethine pareceu pensativa.

— Em meu coração, acredito que ele ame Silarial. Roiben a culpa por sua dor, mas minha senhora... ela não pretendia que ele sofresse tanto...

— Roiben não acredita nisso. Na melhor das hipóteses, pensa que ela não se importava. E acho que ele queria muito que Silarial se importasse.

— Em que missão ele enviou você?

Kaye franziu a testa e tentou manter a voz equilibrada.

— Mandou que eu levasse para ele uma fada que possa contar uma inverdade. — Doía repetir aquilo, as palavras eram uma reprimenda por Kaye ter pensado que Roiben gostava dela o suficiente para colocar os sentimentos acima das aparências.

— Uma tarefa impossível — falou Ethine, ainda pensativa.

— Então percebe — respondeu Kaye — que provavelmente não sou a melhor pessoa para responder suas perguntas. Eu queria muito que ele se importasse também. E ele não se importou.

— Se ele não se importa com você, com ela ou comigo — disse Ethine —, então não consigo pensar em mais ninguém com quem Roiben se importa, a não ser consigo mesmo.

Um cavaleiro louro caminhou até eles, cuja armadura verde fazia seu corpo quase desaparecer dentro das folhas.

— Eu preciso mesmo ir — falou Ethine, virando-se.

— Ele não se importa consigo mesmo — gritou Kaye. — Acho que não se importa consigo mesmo há muito tempo.

Corny passeava pelo bosque tentando ignorar como o coração batia acelerado no peito. Ele tentou não fazer contato visual com qualquer fada, mas era atraído aos rostos felinos delas, aos longos narizes e aos olhos alegres. A expressão fechada de Luis estava fixa, não importava pelo que passassem. Até mesmo um rio cheio de fadas da água — com gotículas feito joias que adornavam suas peles nuas — não o comoveu, embora Corny tivesse se esforçado para virar o rosto.

— O que você vê? — perguntou Corny, finalmente, quando o silêncio entre os dois tinha se estendido por tanto tempo que o garoto havia desistido

de esperar pela iniciativa de Luis. — São lindas? É tudo ilusão?

— Não são exatamente lindas, mas são deslumbrantes. — Luis riu com escárnio. — É uma droga se você parar para pensar. Têm a eternidade e o que fazem? Passam o tempo todo comendo, transando e pensando em modos complicados de matar uns aos outros.

Corny deu de ombros.

— Eu provavelmente também o faria. Consigo me ver com um pacote de Cheetos, baixando pornografia e jogando Avenging Souls durante semanas seguidas se fosse imortal.

Luis olhou para Corny por um bom tempo.

— Besteira — disse ele.

Corny riu com deboche.

— Isso mostra o quanto você sabe.

— Lembra-se daquele bolo que comeu antes? — disse Luis. — Tudo o que vi foi um cogumelo velho.

Por um momento, Corny achou que Luis estivesse brincando.

— Mas Kaye comeu um.

— Ela comeu, tipo, *três*. — Luis disse isso tão alegremente que Corny começou a rir, então os dois estavam rindo juntos, um riso fácil e bobo de quem pode um dia virar amigo.

Corny parou de rir quando percebeu que queria que eles de fato virassem amigos.

— Por que você odeia o povo das fadas?

Luis se virou para direcionar o olho enevoado para Corny, dificultando a leitura da expressão de seu rosto.

— Tenho a Visão desde que era um garotinho. Meu pai a tinha, e acho que foi passada para mim. Ela o deixou louco; ou talvez *elas* tenham feito isso. — Luis balançou a cabeça, cansado, como se estivesse exausto da história. — Quando sabem que podem ser vistos, mexem com você de outras formas. Bem, meu pai ficou com a ideia na cabeça de que ninguém estava a salvo. Ele atirou em minha mãe e em meu irmão; acho que estava tentando protegê-los. Se eu estivesse lá, teria atirado em mim também. Meu irmão escapou por pouco, e tive de me colocar em dívida com uma fada para curá-lo. Consegue imaginar como as coisas seriam sem as fadas? Eu consigo. Normais.

— Preciso contar... um deles, um Cavalo das Águas, matou minha irmã — falou Corny. — Ele a afogou no oceano faz uns dois meses. E Nephanael, ele fez coisas comigo, mas eu ainda queria... — As palavras sumiram quando percebeu que talvez não fosse legal falar de um cara *daquele jeito* diante de Luis.

— O que você queria?

Na clareira adiante, Corny viu um grupo atirando o que pareciam ser dados dentro de uma enorme tigela. Eram lindos ou horrorosos ou os dois ao mesmo tempo. Uma cabeça de cabelos dourados parecia desconfortavelmente familiar: Adair.

— Precisamos ir — sussurrou Corny para Luis. — Antes que ele nos veja.

Luis deu uma olhada rápida por cima do ombro, então caminhou cada vez mais rápido.

— Qual deles? O que ele fez?

— Ele me amaldiçoou. — Corny assentiu enquanto passavam por baixo da cortina de folhas de um salgueiro. Nenhum dos dois mencionou que Silarial havia prometido que nenhum mal seria feito contra eles. Corny imaginou que Luis fosse tão cínico a respeito dos parâmetros daquela promessa quanto ele.

Um emaranhado de fadas descansava próximo ao tronco de uma árvore: um duende metamorfo de pelos pretos recostado contra duas fadas aladas de pele verde e asas amarronzadas; um garoto élfico jogado ao lado de um sonolento homem feérico. Corny parou de repente, surpreso. Um deles recitava o que parecia ser um poema épico sobre minhocas.

— Desculpem-nos — disse Corny, ao se virar. — Não queríamos incomodar ninguém.

— Besteira — falou uma fada alada. — Venham, sentem-se aqui. Vocês nos darão uma história também.

— Não sou muito... — começou Corny, mas um homem das fadas com pés de bode o puxou para baixo, gargalhando. A terra preta parecia macia e úmida sob as mãos e os joelhos de Corny. O ar estava pesado com os odores fortes do solo e das folhas.

— O dragão subiu com asas como couro — entoou uma fada. — Seu hálito incendiou a urze. — Talvez o poema fosse sobre dragões.

— Mortais têm uma forma tão interessante — disse o menino élfico, passando os dedos pela parte lisa das orelhas de Corny.

— Neil — chamou Luis.

O duende metamorfo esticou o braço e tocou a bochecha redonda de Corny, como se estivesse fascinado. Um garoto fada lambeu a parte de dentro do braço de Corny, e ele estremeceu. Era uma marionete. Os seres puxavam suas cordinhas, e Corny dançava.

— Neil — chamou Luis com a voz distante e insignificante. — Saia deste transe.

Corny se inclinava para as carícias dos seres, apoiando a cabeça contra a palma da mão de um duende metamorfo. A pele dele parecia quente e ultrasensível. Corny gemeu.

Dedos longos puxaram suas luvas.

— Não faça isso — avisou Corny, mas queria que os seres as puxassem. Queria que acariciassem cada pedaço de si, mas se odiava por querer. Pensou na irmã, seguindo um Cavalo das Águas pingando até um píer, mas nem isso diminuiu seu desejo.

— Vamos, vamos — disse uma fada alta de cabelo azul como as penas de um pássaro. Corny piscou.

— Vou machucar você — disse Corny, letárgico, e as fadas ao redor dele gargalharam. As gargalhadas não eram particularmente debochadas ou cruéis, mas mesmo assim doíam. Era a diversão de observar um gato perseguir a cauda de um lobo.

As fadas puxaram as luvas. Poeira de borracha apodrecida caiu das pontas dos dedos de Corny.

— Eu machuco tudo que toco — falou Corny, entorpecido.

Ele sentiu mãos em seus quadris, em sua boca. O solo estava frio contra suas costas, era acolhedor, pois o restante dele estava formigando de calor. Sem querer, Corny estendeu a mão até uma das fadas, sentiu o cabelo dela fluir como seda por suas mãos, sentiu o calor avassalador de músculos definidos.

Os olhos dele se abriram com a compreensão repentina do que estava fazendo. Corny viu, como que muito distante, os minúsculos furinhos nos tecidos que seus dedos tocavam, as manchas de cor de amora-preta dos

ferimentos crescendo nos pescoços, as manchas marrons de idade se espalhando como sujeira de terra contra a pele velha. As fadas sequer pareciam notar.

Um pequeno sorriso se abriu em teus lábios. Ele podia feri-las mesmo sem conseguir resistir a elas.

Corny deixou que as fadas aladas o acariciassem, arqueou as costas e mordeu o pescoço exposto do menino élfico, inalou os estranhos odores de mineral e de terra daqueles seres, permitindo que a luxúria tomasse conta dele.

— Neil! — gritou Luis, e ergueu Corny pela parte de trás da camisa. Ele cambaleou, estendendo os braços para se equilibrar, e Luis se afastou antes que a mão de Corny lhe tocasse. Quando agarrou a camisa de Luis em vez disso, o tecido se desfez. Corny tropeçou e caiu.

— Saia do transe — ordenou Luis. Ele estava respirando rapidamente, talvez com medo. — Fique de pé.

Corny ficou de joelhos. O desejo dificultava a fala. Mesmo o movimento dos próprios lábios era perturbadoramente prazeroso.

Uma fada apoiou os longos dedos na panturrilha de Corny. O toque pareceu uma carícia, e ele caiu em sua direção.

Lábios quentes estavam ao lado dos seus.

— Levante-se, Neil. — Luis falava baixinho diante da boca de Corny, como se o desafiasse a obedecer. — Hora de se levantar.

Luis beijou Corny. Luis, que podia fazer tudo que ele não podia, que era inteligente e sarcástico e o último garoto no mundo que poderia querer um *geek* esquisito como Corny. Era atordoante sentir a boca contra a de Luis. As línguas deles deslizaram juntas por um momento devastador, então Luis se afastou.

— Dê-me suas mãos — disse ele, e Corny obedientemente estendeu os punhos. Luis os atou com um cadarço.

— O que está... — Corny tentou discernir o que estava acontecendo mas ainda se sentia zozzo.

— Entrelace os dedos — falou Luis com a voz calma e competente e beijou a boca de Corny de novo.

É claro. Luis estava tentando salvá-lo. Como tinha salvado o homem com a boca cheia de moedas ou Lala com as vinhas serpenteantes. Luis

sabia sobre curas, cataplasmas e o valor medicinal dos beijos. Ele sabia como distrair Corny tempo o bastante para amarrar as mãos dele, como usar a si mesmo como isca para atrair Corny para longe do perigo. Luis viu na mesma hora através do desejo cuidadosamente escondido de Corny e — pior do que usar isso contra ele — Luis usara o desejo para salvar Corny. A felicidade se transformou em ácido no estômago do garoto.

Ele cambaleou para trás e seguiu aos tropeços pela cortina de galhos. A árvore arranhou o rosto de Corny quando ele atravessou.

Luis o seguiu.

— Desculpe-me — gritou atrás de Corny. — Eu... eu não... eu achei...

— Eu? Eu não? Eu achei? — berrou Corny. O rosto dele estava, de súbito, quente demais. Então seu estômago se contraiu. Corny mal teve tempo de se virar antes de vomitar pedaços de cogumelos velhos.

Previsivelmente, Luis estivera certo sobre os bolos.

Os olhos amarelos de uma coruja refletiram o luar, fazendo com que Kaye saltasse de susto. Ela havia desistido de gritar o nome de Corny e agora apenas tentava encontrar o caminho de volta para a comemoração. Cada vez que se virava na direção da música, parecia que ela vinha de outro lugar.

— Perdida? — disse uma voz, e Kaye se espantou. Era um homem com cabelos louro-esverdeados e asas de mariposa brancas que se dobravam nas costas nuas dele.

— Mais ou menos — falou Kaye. — Será que poderia apontar o caminho para mim?

Ele assentiu e apontou um dedo para a esquerda e outro para a direita.

— *Hilário*. — Kaye cruzou os braços sobre o peito.

— Os dois caminhos levam até a comemoração em algum momento. Um apenas tomaria mais tempo. — O homem sorriu. — Diga-me seu nome e digo qual deles é melhor.

— Está bem — replicou ela. — Kaye.

— Esse não é seu nome verdadeiro. — O sorriso do homem era provocador. — Aposto que nem sabe qual é.

— É provavelmente mais seguro assim. — Kaye olhou para o denso aglomerado de árvores. Nada parecia familiar.

— Mas alguém deve saber, não deve? Quem o deu a você?

— Talvez ninguém tenha me dado um nome. Talvez eu mesma deva fazer isso.

— Dizem que as coisas sem nome podem mudar constantemente, que os nomes as fixam no lugar como alfinetes. Mas sem um nome, uma coisa também não é muito real. Talvez você não seja real.

— Sou real — disse Kaye.

— Você sabe um nome que não é seu, não sabe? Um nome verdadeiro. Um alfinete de prata que poderia prender um rei no lugar.

O tom de voz dele era leve, mas os músculos nos ombros de Kaye se retesaram.

— Eu disse a Silarial que não o usaria. Não usarei.

— Mesmo? — O homem inclinou a cabeça para o lado, parecendo estranhamente com um pássaro. — E você não o trocaria por outra vida? Por uma mãe mortal? Por um amigo inconsequente?

— Está me ameaçando? Silarial está me ameaçando? — Kaye se afastou do homem.

— Ainda não — disse ele, gargalhando.

— Encontrarei meu próprio caminho — murmurou Kaye, saindo sem saber para onde ia e sem se importar.

As árvores estavam pesadas com as folhas impossíveis de verão, e a terra, quente e cheirosa, mas os bosques permaneciam parados como pedras. Até mesmo o vento parecia morto. Kaye continuou andando, cada vez mais rápido, até chegar a um córrego cheio de pedras. Uma figura atarracada se agachava perto da água, os gravetos em seus cabelos emaranhados faziam com que parecesse um arbusto sem folhas.

— Você! — arquejou Kaye. — O que está fazendo aqui?

— Tenho certeza — falou a bruxa do Cardo com os olhos negros brilhando — de que você tem perguntas melhores do que essa para mim.

— Não quero mais charadas — disse Kaye, e sua voz falhou. Ela se sentou no leito molhado do rio, sem se importar com a água que ensopava a saia do vestido. — Nem cascas de ovos, nem missões.

A bruxa do Cardo estendeu um braço longo e esguio para acariciar Kaye com dedos que pareciam ásperos como madeira.

— Pobre fadinha alada. Venha, deite a cabeça em meu ombro.

— Nem sei de que lado você está — resmungou Kaye, mas se aproximou e se recostou contra a forma familiar da fada. — Não tenho

certeza de quantos lados há. Quero dizer, é como um pedaço de papel com dois lados ou como um daqueles dados esquisitos de Corny, com vinte lados? E se há mesmo vinte lados, tem alguém do meu?

— Garota esperta — falou a bruxa do Cardo, em aprovação.

— Por favor, isso não fez sentido. Não há *nada* que possa me dizer? Sobre qualquer coisa?

— Você já sabe do que precisa e precisa do que sabe.

— Mas isso é uma charada! — protestou Kaye.

— Às vezes, a charada é a resposta — respondeu a bruxa do Cardo, mas, mesmo assim, deu tapinhas no ombro de Kaye.

Capítulo 9

*Linda como a lua e alegre como a luz;
Não desgastada pela espera, não pela tristeza sombria;
Não como ela é, mas como era, quando a esperança brilhava forte;
Não como ela é, mas como aparece no sonho dele.*

— Christina Rossetti, *In An Artist's Studio*

Na escuridão do amanhecer, Corny acordou com o ruído de sinos distantes e o retumbar forte de cascos. Ele se virou, desorientado, dolorido e encheu-se de um pânico repentino. De alguma forma, tinha recolocado a jaqueta de couro, mas as pontas das mangas pareciam desfiadas. Os pulsos de Corny doíam e quando ele, inadvertidamente, puxou no sentido contrário ao do caderço que os atava, isso fez com que doessem mais. A boca de Corny tinha um gosto azedo.

A percepção de que ainda estava na corte Digna elucidou o pesar e o desconforto. Mas quando viu Luis, enroscado no casaco roxo de Kaye, com a bochecha apoiada contra a saliência no tronco de um abrunheiro próximo, ele se lembrou do resto. Lembrou-se de como fora um idiota.

E da maciez agonizante dos lábios de Luis.

E do modo como ele havia afastado o cabelo de Corny do rosto enquanto ele vomitava na grama.

E no modo como Luis fora apenas carinhoso.

A vergonha fez o rosto de Corny esquentar e seus olhos arderem. Sua garganta se fechou ao pensar em, de fato, ter que conversar sobre aquilo. Ele se virou e ficou de joelhos, então se levantou desajeitadamente, a distância física era a única coisa que o acalmava. Talvez Kaye estivesse na direção do barulho. Se pudesse encontrá-la, talvez Luis não dissesse nada sobre o que acontecera.

Talvez ele agisse como se nada tivesse acontecido. Corny trilhou o caminho sozinho entre as árvores, até que viu a procissão.

Cavalos das fadas com ferraduras prateadas passavam correndo, as crinas esvoaçantes e os olhos brilhando, os rostos das fadas montadas estavam cobertos por elmos. O primeiro cavaleiro usava uma armadura vermelho-escura que parecia descascar como tinta velha, o seguinte estava de branco, como a casca do ovo de uma cobra. Então um corcel negro galopou na direção de Corny e parou, os cascos dianteiros dançavam no ar.

A armadura desse cavaleiro era preta e brilhava como as penas de um corvo.

Corny saiu da frente. A casca grossa do tronco de uma árvore arranhou suas costas.

O cavaleiro de preto empunhou uma lâmina curva que reluzia como água corrente.

O garoto cambaleou, o terror o deixava idiotizado. O cavalo trotou para mais perto, seu hálito quente batia no rosto de Corny. Ele ergueu as mãos atadas para se proteger.

A espada cortou o cadarço que prendia seus pulsos. Corny gritou e caiu na terra.

O cavaleiro embainhou a espada e retirou o elmo entalhado.

— Cornelius Stone — disse Roiben.

Corny gargalhou com alívio histérico.

— Roiben! O que está fazendo aqui?

— Vim negociar com Silarial — respondeu Roiben. — Quem atou suas mãos? Onde está Kaye?

— Isto é, hum, para meu próprio bem — disse Corny, erguendo os pulsos.

Roiben franziu a testa e se inclinou para a frente sobre a sela.

— Por favor, conte-me a história.

Corny estendeu a mão e tocou com um dos dedos uma folha verde em um galho baixo. A folha enrugou e ficou cinza.

— Maldição bem ruim, não é? O cadarço amarrado deveria evitar que eu tocasse alguém por acidente. Pelo menos é o que acho... não me lembro de tudo de ontem à noite.

Roiben balançou a cabeça.

— Saia deste lugar. O mais rápido possível. Sorrowsap o levará em segurança para fora das terras da corte Digna. Nada é o que parece agora, pelo visto, nem mesmo você. Kaye... ela deveria... — Roiben parou. — Diga-me que ela está bem.

Corny queria contar a Roiben que ele poderia enfiar no rabo aquela besteira de fingir que se importava, mas ainda estava um pouco abalado pela espada tão recentemente brandida na direção de sua cabeça.

— Por que se importa? — perguntou Corny.

— Eu me importo. — Roiben fechou os olhos como se estivesse se obrigando a ficar calmo. — Não importa o que pense de mim, tire-a daqui. — Roiben se recostou na sela e puxou as rédeas. O cavalo deu um passo para trás.

— Espere — disse Corny. — Queria perguntar algo a você: como é ser rei? Como é finalmente ser tão poderoso que ninguém pode controlar você? — Era meio que um deboche, é claro, mas Corny queria mesmo saber.

Roiben deu uma gargalhada vazia.

— Tenho certeza de que não saberia dizer.

— Está bem. Não me diga.

Roiben inclinou a cabeça, os olhos pálidos subitamente severos. Corny ficou sem jeito por ter a atenção total do senhor das fadas voltada para si.

— Quanto mais poderoso você se torna, mais os outros vão encontrar modos de controlá-lo. Farão isso por intermédio daqueles que ama e daqueles que odeia; encontrarão o freio e a rédea que cabem em sua boca e fazem com que se curve.

— Então não tem como ficar seguro?

— Ser invisível, talvez. Ser inútil.

Corny balançou a cabeça.

— Não funciona.

— Faça com que se curvem primeiro — disse Roiben, e o meio sorriso que tinha nos lábios não foi o bastante para tornar a sugestão frívola. — Ou morra. Ninguém pode controlar os mortos. — Roiben recolocou o elmo. — Agora, pegue Kaye e vá embora.

Com uma puxada nas rédeas, Roiben fez o cavalo girar e seguiu trilha abaixo, a poeira formava nuvens atrás dos cascos reluzentes.

Corny voltou pelo bosque e encontrou Adair recostado em uma árvore.

— Você não se encaixa entre tanta beleza — disse o homem das fadas, afastando os cabelos louros como manteiga do rosto. — É um erro que vocês humanos costumam cometer... são muito feios.

Corny pensou nas palavras de Roiben. *Faça com que se curvem primeiro.*

— Este foi um dom bem legal — disse ele, permitindo que a mão roçasse na casca de um carvalho próximo, escurecendo o tronco. — A maldição. Eu deveria agradecer.

Adair deu um passo para trás.

— Você deve estar bem irritado. A maldição até mesmo faz definhar a pele das fadas. — Corny sorriu. Agora, só preciso decidir qual é a melhor forma de expressar minha gratidão. O que acha que a etiqueta mandaria?

* * *

Kaye tentava manter o rosto inexpressivo enquanto Roiben passava por baixo do dossel de galhos que constituía os aposentos de Silarial. Os cabelos prateados dele caíam sobre seus ombros como mercúrio, mas estavam escurecidos pelo suor na altura do pescoço.

O desejo revirou o estômago de Kaye, junto com uma antecipação horrível e desnorteadora que não conseguia conter. O encantamento humano com o qual Silarial a havia coberto parecia justo e pesado. Ela queria gritar por Roiben, tocar a manga da camisa dele. Era fácil imaginar que tinha acontecido algum tipo de mal-entendido, que se ela ao menos pudesse falar com Roiben por um momento, tudo seria como antes. É claro que Kaye deveria ficar perto do tronco do enorme salgueiro e manter os olhos no chão da forma como as servas humanas faziam.

O encantamento parecera algo inteligente a princípio, quando Silarial o sugerira. Roiben não tinha permissão de ver Kaye — de acordo com as regras da declaração —, e se ela estivesse encantada, ainda não seria vista. Kaye deveria apenas esperar até que Roiben e Silarial terminassem de conversar, então deveria tentar convencê-lo a aceitar o plano de Silarial. Se Kaye concordasse com ele, é claro. O que ela estava quase certa de que não faria, mas ao menos teria a satisfação presunçosa de irritar Roiben.

Parecera um cenário melhor do que agora, com Kaye de pé ali, observando Roiben entre os cílios como se os dois fossem desconhecidos.

Silarial ergueu o rosto das almofadas preguiçosamente.

— Ethine me contou que você não concorda com minhas condições.

— Não acho que esperava que eu concordasse, m... — Roiben parou subitamente, e Silarial gargalhou.

— Você quase me chamou de “minha senhora”, não foi? Esse é um hábito difícil de quebrar.

Roiben olhou para baixo, e sua boca se contorceu.

— De fato. Você me surpreendeu sendo tolo.

— Besteira. Acho encantador. — Sorrindo, Silarial gesticulou com a mão na direção em que estava Kaye, entre as servas. — Você deve estar seco pelo gosto das terras imutáveis de sua juventude.

Uma humana esguia com um vestido azul simples saiu da fila como se em resposta a um sinal que Kaye não viu. A serva se inclinou na direção de uma vasilha de cobre sobre a mesa como se estivesse pescando maçãs com a boca. Então, ajoelhada diante de Roiben, ela inclinou o corpo para trás e abriu a boca. A superfície do vinho reluzia entre os dentes da jovem.

Kaye foi lembrada, súbita e terrivelmente, do afogamento de Janet, de como os lábios dela estavam abertos exatamente daquela forma, de como a boca da amiga parecera cheia de água do mar. Kaye afundou as unhas na palma da mão.

— Beba — disse a senhora da corte iluminada, com os olhos cheios de humor.

Roiben se ajoelhou e beijou a boca da garota, segurando a cabeça dela com as duas mãos e inclinando-a de modo a engolir o vinho.

— Decadente — falou Roiben, acomodando-se nas almofadas. Ele parecia divertido e relaxado demais, os braços e as pernas enormes esparramados como se estivesse no próprio quarto. — Mas sabe do que sinto falta de verdade? Chá de dente-de-leão torrado.

Silarial afagou o cabelo da jovem antes de enviá-la de volta para pegar mais um bocado de outra tigela. Kaye se lembrou de não encarar, de olhar para cima apenas pelos cílios, de manter o rosto cuidadosamente neutro. Ela enfiou as unhas com mais força na pele.

— Então, diga-me — falou Silarial. — Que condições propõe?

— Você precisa arriscar algo se deseja que eu arrisque tudo.

— A corte Indigna não tem chance de vencer uma batalha. Você precisa aceitar qualquer oferta e ficar agradecido.

— Mesmo assim — disse Roiben. — Se eu perder o duelo contra seu campeão, você se tornará soberana da corte Indigna, e eu estarei morto. É o bastante para eu apostar contra sua oferta de paz transitória, mas não peço termos iguais. Se eu vencer, quero apenas que concorde em tornar Ethine rainha em seu lugar.

Por um momento, Kaye achou ter visto os olhos de Silarial brilharem com triunfo.

— Apenas? E se eu não concordar?

Roiben se deitou nas almofadas.

— Então, a guerra, vencível ou não.

Silarial semicerrou os olhos, mas havia um sorriso nos cantos de sua boca.

— Você não é mais o cavaleiro que conheci.

Roiben balançou a cabeça.

— Lembra-se de minha avidez por me provar a você? Pateticamente grato por sequer a menor consideração. Como você devia me achar tedioso.

— Admito que acho você mais interessante agora, negociando a salvação daqueles que odeia.

Roiben gargalhou, e o som da risada — cheia de autodepreciação — causou arrepios em Kaye.

— Mas talvez me odeie ainda mais? — perguntou Silarial.

Roiben abaixou a cabeça para os dedos da mão esquerda, observou-os puxando o fecho ônix do bracelete da outra mão.

— Penso em como desejei você e isso me enoja. — Roiben ergueu o rosto para a rainha. — Mas isso não significa que parei de desejá-la. Sinto falta de casa.

Silarial balançou a cabeça.

— Você disse a Ethine que jamais deixaria de ser o senhor da corte escura. Jamais reconsideraria sua posição. Jamais me serviria. Isso ainda é verdade?

— Não serei como fui um dia. — Roiben gesticulou para Kaye e para as outras jovens de pé contra a parede. — Não importa o quanto deseje isso.

— Você disse que nada a meu respeito lhe é tentador — falou Silarial. — E quanto a isso?

Roiben sorriu.

— Eu disse a Ethine para dizer isso a você. Eu jamais disse isso.

— E é verdade?

Roiben ficou de pé, caminhou a curta distância até onde Silarial estava recostada e se ajoelhou diante dela. Ele levou a mão à bochecha da rainha, e Kaye pôde ver que Roiben tremia.

— Estou tentado — disse ele.

A rainha da corte iluminada se aproximou e levou sua boca à de Roiben. O primeiro beijo foi curto, cuidadoso e comportado, mas o segundo não foi. As mãos de Roiben seguraram a cabeça de Silarial, e ele a inclinou para

trás, beijando a rainha como se quisesse parti-la ao meio. Quando ele se afastou, os lábios da rainha sangravam, e seus olhos estavam escuros de desejo.

O rosto de Kaye se incendiou, e ela conseguia sentir o coração batendo até mesmo nas bochechas. Parecia, para ela, que as mãos trêmulas de Roiben quando tocaram Silarial eram piores do que os beijos, piores do que qualquer coisa que ele tivesse dito ou pudesse fazer. Kaye sabia como era tremer daquele jeito antes de tocar alguém — um desejo tão intenso que se torna desespero.

Kaye se obrigou a olhar para a terra, a se concentrar nas raízes serpenteantes ao lado da sandália. Ela tentou não pensar em nada. Não sabia o quanto esperava que Roiben ainda a amasse até que sentiu o quanto doía perceber que ele não amava.

Um farfalhar de roupas fez com que Kaye erguesse o rosto automaticamente, mas foi apenas Silarial se levantando das almofadas. Os olhos de Roiben exibiam cautela.

— Você deve querer muito que eu concorde com seus termos — disse a rainha da corte iluminada, descontraidamente, mas com voz vacilante. Silarial afastou uma mecha de cabelo do rosto de Roiben.

— Ethine provavelmente devolveria sua coroa caso a ganhasse — replicou Roiben.

— Caso você derrote meu campeão... — começou Silarial, então parou, olhando para Roiben. Ela levou uma das mãos pálidas à bochecha dele. — Caso você derrote meu campeão, se arrependerá disso.

Roiben deu um meio sorriso.

— Mas concederei o favor. Ethine será rainha se você vencer. Trate de não vencer. — Ela caminhou até as vasilhas de bebida, e Kaye viu o rosto de Silarial refletido em todas as superfícies. — É claro que toda essa negociação não importaria nem um pouco se você apenas se unisse a mim. Deixe a corte daqueles que detesta. Juntos, podemos acabar com essa guerra hoje. Você seria meu consorte...

— Não — disse Roiben. — Eu disse que não...

— Há alguém aqui com meios para convencê-lo.

Roiben se levantou subitamente, voltando-se para a parede de servas. O olhar dele percorreu as jovens e parou nela.

— Kaye. — A voz de Roiben parecia angustiada.

Kaye baixou o olhar, trincando os dentes.

— Como soube? — perguntou Silarial.

Roiben caminhou até Kaye e colocou a mão no braço dela.

— Eu deveria ter adivinhado antes. Muito inteligente colocar um encantamento tão completo.

Kaye se sentiu enjoada ao pensar no modo como ele havia beijado Silarial. Queria dar um tapa em Roiben. Queria cuspir no rosto dele.

— Mas como a encontrou entre minhas outras servas?

Roiben pegou a mão de Kaye e a virou para cima, de modo que a rainha pudesse ver as meias-luas avermelhadas no lugar em que as unhas de Kaye tinham sido enterradas na pele.

— Foi isso, na verdade. Não conheço mais ninguém com esse hábito nervoso em especial.

Kaye ergueu o rosto para Roiben e viu apenas um rosto humano esquisito refletido nos olhos dele.

Ela puxou a mão de volta e a esfregou contra a saia, como se pudesse retirar o toque dele.

— Você não deveria me ver até que eu possa resolver sua missão idiota.

— Sim, mereço qualquer desprezo que possa ter por mim — disse Roiben com a voz baixa. — Mas o que está fazendo aqui? Não é seguro.

Os lábios dele ainda estavam vermelhos devido ao beijo, e era difícil não se concentrar neles.

— Aqui é o meu lugar, não é? Foi daqui que vim. A outra Kaye está em casa agora, de onde nunca deveria ter saído. Com a mãe, Ellen.

Roiben pareceu momentaneamente furioso.

— O que Silarial a fez prometer por isso?

— Deve ser uma droga amá-la, pois não confia nem um pouco em Silarial — disse Kaye, sentindo gosto de bile na língua.

Houve um silêncio, no qual Roiben olhou para Kaye com um tipo de desespero horrível, como se quisesse muito falar, mas não conseguisse encontrar as palavras.

— Não importa o que ele acha de mim ou de você — falou Silarial, aproximando-se de onde estava Kaye. As palavras saíram suaves, usadas com muito cuidado. — Use o nome dele. Acabe com a guerra.

Kaye sorriu.

— Eu poderia, sabe. Poderia mesmo.

Roiben pareceu muito sério, mas falou tão suavemente quanto a rainha.

— Você me comandará, Kaye? Devo me curvar a uma nova senhora e temer o chicote da sua língua?

Kaye não respondeu. O ódio dela era algo vivo, contorcendo-se em seu estômago. Queria ferir Roiben, queria humilhá-lo, revidar por tudo que sentira.

— E se eu prometer que não usarei o nome, que jamais o repetirei? — falou Silarial. — Ele seria apenas seu para ordenar. Seu brinquedo. Eu apenas a aconselharia sobre como usá-lo.

Kaye ainda assim não respondeu. Tinha medo do que sairia caso abrisse a boca.

Roiben empalideceu.

— Kaye, eu... — Ele fechou os olhos. — *Não* — disse Roiben, mas Kaye conseguia ouvir o desespero na voz dele. Aquilo a deixava ainda mais irritada. Fazia com que quisesse desapontá-lo.

Silarial falou tão perto do ouvido de Kaye que a garota estremeceu.

— Você deve ordená-lo, sabe. Se não, eu ameaçaria sua mãe, aquele seu garoto humano, sua irmã trocada. Você seria persuadida. Não se sinta mal por ceder agora.

— Diga que não o repetirá — falou Kaye. — Não apenas “se eu prometer”, o juramento de verdade.

A voz de Silarial ainda era um sussurro.

— Eu não falarei o nome verdadeiro de Roiben. Não o prenderei com o nome nem repetirei a mais ninguém.

— Rath Roiben — disse Kaye. Roiben se encolheu e levou a mão ao punho da espada no cinto, mas deixou-a ali. Os olhos de Roiben permaneceram fechados. *Rye*. A palavra estava pronta nos lábios de Kaye. *Rath Roiben Rye*.

— Riven — terminou Kaye. — Rath Roiben Riven, faça o que ordeno.

Roiben ergueu o rosto para ela, rapidamente, com os olhos arregalados de esperança.

Kaye conseguia sentir o próprio sorriso ficar cruel. Era melhor que Roiben fizesse o que ela mandasse bem ali. Se não, Silarial saberia que Kaye tinha pronunciado o nome errado.

— Lamba a mão da rainha da corte Digna, Rath Roiben Riven — disse ela. — Lamba como o cachorro que é.

Roiben ficou sobre um joelho. Quase se levantou antes de se lembrar, então passou a língua na palma da mão de Silarial. A vergonha corou o rosto de Roiben.

Silarial gargalhou e limpou a mão no vestido.

— Adorável. Agora, o que mais o obrigaremos a fazer?

Roiben ergueu o rosto para Kaye.

Ela deu um risinho.

— Eu mereço isso — sussurrou ele. — Mas, Kaye, eu...

— Diga que se cale — falou Silarial.

— Silêncio — ordenou Kaye. Ela se sentia alegre com o ódio.

Roiben baixou os olhos e ficou quieto.

— Ordene que ele jure lealdade a mim, para que seja para sempre um servo da corte Digna.

Kaye inspirou. Aquilo ela não faria.

O rosto de Roiben estava sombrio.

Kaye negou com a cabeça, mas sua fúria foi substituída por medo.

— Ainda não terminei com ele.

A rainha da corte Digna franziu a testa.

— Rath Roiben Riven — disse Kaye, tentando pensar em alguma ordem para ganhar tempo e em um modo de distorcer as palavras de Silarial ou fazer alguma objeção que fosse crível para a rainha. — Quero que você...

Um grito perfurou o ar. Silarial se afastou alguns passos deles, distraída pelo som.

— Kaye... — disse Roiben.

Um grupo de fadas abriu caminho por baixo do dossel de folhas, Ethine entre elas.

— Minha senhora — disse um rapaz, então parou, como se chocado pela visão do senhor da corte escura de joelhos. — Houve uma morte. Aqui.

— O quê? — A rainha olhou na direção de Roiben.

— O humano... — começou um deles.

— Corny! — gritou Kaye, empurrando a cortina de galhos de salgueiro, esquecendo-se de Silarial, das ordens, de tudo, exceto Corny. Ela correu na direção em que os outros seguiam, para onde uma multidão se reunia e onde Talathain apontava um arco e flecha esquisito. Para Cornelius.

O chão no qual ele estava sentado tinha definhado em dois círculos ao redor das mãos de Corny, minúsculas violetas se tornavam marrons e secas, cogumelos apodreciam, o próprio solo empalidecia sob os dedos do amigo. Ao lado dele, estava o corpo de Adair, uma faca ainda na mão, o pescoço e parte do rosto enrugados e escuros. Os olhos mortos de Adair encaravam o céu sem sol.

Kaye parou abruptamente, tão aliviada por Corny ainda estar vivo que quase caiu.

Luis estava próximo com o rosto pálido. O casaco roxo de Kaye pendia dos ombros dele.

— Kaye — disse Luis.

— O que aconteceu? — perguntou ela. Ajoelhada ao lado do corpo, Kaye enfiou a faca de Adair na manga da camisa, escondendo o cabo na mão em concha.

— Neil o matou — disse Luis, por fim, com a voz baixa. — As fadas da corte Digna não gostam de ver morte... principalmente aqui, na própria corte. Isso as ofende, faz com que se lembrem de que até mesmo elas um dia vão...

Corny gargalhou de súbito.

— Aposto que ele não previu essa. Não de mim.

— Temos que sair daqui — disse Kaye. — Corny! Levante-se!

Corny ergueu o rosto para Kaye. Ele parecia estranho, distante.

— Não acho que vão me deixar sair.

Kaye olhou para a multidão de fadas, Silarial estava ao lado de Talathain. Ethine observava enquanto Roiben falava com Ellebere e

Ruddles. Alguns dos seres apontavam para o corpo, incrédulos, outros arrancavam as roupas e choravam.

— Você prometeu que Corny ficaria seguro — disse Kaye à rainha. Ela estava ganhando tempo.

— Ele *está* seguro — disse Silarial. — Enquanto um de meu povo está morto.

— Nós vamos embora. — Kaye se afastou de Corny. As mãos dela estavam trêmulas, e Kaye conseguia sentir a ponta afiada da faca contra a pele. Apenas mais uns passos.

— Deixe que vão — disse Roiben a Silarial.

Talathain virou o arco e flecha na direção de Roiben.

— Não presuma que pode ordená-la.

Roiben gargalhou e sacou a espada, devagar, como se desafiasse Talathain a atirar. Os olhos dele estavam cheios de ódio, mas parecia aliviado, como se a clareza do ódio afastasse a vergonha.

— Venha — disse ele. — Vamos lançar mais um cadáver entre nós.

Talathain soltou o arco e flecha e pegou a própria espada.

— Esperei muito tempo por este momento.

Os dois caminharam formando um círculo enquanto o povo se afastava, dando espaço aos cavaleiros.

— Deixe-me lutar contra ele — falou Dulcamara, vestida toda em vermelho, o cabelo como cordas espiraladas unidas por fios pretos.

Roiben sorriu e balançou a cabeça. Ao virar-se para Kaye, disse “vão” com os lábios, então investiu contra Talathain.

— Impeça-os — disse Silarial a Kaye. — Ordene a ele que pare. Avançando e recuando, os dois pareciam uma dupla em uma dança ágil e mortal. As espadas se chocavam.

Ethine deu um passo na direção do irmão e então parou. Ela se virou para Kaye com olhos suplicantes.

— Roiben — gritou Kaye. — Pare.

Ele ficou duro como pedra. Talathain abaixou a arma com o que parecia ser arrependimento.

Silarial caminhou até Roiben. Passou a mão pela bochecha dele, então olhou de novo para Kaye.

— Se quer sair daqui com seus amigos — falou Silarial —, sabe o que precisa ordenar que ele faça.

Kaye assentiu, caminhando na direção deles, o coração batendo tão forte que parecia um peso dentro do corpo. Ela parou atrás de Ethine. Tinha de haver um modo de libertar Luis, Corny e a si mesma antes que Silarial percebesse que Kaye não tinha usado o nome verdadeiro de Roiben. Precisava de algo com que pudesse negociar, algo que estaria disposta a trocar.

Kaye levou a faca de Adair ao pescoço de Ethine.

Então ouviu o nome da jovem ecoar em meia dúzia de vozes espantadas.

— Corny! Levante-se! Luis, ajude-o! — Kaye engoliu em seco. — Vamos sair daqui agora mesmo.

Silarial não sorria mais. Ela parecia chocada, os lábios estavam brancos.

— Há coisas que eu poderia...

— Não! — berrou Kaye. — Se tocar em minha mãe, vou cortar Ethine. Se tocar no irmão de Luis, vou cortar Ethine. Vou sair daqui com Luis e Corny, e se não quiser que Ethine seja ferida, você e todos os seus vão simplesmente permitir.

— Minha senhora — arquejou Ethine.

Talathain apontou a espada na direção de Kaye, torcendo-a, como se fosse uma promessa.

— Deixe que a fada e os humanos passem — falou Silarial. — Embora eu ache que ela vá se arrepender.

Com um gesto de Silarial, o encantamento se desfez. Kaye se viu inalando o ar profundamente, provando, de súbito, o verde das plantas e cheirando a terra escura e rica e as minhocas que rastejavam nela. Tinha se esquecido das sensações de tontura de ser uma fada e do terrível peso de um encantamento tão poderoso; era como se suas orelhas estivessem cheias de algodão. Kaye quase tropeçou, mas cravou as unhas na mão e ficou parada.

— Não com minha irmã — falou Roiben. — Não minha irmã, Kaye. Não permitirei.

— Rath Roiben Riv... — começou Kaye.

— Esse não é meu nome — disse Roiben, e ouviram-se arquejos das outras fadas.

Kaye encarou Roiben e colocou toda a raiva na voz.

— Não pode me impedir. — Ela empurrou Ethine na direção de Luis e de Cornelius. — Tente, e eu o ordenarei *de verdade*.

Um músculo no maxilar de Roiben se enrijeceu. Os olhos dele estavam frios como chumbo.

Os quatro saíram andando, dirigiram-se até a margem da ilha. Enquanto subiam no barco de gelo que tinham deixado em meio ao junco, Ethine emitiu um ruído baixinho que não foi bem um soluço.

Eles remaram até a margem mais afastada, coberta de neve, passaram por um jovem de pé, tão rígido quanto um quebra-nozes de Natal, a echarpe dourada e vermelha enfiada dentro do casaco de fivelas. Os lábios e as bochechas do homem estavam coloridos de azul, e a geada cobria seu queixo como se fosse barba por fazer. Os olhos pálidos e fundos do homem ainda encaravam as ondas. Mesmo na morte, ele esperava para servir a rainha da corte Digna.

Kaye jamais conseguiria correr rápido o bastante ou longe o suficiente para escapar de todos eles.

Capítulo 10

*Cem vitórias em cem batalhas não é o ápice da destreza.
Subjugar o inimigo sem lutar é o ápice da destreza.*

— Sun Tzu, *A arte da guerra*

O carro ainda estava estacionado no acostamento da estrada, as janelas do lado do carona foram cobertas por lama espirrada que tinha congelado e virado gelo. A porta fez um estalo quando Luis a abriu.

— Entre — disse Kaye para Ethine. O coração de Kaye batia como um chocalho, seu rosto estava tão frio quanto seus dedos; todo o calor de seu corpo tinha sido consumido pelo pânico.

Ethine olhou para o carro hesitante.

— O ferro — disse ela.

— Por que não estão nos seguindo? — perguntou Luis, olhando por cima do ombro.

— Eles estão — disse uma voz.

Kaye deu um grito e ergueu a lâmina automaticamente.

Sorrowsap deu um passo na direção da estrada, as roupas pretas esvoaçavam, e as botas esmagavam o cascalho.

— Meu senhor Roiben ficou insatisfeito comigo por deixar que vocês cruzassem a água. — Havia um tom de ameaça na voz dele. — Ele ficará ainda mais insatisfeito se vocês não partirem imediatamente. Vão. Impedirei o que quer que venha. Quando cruzarem a fronteira em direção à corte Indigna, estarão seguros.

— Você deve saber que seria loucura me prender contra minha vontade — disse Ethine ao tocar o braço de Kaye. — Você está longe da corte. Permita-me retornar e falarei em seu benefício. Eu juro.

Luis fez que não com a cabeça.

— O que os impedirá de ferir meu irmão se deixarmos você ir? Sinto muito. Não podemos. Todos temos pessoas que amamos e precisamos proteger.

— Não deixe que eles me levem — implorou Ethine, caindo de joelhos e segurando a mão ossuda de Sorrowsap. — Meu irmão iria querer que eu

fosse devolvida para meu povo. Ele me procura, mesmo agora. Se é leal a ele, vai me ajudar.

— Então agora você não acha mais que Roiben é um vilão? — perguntou Kaye a ela. — Agora é seu irmão carinhoso?

A boca de Ethine se contraiu em uma linha fina.

— Não tenho ordens para ajudar você — disse Sorrowsap, soltando os dedos das mãos de Ethine. — E pouco desejo ajudar qualquer um. Faço conforme fui ordenado.

Ethine se levantou devagar, e Luis segurou o braço dela.

— Sei que é uma grande dama e tudo mais, mas precisa entrar no carro agora.

— Meu irmão vai odiá-la se me machucar — falou Ethine para Kaye com os olhos semicerrados.

Kaye se sentiu enjoada, pensando no último e terrível olhar que Roiben lhe lançara.

— Venha, vamos apenas fazer uma viagem de carro. Podemos brincar de Eu Vejo.

— Entre. Agora — ordenou Luis.

Ethine sentou-se no banco traseiro e deslizou pelo vinil rachado e pela espuma que se desfazia. O rosto dela estava rígido pelo medo e pela fúria.

Corny traçou uma espiral sobre o capô do carro que quase imediatamente se transformou em ferrugem. Ele não pareceu notar que estava descalço na neve.

— Sou um assassino.

— Não, não é — disse Luis.

— Se não sou um assassino — perguntou Corny por que vivo matando as pessoas?

— Há sacolas de plástico aqui — falou Kaye. Ela esticou o braço para o vão do banco traseiro e pescou as sacolas do meio de pilhas de latas vazias de Coca-Cola e embalagens de fast-food. — Coloque-as até comprarmos luvas.

— Ah, muito bom — replicou Corny com um meio sorriso lunático. — Não quero apodrecer o volante.

— Você não vai dirigir — falou Luis.

Kaye amarrou as mãos de Corny dentro das sacolas e o guiou até o banco do carona. Ela se acomodou no banco traseiro, ao lado de Ethine.

Luis ligou o carro, e, finalmente, estavam em movimento. Kaye olhou pelo vidro traseiro, mas nenhuma fada parecia segui-los. Não voavam acima deles nem desciam em um enxame para atacar o carro.

O ar quente e impregnado de ferro do aquecedor dissipava os pensamentos de Kaye, mas ela forçou os olhos a ficarem abertos. Toda vez que a tontura sonolenta ameaçava tomar conta dela, o terror de que seus anfitriões estivessem quase em cima deles acordava Kaye com um susto. Ela manteve os olhos nas janelas, mas parecia que as nuvens eram formas escuras com asas e todos os bosques pelos quais passavam estavam cheios de bocas famintas e salivantes.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Luis.

Kaye pensou nos longos dedos de Roiben entrelaçados nos cabelos ruivos de Silarial, as mãos dele puxando a rainha para si.

— Aonde vamos, afinal? — perguntou Corny. — Onde fica esse lugar seguro ao qual temos tanta pressa de chegar? Quero dizer, acho que temos uma chance melhor com Roiben do que com Silarial, mas o que acontecerá quando entregarmos Ethine de volta? Acha mesmo que Silarial vai nos deixar em paz? Matei Adair. Eu o matei.

Kaye fez uma pausa. A grandiosidade de como estavam isolados e indefesos recaiu sobre seus ossos. Tinham levado uma refém que as duas cortes queriam de volta, e Silarial precisava de algo que apenas Kaye sabia. Não havia arma secreta dessa vez, nenhum cavaleiro das fadas misterioso para mantê-la a salvo. Havia apenas uma porcaria de carro velho e dois humanos que não mereciam ser arrastados para aquilo.

— Não sei — respondeu ela.

— Não existe essa coisa de segurança — falou Corny. — Como eu disse. Não para nós. Nunca.

— Ninguém está seguro — disse Luis. Kaye ficou surpresa com o quanto ele parecia calmo.

Ethine gemeu no banco traseiro.

Luis olhou para ela pelo espelho retrovisor.

— É o ferro — disse Corny.

Luis assentiu, desconfortável.

— Eu sabia que isso os incomodava.

Corny deu um risinho.

— É, cuidado. Ela pode vomitar em você.

— Cale a boca — falou Kaye. — Ela está doente. Não está tão acostumada com o ferro quanto eu.

— Bem-vindo a Nova Jersey — leu Corny, em voz alta, da placa. — Acho que podemos encostar na próxima parada. Tomar um ar. Já devemos estar nas terras da corte Indigna.

Kaye verificou o céu atrás deles, mas ainda não havia sinal de que estavam sendo seguidos. Será que negociariam com eles? Atirariam flechas que perfurariam seus corações? Será que Silarial e Roiben estavam trabalhando juntos para recuperar Ethine? Tinham deixado o mapa daquilo que Kaye sabia, e ela sentia como se estivessem prestes a cair do fim do mundo.

Uma lufada de vento fresco e gélido a tirou de seus devaneios.

Tinham parado em um posto de gasolina, e Luis saía do carro. Ele se dirigia para a loja do posto enquanto Corny começava a encher o tanque. As mãos cobertas pelas sacolas escorregavam, o plástico fino se rasgava. Corny cambaleou para trás surpreso, a gasolina correu pela lateral do carro.

Kaye saiu às pressas. O ar estava atordoante devido ao vapor.

— O que aconteceu lá? — perguntou a Corny, baixinho. — Você matou Adair? Por quê?

— Não acha que eu simplesmente o fiz porque podia? Matei Nephanael, não foi? — Corny enfiou o bico injetor da bomba de volta no carro.

— Nephanael já estava morrendo — falou Kaye. Ela estava com dor de cabeça.

Corny passou as mãos cobertas pelas sacolas no cabelo com força, como se quisesse arrancar os fios. Então as estendeu diante do corpo.

— Tudo aconteceu muito rápido. Adair estava falando comigo, sendo assustador, e eu tentava ser assustador também. Então Luis chegou. Adair o

agarrou, falou sobre como Silarial não tinha feito promessa alguma a respeito de Luis não ser ferido. Ele disse que deveria arrancar o outro olho de Luis, então colocou o polegar sobre ele. E eu apenas... apenas agarrei o pulso de Adair e o empurrei. Então agarrei o pescoço dele. Kaye, quando eu estava na escola primária, apanhava quase todo o dia. Mas a maldição... nem precisei apertar muito forte. Eu apenas mantive a mão nele, e ele morreu.

— Eu sinto... — começou Kaye.

Corny negou com a cabeça.

— Não diga que sente muito. Eu não sinto.

Ela deitou a cabeça no ombro do amigo, inspirando o cheiro do suor familiar de Corny.

— Então eu também não sinto — falou Kaye.

Luis voltou da pequena loja com um par de luvas de cozinha amarelo-limão e chinelos. Kaye olhou para baixo e percebeu que Corny ainda estava descalço.

— Coloque-os — disse Luis a Corny, evitando olhar para o rosto dos dois. — Tem um restaurante do outro lado da rua. Poderíamos comer algo. Liguei para Dave, e ele vai se esconder com um amigo em Nova Jersey. Disse a ele para sair do território da corte Digna... mesmo que a cidade esteja, em grande parte, cheia de exilados.

— Você deveria ligar para sua mãe — disse Corny, pegando o celular. — A bateria acabou. Posso carregar no restaurante.

— Precisamos trocar de roupa pelo menos — disse Kaye. — Estamos vestidos como loucos. Vamos chamar a atenção.

Luis olhou para dentro do carro. Ethine o observava com os olhos cinza perfurantes.

— Vocês não podem usar o encantamento? — perguntou ele.

Kaye fez que não com a cabeça. O mundo girava um pouco.

— Estou me sentindo um trapo. Talvez um pouco.

— Não acho que algumas camisetas vão compensar o fato de você ser verde — disse Luis, virando-se. — Tire-a daí. Vamos nos arriscar com o pessoal do restaurante.

— Não presume que pode me dar ordens. — Ethine pisou cuidadosamente no asfalto e, de imediato, se virou para vomitar nas rodas do carro. Corny sorriu.

— Vigie-a, ela pode tentar fugir — disse Luis.

— Não sei. — Corny franziu a testa. — Ela parece bem doente.

— Espere um pouco — disse Kaye. Ela se inclinou sobre Luis e colocou a mão no bolso do casaco xadrez roxo que ele vestia, o casaco dela. Então pegou algemas felpudas. Depois de colocar uma no pulso de Ethine, prendeu a outra no próprio pulso.

— O que é isto? — protestou Ethine.

Luis gargalhou alto.

— Você *não* fez isso. — Ele olhou para Corny. — Ela *não* tem um par de algemas à mão para o caso de precisar levar alguém prisioneiro.

— O que posso dizer? — disse Corny.

Ethine estremeceu.

— Tudo fede a sujeira, ferro e podridão.

Corny tirou a jaqueta de couro dos ombros, e Ethine a aceitou agradecida, enfiando a jaqueta pelo braço livre.

— É, Nova Jersey é uma droga — concordou Corny.

Kaye se concentrou em esconder as asas, mudar a cor dos olhos e da pele. Era tudo o que conseguia fazer. A viagem de carro e a retirada do encantamento humano pela rainha deixaram-na exausta. Ethine nem se incomodou em tornar as orelhas menos pontudas ou as feições menos elegantes e inumanas. Conforme subiam os degraus, Kaye considerou dizer algo, mas mordeu a língua quando Ethine se encolheu do metal na porta. Se Kaye se sentia mal, Ethine provavelmente estava ainda pior.

O exterior do restaurante era de pedras falsas e estuque bege com uma placa na porta que declarava CAMINHONEIROS SÃO BEM-VINDOS. Alguém pintara renas, papais-noéis e enormes guirlandas malfeitos nas janelas. Do lado de dentro, foram sentados sem sequer um segundo olhar por uma mulher mais velha e atarracada com os cabelos brancos cuidadosamente penteados. Ethine encarou o rosto enrugado da mulher com evidente fascinação.

Kaye deslizou para o reservado e deixou que o cheiro familiar de café quente a preenchesse. Não se importava que fedesse a ferro. Aquele era o mundo que conhecia. Ele quase fazia com que se sentisse segura.

Um garoto latino-americano bonitinho entregou os cardápios laminados ao grupo e serviu água para eles.

Luis bebeu agradecido.

— Estou faminto. Comi todas as barras de proteína ontem.

— Vocês têm mesmo mais poder sobre nós se comermos sua comida? — perguntou Corny a Ethine.

— Temos — respondeu ela.

Luis olhou para a fada de modo sombrio.

— Então eu... — começou Corny, mas abriu o cardápio e escondeu o rosto, sem terminar a frase.

— Isso se dissipa — falou Ethine. — Coma outra coisa. Ajuda.

— Preciso fazer uma ligação — disse Kaye a Corny.

Corny se inclinou para ligar o carregador em uma tomada sob um quadro com árvores felizes e um alce. Ele voltou para o lugar e entregou o celular fino para Kaye.

— Contanto que não o puxe da tomada, pode usar enquanto carrega.

Kaye discou o número da mãe, mas o telefone apenas tocou e tocou. Não caiu na caixa postal. A secretária eletrônica não atender. Ellen não acreditava em mensagens gravadas que se esqueceria de verificar.

— Minha mãe não está em casa — disse Kaye. — Precisamos de um plano.

Corny largou o cardápio.

— Como podemos pensar em um plano se não sabemos o que Silarial vai fazer?

— Precisamos fazer alguma coisa — disse Kaye. — Primeiro. Agora.

— Por quê? — perguntou Luis.

— O motivo pelo qual Silarial queria que eu fosse à corte Digna é porque sei o nome verdadeiro de Roiben.

Ethine olhou para Kaye com os olhos arregalados.

— Ah — falou Corny. — Certo. Merda.

— Consegui enganá-la sobre qual é o nome dele por um tempo, mas agora ela sabe que eu a tapeei.

— Você é uma típica fada alada — comentou Ethine.

Ela poderia ter dito mais, mas naquele momento a garçonete chegou e tirou a caneta e o bloquinho do avental.

— O que posso trazer para vocês, crianças? Temos um especial de panqueca com *eggnog* ainda sendo servido.

— Café, café, café e café — falou Corny, apontando ao redor da mesa.

— Um milk-shake de morango — disse Luis. — Palitos de muçarela à milanesa e um cheeseburger deluxe.

— Como quer o ponto da carne? — perguntou a garçonete.

Luis olhou para ela de modo estranho.

— Tanto faz. Apenas cozinhe-a.

— Bife com ovos — falou Corny. — A carne queimada. Ovos fritos dos dois lados. Torrada de trigo integral.

— Souvlaki de frango no pão árabe — disse Kaye. — Com molho tzatziki extra para as batatas fritas, por favor.

Ethine olhou para eles inexpressiva e então para o cardápio diante de si.

— Torta de mirtilo — disse ela, por fim.

— Vocês estavam na feira da Renascença em Tuxedo? — perguntou a mulher.

— Adivinhou — falou Corny.

— Bem, estão todos muito bonitinhos. — Ela sorriu enquanto recolhia os cardápios.

— Que coisa horrível estar morrendo a vida toda — disse Ethine, estremecendo enquanto a garçonete saía.

— Você está mais próxima da morte do que ela — falou Luis. Ele derramou uma fileira de açúcar na mesa, lambeu o dedo e o passou pelo pó.

— Vocês não vão me matar. — Ethine ergueu a mão da algema. — Não sabem o que fazer. São apenas crianças assustadas.

Kaye deu um puxão súbito na outra ponta da algema, baixando a mão de Ethine de volta para a poltrona com estofado de vinil do reservado.

— Ouvi algo a respeito de um duelo. Silarial concordou em dar a coroa a você se Roiben vencer. Que coisa é essa?

Ethine se virou e olhou para Kaye, confusa.

— Ela concordou?

— Bem, talvez tenha ficado distraída durante todos os beijos que precederam isso.

— Eita — exclamou Corny. — O quê?

Kaye assentiu.

— Não foi como se ele tivesse se jogado para beijá-la, mas definitivamente houve amassos e flerte. — A voz dela soava áspera.

Ethine sorriu ao olhar para a mesa.

— Ele a *beijou*. Isso me agrada. Ele sente algo por ela, mesmo agora.

Kaye franziu a testa. Tentou pensar em uma desculpa para puxar a algema de novo.

— De volta ao que você sabe sobre o duelo — provocou Luis.

Ethine deu de ombros.

— Deve acontecer em território neutro, em Hart Island, na fronteira com Nova York, daqui a um dia. Na melhor das hipóteses, meu irmão poderia conseguir alguns anos de paz para a corte Indigna, talvez tempo o bastante para erguer uma legião maior de fadas ou uma estratégia melhor. Na pior, ele poderia perder as terras e a vida.

— Não parece valer a pena — disse Corny.

— Não, espere — falou Kaye, balançando a cabeça. — O problema é que parece valer muito a pena. É *possível* que ele ganhe. Aposto que Roiben acha que pode vencer Talathain. Silarial não queria que eles lutassem hoje, mas Roiben não parecia se importar. Por que ela daria sequer uma chance para ele vencer?

Luis deu de ombros.

— Talvez não seja divertido se for fácil demais tomar a corte Indigna?

— Talvez ela tenha algum outro plano — falou Kaye. — Alguma forma de dar vantagem a Talathain.

— E quanto às baías de ferro frio? — perguntou Corny. — Faz sentido com o uso que ela fez de todo aquele equipamento. Está em uma onda de tecnologia mortal.

— Será que alguma bala é realmente mais terrível do que a ponta de uma flecha que se enterra em seu peito para atingir o coração? — perguntou

Ethine. — Nenhuma arma mortal o matará.

Luis assentiu.

— Então o nome de Roiben. É o mais óbvio, certo? O duelo inteiro se tornaria uma cortina de fumaça porque Silarial pode obrigá-lo a perder.

— Qualquer que seja o plano de minha rainha, imagino que esteja além de sua compreensão — falou Ethine.

A garçonete chegou e serviu café nas xícaras deles. Corny ergueu a xícara na mão com a luva amarela.

— A nós. — Ele olhou para Ethine. — Trazidos a esta mesa pela amizade ou pelo destino, ou porque você é uma prisioneira; e ao doce bálsamo que é o café, pela graça com a qual realizaremos a missão diante de nós e compreenderemos o que precisamos compreender. Está bem?

Os três ergueram as xícaras de café e as tocaram umas nas outras. Kaye bateu sua xícara contra a de Ethine.

Corny fechou os olhos com felicidade quando tomou o primeiro gole. Então suspirou e olhou para eles.

— Está bem, então, do que estávamos falando?

— Do plano — disse Kaye. — Do plano que não temos.

— É difícil pensar em um estratagema para destruir outro estratagema do qual nada se sabe — falou Luis.

— Eis o que acho que devemos fazer — sugeriu Corny. — Ficarmos na encolha até depois do duelo. Nós nos cercamos de ferro e mantemos Ethine como garantia. — Ele gesticulou na direção de Ethine com a colher de café, e algumas gotas caíram na mesa. Uma acertou o vestido da fada e foi absorvida pelo tecido estranho. — Então, Kaye, se você é a peça-chave para o plano de Silarial, o plano não dará certo. O duelo prosseguirá de modo justo. Que o melhor monstro vença.

— Não sei — falou Kaye. A garçonete colocou um prato fumegante diante dela. A boca de Kaye se encheu d'água com o cheiro das cebolas cozidas. Do outro lado da mesa, Luis pegou um palitinho de muçarela e o passou em um potinho de molho. — Sinto como se devêssemos fazer algo mais. Algo importante.

— Sabe o que é xadrez de fadas? — perguntou Corny.

Kaye fez que não.

— É como chamam quando você muda as regras do jogo. Em geral, é apenas uma variação.

— Eles realmente chamam assim? — perguntou Kaye. — Tipo, no clube de xadrez?

Corny assentiu.

— E eu sei bem.

— Não havia mirtilo algum naquela torta, não é? — perguntou Ethine ao sentar-se no carro ao lado de Kaye, as algemas presas.

— Não sei — respondeu Corny. — Como estava?

— Quase intragável — replicou Ethine.

— Aí está, isso que é ótimo a respeito de restaurantes. A comida é muito mais saborosa do que se pensa. Como aqueles palitinhos de muçarela.

— *Meus* palitinhos de muçarela — disse Luis ao ligar o carro.

Corny deu de ombros, e um sorriso malicioso se abriu em seu rosto.

— Preocupado em pegar meus germes?

Luis pareceu entrar em pânico, então, de súbito, ficou irritado.

— Cale a boca.

Kaye cutucou Corny na nuca, mas quando o amigo se virou, estava com uma expressão difícil de decifrar. Ela tentou fazer uma pergunta com os lábios. Corny negou com a cabeça e se voltou para a estrada, deixando Kaye mais confusa do que antes.

Ela se recostou no encosto do banco, permitindo que o encantamento se desfizesse, aliviada. Começavam a odiar o peso daquilo.

— Mais uma vez, acho que deveriam me libertar — falou Ethine. — Estamos muito longe da corte, e a continuidade de meu aprisionamento vai apenas atraí-los até vocês.

— Ninguém gosta de ser refém — disse Luis com alguma satisfação em sua voz. — Mas acho que virão com você junto ou não. E estamos mais seguros com sua presença aqui.

Ethine se voltou para Kaye.

— E você vai deixar que os humanos falem por você? Ficará contra seu povo?

— Achei que ficaria satisfeita por estar aqui — replicou Kaye. — Pelo menos não precisa assistir sua amada rainha matar seu amado irmão, pelo qual ela provavelmente está apaixonada. — Ao dizer essas palavras, o estômago de Kaye se revirou. Elas ecoaram nos ouvidos como se tivesse condenado Roiben.

Ethine contraiu a boca em uma linha fina e pálida.

— Sem falar da torta — disse Corny.

As saídas passavam conforme Kaye olhava pela janela, sentindo-se enjoada e indefesa e culpada.

— Precisamos buscar Dave em algum lugar? — perguntou Corny baixinho com uma entonação na voz para que Kaye soubesse que não estava incluída na conversa.

Luis balançou a cabeça.

— Liguei da sua casa. Minha amiga Val disse que o buscaria na estação e o vigiaria. Ela talvez até pudesse deixá-lo com a gente, se precisássemos.

— Ele suspirou. — Só espero que meu irmão tenha mesmo pegado o trem.

— Por que não pegaria? — perguntou Corny.

— Ele não gosta de fazer o que mando. Há cerca de um ano, Dave e eu estávamos vivendo em uma estação de metrô abandonada. Era uma merda, mas o ferro afastava as fadas, e esse negócio que eu tinha com as fadas afastava quase todo mundo. Então Dave conheceu uma garota viciada e a levou para morar conosco. Lolli.

As coisas estavam tensas entre mim e meu irmão antes disso, mas Lolli apenas piorou tudo.

— Vocês dois gostavam dela? — perguntou Corny.

Luis olhou de soslaio para ele.

— Na verdade não. Dave a seguia como um cachorrinho. Estava obcecado. Mas ela... Por algum motivo, ela gostava de mim.

Corny gargalhou.

— Eu sei — disse Luis. Ele balançou a cabeça, obviamente envergonhado. — Hilário, não é? Odeio essa garota e sou cego de um olho e... De toda forma, Dave jamais me perdoou. Ele usou essa droga, Nunca,

que é magia, para ficar parecido comigo. Ficou muito doido. Matou algumas fadas para conseguir mais.

— E é por isso que você tem que trabalhar para Silarial? — perguntou Corny.

— É. Apenas a proteção dela o mantém a salvo de verdade em Nova York. — Luis suspirou. — Quase não funciona. Os exilados não são leais a ninguém, e eram eles que Dave estava matando. Se apenas desse um jeito na própria vida... Sei que as coisas poderiam melhorar. No ano que vem, ele fará dezoito anos. Poderíamos conseguir empréstimos do Estado, pois nossos pais estão mortos. Ir para a faculdade.

Kaye pensou no que Dave dissera quando estavam em Nova York, sobre se divertir antes de morrer. Ela se sentiu terrível. Ele não estava pensando em estudar.

— Ir para a faculdade para quê? — perguntou Corny.

Luis suspirou.

— Vai parecer idiota. Eu quero ser bibliotecário, como minha mãe, ou médico.

— Preciso passar em casa — disse Kaye, em voz alta, interrompendo os dois. — Se você virar aqui, estamos bem perto.

— O quê? — Corny se virou no assento. — Não podemos. Precisamos ficar juntos.

— Quero me certificar de que minha avó está bem e pegar algumas roupas.

— Isso é burrice. — Corny se virou mais ainda para olhar para Kaye. — Além disso, está algemada à prisioneira.

— Tenho a chave. Você pode algemá-la a si mesmo. Olhe, a gente se encontra na sua casa depois que eu pegar minhas coisas. — Kaye parou, procurando algo no bolso. — Preciso alimentar meus ratos. Estão sozinhos há dias, e aposto que a garrafa d'água está ficando vazia.

— Você jamais os alimentará de novo se for *levada por fadas!*

— E não desejo ser deixada a sós com dois garotos mortais — falou Ethine baixinho. — Se não me libertar, então está encarregada de meu conforto.

— Ah, por favor — disse Kaye. — Corny é *gay*. Você não precisa se preocupar com... — Ela parou no momento em que Corny a encarou com raiva, então inspirou fundo. Ele gostava de Luis. Por isso toda a irritação com os palitinhos de muçarela e os germes. — Desculpe-me — murmurou Kaye, mas aquilo apenas fez com que Corny ficasse com mais raiva. — Vire aqui — disse ela, por fim, e Luis virou.

— Você não entendeu minha preocupação — falou Ethine, mas Kaye a ignorou.

— Sei que quer ver sua avó e sua mãe — falou Corny com a voz baixa. — Mas mesmo que sua avó saiba de algo a respeito do que está acontecendo com sua mãe, o que duvido muito, acho que você não vai gostar do que ouvirá.

— Olhe — falou Kaye com o mesmo tom de voz de Corny não sei o que acontecerá a seguir. Mas não posso simplesmente desaparecer para sempre sem dizer adeus.

— Está bem. — Corny apontou para Luis. — Pare aqui. — Ele olhou para Kaye. — Rápido.

Eles estacionaram diante da casa da avó de Kaye. Ela abriu a alçama, entregou a chave a Corny e saiu.

Luis abriu a janela.

— Vamos esperar por você.

Kaye fez que não.

— Encontro com vocês no trailer.

* * *

Todas as luzes do segundo andar estavam acesas, brilhando como olhos de lanternas de abóbora. Nenhuma iluminação de Natal ladeava os degraus da frente, embora todas as casas vizinhas estivessem acesas, brilhantes e piscando. Kaye subiu na árvore diante de seu quarto, a casca congelada era áspera e familiar sob suas mãos. Quando pisou na argamassa coberta de neve das telhas, viu silhuetas no quarto. Agachada, Kaye se aproximou.

Ellen estava de pé no corredor conversando com alguém. Por um momento, Kaye levou a mão à janela, pronta para abri-la e chamar a mãe, mas então percebeu que a gaiola dos ratos não estava ali, e as roupas tinham

sido colocadas em dois sacos de lixo no chão. *Chibi-Kaye*, dissera Corny, brincando. Chibi-Kaye entrou no quarto dela, vestindo sua camiseta de Chow Fat. A camiseta batia em seus joelhos arranhados.

A garotinha parecia uma Kaye miniaturizada: cabelos louro-escuros ondulados na altura dos ombros, olhos castanhos puxados e nariz pequeno e arrebitado. Olhar pela janela era como ver uma cena do próprio passado.

— Mãe — sussurrou Kaye. A palavra formou uma nuvem no ar, como um fantasma que não conseguia se manifestar direito. O coração dela batia acelerado no peito.

— Precisa de alguma coisa, Kate? — perguntou Ellen.

— Não quero dormir — falou a garotinha. — Não gosto de sonhar.

— Tente — disse a mãe de Kaye. — Acho que...

Lutie voou de cima do galho de uma árvore, e Kaye ficou tão assustada que caiu para trás, deslizando um pouco pelo telhado. De dentro da casa, ela ouviu um gritinho agudo.

Ellen foi até a janela e olhou para fora, para o telhado coberto de neve, sua respiração embaçava o vidro. Kaye se esgueirou para trás, para fora do campo de visão da mãe. Como um monstro. Como um monstro que espera uma criança cair no sono para entrar de fininho e devorá-la.

— Não tem nada — falou Ellen. — Ninguém aqui para roubar você de novo.

— Quem é *ela*? — sussurrou Lutie, pousando no colo de Kaye. As asas de Lutie roçaram os dedos de Kaye como cílios piscando. — Por que ela está dormindo na sua cama e vestindo suas roupas? Esperei e esperei como você pediu. Você demorou muito para voltar.

— Ela é o bebê que foi levado para dar lugar a mim. Ela é quem eu achava que era, mas não era.

— A criança trocada? — perguntou Lutie.

Kaye assentiu.

— A garota que pertence a este lugar. A Kaye verdadeira.

O frio da neve penetrava o vestido de fada de Kaye, congelando a pele abaixo. Mesmo assim, ela ficou sentada no parapeito, olhando para a garota do lado de dentro enquanto Ellen desligava tudo menos o abajur.

Foi simples esperar até que o corredor ficasse escuro, subir um pouco e depois abrir a janela do sótão. Kaye se esgueirou para dentro, deslizando as pernas pelo parapeito para entrar.

Os pés dela tocaram as tábuas cobertas de poeira, e Kaye ligou o interruptor para acender a única lâmpada.

O quadril dela acertou uma caixa e fez com que seu conteúdo se espalhasse pelo chão. Na iluminação repentina, Kaye viu dezenas e dezenas de fotografias. Algumas estavam grudadas, outras, com as bordas roídas, mas todas mostravam uma garotinha. Kaye se abaixou. Às vezes a garotinha era um bebê coberto em um manto, dormindo na grama, em outras, uma coisinha magricela dançando de polainas. Kaye não sabia quais fotos eram suas e quais eram da outra menina, pois não se lembrava de quantos anos tinha quando a troca ocorreu.

Kaye passou os dedos pela poeira. *Impostora*, escreveu. *Falsa*.

Uma lufada de vento soprou pela janela aberta e espalhou as fotografias. Com um suspiro, Kaye começou a reuni-las. Conseguia sentir o cheiro de cocô de esquilo, da madeira comida por cupins, da moldura podre por onde a neve havia se infiltrado. No beirai do telhado, algo tinha feito um ninho com o isolamento rosado, ele se destacava contra as tábuas. Ao olhar para cima, Kaye pensou em cucos. Então enfiou as fotografias em uma caixa de sapato e seguiu para as escadas.

Ninguém estava no banheiro do segundo andar, mas outro abajur brilhava ao lado da pia. Kaye se sentiu vazia naquele espaço familiar, como se seu coração tivesse sido raspado até ficar oco. Mas acertara; ninguém havia jogado fora suas roupas sujas.

Vasculhando a cesta, ela pegou camisetas, suéteres e calças jeans que vestira na semana anterior, enrolou-ass em uma bola e as jogou pela janela, no gramado coberto de neve. Kaye queria levar seus discos, cadernos e livros também, mas não arriscaria entrar no quarto para pegá-los. E se a criança trocada gritasse? E se Ellen entrasse e a visse ali, segurando o cordão idiota de borracha que tinha furtado em uma feira de rua?

Com cuidado, Kaye abriu a porta e saiu para o corredor, em busca do ruído dos ratos. Não poderia simplesmente deixá-los para serem

abandonados na neve ou entregues a uma loja de animais como a avó costumava ameaçar sempre que a gaiola estava especialmente suja. Kaye sentiu pânico ao pensar que talvez não os encontrasse. Talvez alguém os tivesse colocado na varanda fechada? Ela desceu as escadas, mas quando se esgueirou para a sala, a avó olhou para Kaye do sofá.

— Kaye — disse ela. — Não ouvi você chegar. Onde estava? Estávamos muito preocupadas.

A garota poderia ter usado um encantamento para ficar invisível ou ter corrido, mas a voz da avó parecia tão normal que fez com que ela congelasse no lugar. Ainda estava nas sombras, o verde da pele escondido pela escuridão.

— Sabe onde estão Issac e Apocalipse?

— No quarto de sua mãe, lá em cima. Estavam incomodando sua irmã. Ela tem medo deles... tem uma imaginação e tanto. Diz que estão sempre falando com ela.

— Ah — replicou Kaye. — Certo.

Uma árvore de Natal estava próxima à televisão, coberta com anjos e uma guirlanda brilhante. Era de verdade. Kaye conseguia sentir o cheiro dos espinhos de pinheiro esmagados e da resina úmida. Abaixo da árvore havia algumas caixas embrulhadas com papel dourado. Kaye não conseguia se lembrar da última vez que tinham montado uma árvore, ainda mais comprado uma.

— Onde esteve? — A avó se inclinou para a frente, semicerrando os olhos.

— Por aí — sussurrou Kaye. — As coisas não deram muito certo em Nova York.

— Venha, sente-se. Está me deixando nervosa de pé aí, onde não posso vê-la.

Kaye deu outro passo para trás, para a escuridão mais forte.

— Estou bem aqui.

— Ela nunca me contou sobre Kate. Dá para imaginar? Nada! Como pôde não ter me contado sobre meu próprio sangue? Idêntica a você naquela idade. Uma garotinha tão meiga, crescendo roubada de uma família que a amasse. Meu coração dói só de pensar nisso.

Kaye assentiu de novo, de modo estúpido, atordado. *Roubada*. E Kaye era a ladra, furtara a infância de Kate.

— Ellen disse por que Kate está aqui agora?

— Achei que ela tivesse contado a você... O pai de Kate se internou em uma clínica de reabilitação. Ele tinha prometido não incomodar Ellen, mas incomodou, e fico feliz por isso. Kate é uma criança esquisita e obviamente foi criada muito mal. Sabia que ela só come grãos de soja e pétalas de flores? Que tipo de dieta é essa para uma menina em fase de crescimento?

Kaye queria gritar. A discrepância entre a normalidade das coisas que a avó dela dizia e aquilo que Kaye sabia ser verdade parecia insustentável. Por que sua mãe contaria uma história dessas para a avó? Alguém a havia encantado para acreditar que essa era a verdade? A magia fez Kaye engasgar, as palavras que conjurariam o silêncio estavam presas em sua boca. Mas ela as engoliu, porque também queria que a avó continuasse falando, queria que tudo fosse normal por mais um minuto.

— Ellen está feliz? — perguntou Kaye, baixinho, em vez disso. — Por ter... Kate?

A avó deu um riso de escárnio.

— Ela jamais esteve pronta de verdade para ser mãe. Como vai conseguir naquele apartamentinho? Tenho certeza de que está feliz por ter Kate, que mãe não ficaria feliz em encontrar sua filha? Mas está se esquecendo de quanto trabalho dá. Terão de se mudar de volta para cá, tenho certeza.

Com um pesar crescente, Kaye percebeu que Corny estivera certo o tempo todo. Dar a criança trocada para Ellen fora um plano terrível. Ela acabara de conseguir se estabelecer no emprego e com a banda, e uma criança bagunçaria tudo isso. Kaye tinha estragado as coisas e de um jeito que não fazia ideia de como consertar.

— Kate vai ter você como exemplo — falou a avó. — Não pode mais ficar fugindo, perder eventos familiares importantes. Não precisamos de duas crianças incontroláveis.

— Pare! Pare! — gritou Kaye, mas não havia magia nas palavras. Ela levou as mãos aos ouvidos. — Apenas pare. Kate não vai me ter como

exemplo...

— Kaye? — chamou Ellen do topo das escadas.

Em pânico, Kaye correu até a porta da cozinha. Ela a abriu com um empurrão, feliz pelo ar frio no rosto em chamas. Naquele momento, Kaye odiava todos: odiava Corny por estar certo, Roiben por ter ido embora, a mãe e a avó por terem-na substituído. E acima de tudo, odiava a si mesma por permitir que todas essas coisas acontecessem.

— Kaye Fierch! — gritou Ellen da porta, na voz de “mãe” raramente utilizada. — Volte para dentro agora mesmo.

Kaye parou automaticamente.

— Desculpe-me por ter perdido o controle — falou Ellen, e, virando-se para a mãe, Kaye viu a inquietude no rosto dela. — Lidei mal com as coisas, admito. Por favor, não vá embora. Não quero que vá embora.

— Por que não? — perguntou Kaye baixinho. A garganta estava apertada.

Ellen balançou a cabeça e caminhou até o jardim.

— Quero que explique. O que ia me contar da última vez, em meu apartamento... conte-me agora.

— Tudo bem — disse Kaye. — Quando eu era pequena, fui trocada com a... a humana... e você me criou em vez da... garota humana. Eu não sabia até nos mudarmos de volta para cá e eu conhecer outras fadas.

— Fadas — repetiu Ellen. — Tem certeza de que é isso que você é? Uma fada? Como sabe?

Kaye ergueu uma das mãos verdes, virando-a.

— O que mais eu seria? Um alienígena? Uma garota verde de Marte?

Ellen inspirou fundo e expirou de uma só vez.

— Não sei. Não sei o que pensar de nada disso.

— Não sou humana — falou Kaye, aquelas palavras pareciam atingir o ponto mais terrível e incompreensível a respeito da verdade.

— Mas você parece... — Ellen parou, corrigindo-se. — É claro que você parece você. Você é você.

— Eu sei — respondeu Kaye. — Mas não sou quem você pensava, certo?

Ellen fez que não com a cabeça.

— Quando vi Kate, tive tanto medo. Imaginei que você tivesse feito alguma burrice para consegui-la de volta de quem quer que a tivesse, não fez? Está vendo, conheço você. *Você*.

— O nome dela não é Kate. Ela é Kaye. A verdadei...

Ellen ergueu uma das mãos.

— Você não respondeu minha pergunta.

— É. — Kaye suspirou. — Fiz uma coisa muito burra.

— Está vendo, é exatamente quem eu penso que é. — Ellen abraçou os ombros de Kaye e deu aquela gargalhada profunda e rouca devido ao cigarro. — Você é minha menina.

Capítulo 11

*...embora eu tenha me fechado como dedos,
você sempre me abre pétala por pétala conforme a primavera se abre.*

— E. E. Cummings, *Somewhere I Have Never Travelled,
Gladly Beyond*

O gramado diante do trailer de Corny estava decorado com um pinguim gigante inflado usando uma echarpe verde, um chapéu e uma camisa vermelha da *Jornada nas Estrelas* complementada pela insígnia do lado esquerdo do peito. O pinguim ficava na grama, brilhando intermitentemente. Quando Luis parou o carro na entrada de cascalho, pisca-piscas multicoloridos no telhado do trailer vizinho iluminavam o chão, transformando o espaço todo em uma discoteca.

— Não vai me dizer como minha casa é linda? — brincou Corny, mas a piada parecia forçada, ruim.

Ethine se inclinou para a frente com os dedos no assento de plástico.

Luis desligou o carro.

— Aquele pinguim está vestido de...

— É só a ponta do iceberg — respondeu Corny.

Enquanto levava a fada pela algema coberta de pelúcia, Luis esperava que Corny abrisse a porta da frente. Do lado de dentro, uma árvore colorida de fibra ótica iluminava uma pilha de louças sujas. Quadros de bordado emoldurados pendiam na parede ao lado de fotografias autografadas do Capitão Kirk e do sr. Spock. Um gato desceu com um estampido e começou a miar.

— Meu quarto fica naquele corredor — sussurrou Corny. — Lar, doce lar.

Luis caminhou sobre o carpete desgastado, puxando Ethine atrás de si. Tinha um cheiro almiscarado no qual Corny não havia reparado antes. Imaginou se tinha se acostumado com ele.

A mãe de Corny abriu a porta do corredor. Havia algo de triste a respeito da camisola fina da mulher, dos cabelos embaraçados de quem acaba de acordar e dos pés descalços. Ela abraçou o filho antes que ele pudesse falar qualquer coisa.

— Mãe — disse Corny. — Estes são Luis e... Eileen.

— Como pôde simplesmente entrar aqui assim? — disse ela, dando um passo pra trás e avaliando o filho. — Você perdeu o Natal, logo o deste ano. O primeiro Natal desde o funeral de sua irmã. Achamos que estivesse morto também. Seu padrasto chorou como nunca vi.

Corny semicerrou os olhos, como se algum problema de visão pudesse explicar as palavras da mãe.

— Perdi o Natal? Que dia é hoje?

— É dia vinte e seis — respondeu ela. — O que vocês três estão vestindo? E seu cabelo está preto. Onde esteve?

Cinco dias tinham se passado. Corny resmungou. É claro. O tempo corria de outra forma no Reino das Fadas. Pareceram dois dias, mas na verdade foram duas vezes isso. Atravessar para aquela ilha tinha sido como atravessar para outro fuso horário, como pegar um avião para a Austrália, mas não havia como ganhar tempo na viagem de volta.

— Qual é o seu problema? O que andou fazendo que não sabe quanto tempo esteve fora?

Corny deu um puxão na túnica com a mão coberta pela luva amarela.

— Mãe...

— Não sei se poderei perdoá-lo. — Ela balançou a cabeça. — Mas estamos no meio da noite, e estou cansada demais para ouvir suas desculpas. Estou exausta de preocupação.

A mãe de Corny se voltou para Luis e Ethine.

— Há cobertores extras no armário se vocês sentirem frio; lembrem a Corny de ligar o aquecedor.

Ethine parecia pronta para dizer algo, mas Luis falou primeiro.

— Obrigado por nos deixar ficar. — Ele parecia quase tímido. — Tentaremos não causar problemas.

A mãe de Corny assentiu distraidamente, então semicerrou os olhos para Ethine.

— As orelhas dela são... — A mulher se virou para Corny. — Onde você esteve?

— Em uma convenção de ficção científica. Desculpe, mãe. — Corny abriu a porta do quarto e acendeu a luz, deixando que Ethine e Luis passassem por ele e entrassem. — Sério, não sei como perdi a noção de tanto tempo.

— Uma convenção? Convenção no Natal? Espero ouvir uma história muito mais convincente pela manhã — disse ela, retornando para o próprio quarto.

Um computador zumbia na mesa de Corny, a tela alternava imagens do seriado *Farscape*. Um pôster de dois anjos pendia acima da cama dele, um com asas pretas e o outro com asas brancas, as mãos deles estavam unidas por um cordão de espinhos, o sangue dos anjos era a única cor no enorme papel lustroso. Pilhas de livros estavam no lugar em que Corny os largava, logo antes de cair no sono. Edições de manga ficavam sobre *graphic novels* e brochuras. Ele chutou alguns para baixo da cama, envergonhado.

O garoto sempre pensara no próprio quarto como uma extensão de seus interesses. Agora, olhando em volta, achava que parecia tão bobo quanto o pinguim no gramado.

— Você pode dormir aqui — disse Corny a Ethine, indicando a cama. — Os lençóis estão bem limpos.

— Cavalheiro — disse ela.

— É, eu sei. — Corny foi até a cômoda, onde um rei branco e outro preto estavam lado a lado. Ele gostava de sinalizar seu humor de acordo com o rei que estivesse à frente, mas tinha parado de fazer isso depois da morte de Janet; não havia irmã irritante para a qual sinalizar. Ao abrir as gavetas, Corny pegou uma camiseta e uma cueca samba-canção e os atirou na cama. — Você pode vestir isso, se quiser. Para dormir.

Luis desamarrou as botas.

— Posso tomar um banho?

Corny assentiu e catou a camiseta com a logomarca menos patética. Ele encontrou uma de cor azul-marinho desbotada que dizia POSSO BEBER MAIS CAFÉ DO QUE VOCÊ. Ao erguer o rosto, pronto para entregá-la a Luis, Corny congelou enquanto Ethine tirava o vestido com total indiferença. As omoplatas dela estavam cobertas com o que pareciam ser bulbos de asas, rosados contra o branco de sua pele da fada. Enquanto colocava a cueca samba-canção pelas pernas finas, Ethine ergueu o rosto para Corny, e seus olhos eram congelantes de tão vazios.

— Obrigado — disse Luis, alto demais, tomando as roupas das mãos de Corny. Vou pegar uma calça jeans emprestada, se você não se importar.

Corny indicou com a cabeça alguns pares empilhados em uma cesta de roupas limpas.

— Pegue o que quiser.

Ethine se sentou na beirada da cama, os dedos sobrenaturalmente longos de seus pés descalços esfregavam o tapete enquanto Luis saía do quarto.

— Eu poderia encantá-lo — disse ela.

Corny deu um passo para trás e olhou para longe do rosto de Ethine.

— Não por muito tempo. Luis ou Kaye viriam, e você não pode encantá-los. — Mas, é claro, Kaye estava na casa da avó, e Luis tomava banho. Um rápido olhar mostrou a Corny que ele não tinha se dado o trabalho de prender a outra algema de Ethine a lugar algum. A fada teria bastante tempo.

— Eu poderia obriga-lo a fazer minha vontade apenas com o som de minha voz.

— Você não me diria isso se pretendesse agir. — Ele pensou na pequena fada que capturara na noite da coroação e deslizou a mão para trás da cômoda, onde estava o atizador de ferro. — Assim como se eu dissesse que posso fazer sua pele se enruguar como a da garçonete velha do restaurante, você poderia ter bastante certeza de que não pretendo fazê-lo.

— E sua doce mãe, eu poderia encantá-la também.

Corny se virou, apontando o atizador para a garganta de Ethine.

— Prenda a outra algema. Faça isso agora.

Ela gargalhou, alto e alegremente.

— Só quis dizer que não deve se esquecer de que, ao me trazer para cá, está colocando em perigo aqueles que ama.

— Prenda a algema mesmo assim.

Ethine se inclinou e se algemou ao suporte da cabeceira da cama, então se virou de modo a deitar de barriga para baixo. Os olhos cinza da fada refletiram a luz da lâmpada na mesa de cabeceira. Eram tão inumanos quanto os olhos de uma boneca.

Ao se dirigir até a janela e abri-la, Corny tirou a chave do bolso do casaco e a atirou em uma pilha de folhas.

— Boa sorte ao me comandar agora. Encantado ou não, vai levar um tempo até que alguém encontre aquela chave.

Ele vigiou Ethine com o atizador na mão, até que Luis voltou, vestindo a calça jeans de Corny e com uma toalha branca enrolada nas tranças. A pele cor de mogno no peito dele ainda estava corada pelo calor do chuveiro.

Corny abaixou o rosto rapidamente para os dedos enluvados, para a fina camada do material que o protegia de arruinar tudo que tocava. Era melhor olhar para baixo, em vez de arriscar que seus olhos encarassem toda aquela pele exposta por tempo demais.

Luis tirou a toalha da cabeça e pareceu, de súbito, reparar no atizador e na algema presa.

— O que aconteceu?

— Ethine estava implicando comigo — disse Corny. — Nada demais. — Ele apoiou o instrumento de metal e ficou de pé, dirigiu-se para o corredor e reclinou-se contra a parede por um tempo, de olhos fechados, respirando com dificuldade. Onde estava Kaye? Quase meia hora tinha se passado; se ela pegasse as roupas rapidamente e andasse rápido, poderia aparecer a qualquer minuto. Ele desejou que a amiga aparecesse. Kaye sempre estava lá para Corny, salvava o amigo quando ele achava que estava além da salvação.

Mas tinham uma refém assustadora e nenhuma ideia de qual seria o próximo ataque ou quando aconteceria, e Corny achava que nem mesmo Kaye poderia livrá-los daquela.

Ela poderia estar em grande perigo.

Estava chateada demais para pensar direito.

E Corny a deixara sair do carro. Nem mesmo pensara em entregar a Kaye seu celular.

Corny deu um impulso contra a parede e pegou um monte de cobertores e travesseiros velhos de uma prateleira sobre o aquecedor de água no armário do corredor. Tudo daria certo, as coisas ficariam bem. Kaye voltaria para lá e teria um plano inteligente. Trocariam Ethine pela promessa de segurança para eles e suas famílias — algo assim, mas ainda mais esperto. Kaye não entregaria o nome de Roiben. Se Silarial não soubesse o nome dele, Roiben ganharia o duelo contra o campeão da corte Digna. Ele pediria desculpas a Kaye. As coisas voltariam ao normal, qualquer que fosse o normal.

E Corny lavaria as mãos no mesmo oceano que matara sua irmã, e a maldição iria embora.

E Luis o chamaria para um encontro, porque ele era muito legal e contido.

Enquanto caminhava de volta para o quarto, Corny jogou a pilha de cobertores na cama.

— Kaye pode ficar na cama com Ethine quando chegar. Podemos espalhar alguns desses no chão. Acho que será suportável.

Luis vestia a camiseta emprestada e estava sentado no chão, folheando uma edição cheia de orelhas do livro *Swordspoint*. Ele ergueu o rosto.

— Já dormi em coisas piores.

Corny desdobrou um cobertor de tricô com uma estampa amarela e verde neon em ziguezague e o colocou no chão, então estendeu um cobertor azul-bebê um pouco manchado por cima.

— Pode deixar — disse ele, arrumando a própria cama ao lado daquela.

Luis se acomodou, puxando um cobertor até a altura do pescoço e se espreguiçando de forma sensual. Corny se aconchegou no estrado improvisado. O quarto parecia diferente do chão, como uma paisagem alienígena cheia de papel jogado e CDs caídos. Recostando a cabeça, ele encarou as manchas de umidade no teto, que se espalhavam de uma gota central escura como os anéis de uma árvore antiga.

— Ei, eu apago a luz — disse Luis, levantando-se.

— Ainda estamos esperando por Kaye. E seu irmão, certo?

— Tentei ligar de novo, mas não consegui falar com ele. Deixei seu endereço com Val, aquela garota com quem ele iria ficar, para o caso de Dave ligar para ela ou simplesmente aparecer. Espero que tenha feito o que disse que faria e esteja em um trem.

Luis parou.

— Sabe, Val disse outra coisa esquisita. Ela tem um amigo entre as fadas exiladas na cidade. Disse que ele recebeu uma visita de seu senhor Roiben alguns dias atrás. Deve ter sido antes da visita de Roiben à corte Digna.

Corny franziu a testa. Seu cérebro cansado não conseguia decifrar aquilo.

— Hã? Estranho. Bem, acho que agora tudo o que podemos fazer é esperar. Kaye sabe o caminho. Ficaremos melhor se conseguirmos dormir de verdade.

Luis desligou o interruptor, e Corny piscou, deixando que os olhos se habituassem ao quarto. As luzes piscando nos trailers próximos tornavam o lugar claro o bastante para que ele visse o outro garoto se deitar de novo.

— Você é gay? — sussurrou Luis.

Corny assentiu, embora Luis talvez não tivesse visto o gesto com pouca luz.

— Você sabia, não é? Agiu como se soubesse. Você me beijou como se soubesse.

— Imaginei que não se importaria.

— *Legal* — sussurrou Corny.

— Não, não quis dizer assim — falou Luis, chutando os pés para fora da colcha de tricô. Ele deu uma gargalhada baixinha. — Quero dizer, você estava enfeitiçado. Meninas, meninos, não importava. Se tivesse uma boca, você beijaria.

— E você tinha uma boca — disse Corny. Ele conseguia sentir a proximidade entre os corpos deles, reparou em cada movimento das próprias coxas, no suor das mãos dentro das luvas. O coração dele batia tão alto que tinha medo que Luis ouvisse. — Mas foi inteligente. Pensou rápido.

— Obrigado. — A voz de Luis parecia mais lenta, de alguma forma, como se ele estivesse sem fôlego. — Não tinha certeza se funcionaria.

Corny queria se inclinar e provar aquelas palavras.

Queria dizer a Luis que teria funcionado, mesmo sem estar enfeitiçado.

Queria dizer a ele que funcionaria naquele momento.

Em vez disso, Corny se virou, de modo que Luis não pudesse ver seu rosto.

— Boa noite — disse ele, fechando os olhos para o arrependimento.

* * *

Corny acordou de um sonho em que estava nadando, no estilo cachorrinho, em um oceano de sangue. Suas pernas ficavam cansadas e, quando deixava de dar um chute, afundava e via, através do vermelho, uma cidade sob as ondas, cheia de demônios que o chamavam amigavelmente.

Ele acordou com as pernas chutando, ineficientemente, os cobertores. Ele viu uma silhueta próxima à janela e, por um momento, achou que fosse Kaye, se esgueirando de modo a não perturbar a mãe e o padrasto de Corny.

— Trouxe-nos diretamente para seu esconderijo, ele trouxe — ciciava uma voz. — Por apenas uma lambida de néctar.

O ar frio soprou pela janela aberta e esfriou Corny.

— Entendo. — Ele ouviu Luis sussurrar. Luis era a silhueta, mas Corny não conseguia ver com quem falava. — Trocarei. Ethine por meu irmão. Levarei Ethine para a porta de entrada.

O corpo inteiro de Corny se contraiu pela traição.

Metal refletiu o luar quando a criatura entregou a chave pela janela. Corny se sentiu como um idiota. Tinha jogado a chave direto para eles.

Ele ficou bem quieto enquanto Luis caminhava na direção da cama, então segurou a perna do garoto. Luis caiu, e Corny subiu nele. O garoto arrancou a luva com os dentes e colocou os dedos, abertos como uma teia, a centímetros do rosto de Luis.

— Traidor — acusou Corny.

Luis inclinou a cabeça para trás, o mais longe das mãos de Corny quanto pôde. Ele engoliu em seco, de olhos arregalados.

— Ai, merda. Neil, por favor.

— Por favor o quê? Com educação? Por favorzinho, posso ferrar você?

— Eles estão com David. Meu irmão. Ele não entrou no trem... foi até eles em vez disso. Eles o matarão.

— Ethine é a única coisa que nos mantém em segurança — falou Corny.
— Não pode trocar nossa única garantia.

— Não posso deixar que fiquem com ele — replicou Luis. — É meu irmão. Achei que você entenderia. Você mesmo disse que não havia segurança para nós.

— Ah, por favor. Achou que eu entenderia? É por isso que está se esgueirando no escuro. Você parece ter *muita certeza*. — A mão exposta de Corny se fechou em um punho a centímetros da garganta de Luis. — Ah, eu entendo muito bem. Entendo que você nos entregaria.

— Não é isso... — começou Luis. — Por favor. — Corny conseguia sentir o corpo de Luis tremer abaixo do seu. — Meu irmão só faz merda, mas não consigo parar de querer salvá-lo. Ele é meu irmão.

As palavras de Roiben retornaram a Corny. *Quanto mais poderoso você se toma, mais os outros vão encontrar modos de controlar você. Farão isso por intermédio daqueles que ama e daqueles que odeia.*

Corny hesitou, a mão exposta trêmula. O amor o fez pensar em Janet, afogada depois de seguir um menino até o píer. Fez com que pensasse em estar sob a colina, ajoelhado aos pés de um senhor das fadas enquanto sua

irmã engolia goladas de oceano. Fez com que pensasse em água cobrindo sua cabeça.

O que quer que você ame, essa é a sua fraqueza.

Isso não impediu Corny de desejar ter salvado a própria irmã. Ele a viu afundando mais e mais, só que dessa vez, quando estendeu a mão, os dedos de Janet apodreceram em seus dedos.

Se tivesse tido a chance, Corny esperava ter feito o que fosse preciso para salvá-la. Mas ele sabia que Luis faria. Então, abaixou o rosto para o garoto sob seu corpo, para as cicatrizes, os piercings e o modo como as tranças dele tinham começado a se desfazer. Luis era *bom* de um modo que Corny não conseguia ser. Ele não precisava se obrigar a ser bom. Simplesmente era.

Corny deu impulso e se afastou do corpo de Luis, a mão amaldiçoada desfiou o acrílico do tapete. Ele sentiu frio pelo corpo todo quando pensou no que quase fizera. No que havia se tornado.

— Vá em frente. Leve-a. Faça a troca.

Luis permaneceu de olhos arregalados, a respiração entrecortada. Então se levantou apressadamente.

— Desculpe-me — disse Luis.

— É o que você precisa fazer — replicou Corny.

A chave refletiu o pouco de luz que havia, brilhando como uma das argolas de aço na pele de Luis, enquanto ele soltava Ethine. Ela arquejou, colocando-se de joelhos e estendendo os braços como se esperasse uma briga.

— Seu povo veio busca-la — contou Luis.

Ethine esfregou o pulso e não disse nada. As sombras faziam com que seu rosto parecesse muito jovem, embora Corny soubesse que ela não era.

Ele juntou as roupas de Ethine com a mão coberta pela luva.

— Desculpe-me, de verdade — sussurrou Luis.

Corny assentiu. Ele se sentia com cem anos de idade, cansado e derrotado.

Os dois caminharam de fininho pelo corredor até a porta da frente. Ela se abriu com um ruído e revelou as três criaturas de pé na neve suja, os rostos severos. O mais proeminente deles tinha o rosto de uma raposa e longos dedos que terminavam em garras.

— Onde está Dave? — perguntou Luis.

— Entregue-nos a dama Ethine e vocês o terão.

— E você nos deixará a salvo depois que a entregarmos? — perguntou Corny. — Dave, Luis, eu, Kaye e nossas famílias também. Vocês irão embora e nos deixarão em paz.

— Nós o faremos. — A fada raposa falou em tom equilibrado.

Luis assentiu e soltou o braço de Ethine. Ela disparou, descalça e de samba-canção, e ficou entre as outras fadas. Uma retirou a capa e a colocou nos ombros dela.

— Agora, entregue-nos Dave — falou Luis.

— Ele mal vale a negociação — disse um deles. — Sabe como encontramos você? Ele nos trouxe até aqui por uma sacola de pó.

— Apenas entregue Dave para mim!

— Como desejar — disse outro. Ele assentiu para alguém atrás da lateral do trailer, e dois homens apareceram, segurando entre si um garoto com uma sacola sobre a cabeça.

Eles apoiaram Dave no degrau. Ele caiu, a cabeça se balançando.

Luis deu um passo à frente.

— O que fizeram com ele?

— Nós o matamos — disse uma fada com escamas nas maçãs do rosto.

Luis congelou. Corny conseguia ouvir o próprio coração pulsando o sangue. Tudo pareceu muito alto. Os carros na estrada passavam rugindo, e o vento fazia as folhas estalarem.

Corny se agachou e retirou a sacola de tecido. O rosto pálido de Dave parecia feito de cera. Círculos escuros delineavam os olhos fundos, e suas roupas estavam amarrotadas e imundas. O garoto estava descalço, e seus dedos pareciam pálidos, como se tivessem ulcerações de frio.

— Minha rainha deseja informar que seu irmão viveu apenas enquanto você serviu a ela — disse a fada raposa. — Essa foi a promessa dela. Considere-a cumprida.

Uma lufada feroz de vento rasgou o tecido da mão de Corny e fez os mantos esvoaçarem. Ele fechou os olhos contra as pontadas de neve e terra, mas quando os abriu, as fadas tinham ido embora.

Luis gritou, correu até o lugar em que antes estavam e olhou em volta. Os gritos dele eram guturais, terríveis. As mãos de Luis se fecharam em punhos, mas não havia nada para acertar.

As luzes se acenderam nas janelas de dois dos trailers. Corny estendeu a mão enluvada e tocou a bochecha fria de Dave. Parecia impossível que o tivessem salvado. Morto, como Janet. Exatamente como Janet.

A mãe de Corny foi até a porta. Ela estava com o telefone sem fio na mão.

— Você acordou metade da... — Então viu o corpo. — Ah, meu Deus.

— É o irmão dele — disse Corny. — Dave. — Isso pareceu importante. Do outro lado da rua, a sra. Henderson foi até a porta e olhou pelo vidro.

O padrasto de Corny apareceu na porta.

— Que diabos está acontecendo? — Ele exigiu saber. A mãe de Corny começou a digitar números no telefone.

— Vou ligar para a emergência. Não mexam nele.

Luis se virou. O rosto parecia inexpressivo.

— Ele está morto. — A voz de garoto estava rouca. — Não precisamos de uma ambulância. Ele está *morto*.

Corny ficou de pé e caminhou até Luis. Não tinha ideia do que fazer ou dizer. Não havia palavras para tornar as coisas melhores. Ele queria abraçar Luis, reconforta-lo, lembra-lo de que não estava sozinho. Conforme a mão exposta de Corny se movia na direção do ombro de Luis, Corny olhou para ela, horrorizado.

Antes que conseguisse puxar a mão de volta, Luis segurou o garoto pelo pulso. Os olhos dele brilhavam com as lágrimas. Uma descia pelo rosto.

— Sim, bom — disse Luis. — Toque-me. Não importa mais, não é?

— O quê? — exclamou Corny. Ele estendeu a outra mão, mas Luis pegou essa também, tentando, com os dedos, arrancar a luva de borracha.

— Quero que me toque.

— Pare — gritou Corny, lutando para se afastar, mas Luis não soltava.

Luis levou a palma da mão de Corny até a bochecha. As lágrimas molharam os dedos dele.

— Eu queria muito que você me tocasse — falou Luis, baixinho, e o desejo em sua voz foi uma surpresa. — Eu não podia contar que queria. Tão bom, agora entendo o que quero e isso me mata.

Corny tentou se desvencilhar dele.

— Pare! Não!

Os dedos de Luis eram mais fortes, prendiam a mão de Corny no lugar.

— Eu quero — disse ele. — Não há mais ninguém para se importar com o que eu faço.

— Pare! Eu me importo, merda! — gritou Corny, então, de súbito, ficou parado. A pele do rosto de Luis não estava ferida ou enrugada onde a mão exposta a tocava. Ele soltou os pulsos de Corny soluçando.

Corny passou o dedo distraidamente na curva da maçã do rosto de Luis, pintando-a com as lágrimas.

— Água corrente — falou Corny. — Sal.

Os olhos deles se encontraram. Em algum lugar a distância, uma sirene soou mais próxima, mas nenhum dos dois se virou para olhar.

Capítulo 12

*No entanto, cada homem mata aquilo que ama,
Que por cada um isto seja ouvido,
Alguns o fazem com um olhar amargurado,
Outros com uma palavra elogiosa,
O covarde o faz com um beijo,
O valente com uma espada!*

— Oscar.Wilde, *The Ballad of Reading Gaol*

Kaye viu as luzes piscando a um quarteirão de distância. Ela chegou em disparada na rua de cascalho do estacionamento de trailers no momento em que a ambulância foi embora. Os vizinhos estavam nos gramados ralos cobertos de neve, vestindo roupões ou casacos jogados apressadamente sobre os pijamas. A porta do trailer de Corny estava fechada, mas as luzes estavam acesas do lado de dentro. Lutie voava acima da garota, disparando para a frente e para trás, as asas batendo tão rápido quanto o coração da garota.

Parecia, para Kaye, que não havia mais decisões certas, apenas intermináveis decisões erradas.

Ela abriu a porta do trailer e parou ao ver a mãe de Corny servindo água quente de uma chaleira. O marido dela estava sentado em uma das poltronas, uma xícara apoiada na perna. Os olhos dele estavam fechados, e ele roncava levemente.

— Kaye? O que está fazendo aqui? — perguntou a sra. Stone. — É madrugada.

— Eu... — começou Kaye. Uma brisa leve sinalizou a entrada de Lutie no quarto. A fadinha pousou no busto do Capitão Kirk, fazendo com que um dos gatos tentasse ataca-lo.

— Eu liguei para ela — falou Corny. — Kaye conhecia Dave.

Conhecia Dave. Conhecia. Kaye se virou para Luis, que agarrava a xícara com tanta força que os dedos dele pareciam pálidos. Papéis estavam no chão a seu lado, uma pilha espalhada de formulários copiados. Kaye reparou nos olhos vermelhos de Luis.

— O que aconteceu?

— O irmão de Luis teve uma overdose em nossos degraus. — A sra. Stone estremeceu, parecia que iria vomitar. — Não puderam declará-lo

morto porque eram apenas voluntários, mas o levaram para o hospital.

Kaye olhou na direção de Corny para uma explicação, mas ele apenas balançou a cabeça. Ela foi afundando no piso de linóleo até se sentar com as costas apoiadas na parede.

A sra. Stone largou a xícara na pia.

— Filho, posso falar com você um minuto?

Corny assentiu e seguiu a mãe pelo corredor.

— O que aconteceu de verdade? — perguntou Kaye a Luis com a voz baixa. — Ele não teve uma overdose, teve? Onde está Ethine?

— Eu negocieei com uma fada para salvar a vida de Dave há muito tempo. Depois que meu pai atirou nele. Tentei cuidar de David, como um irmão mais velho deve fazer... mantê-lo longe de problemas... mas não fiz um trabalho muito bom. Ele se meteu em mais problemas. Isso significava mais negociações para mim.

A angústia se instaurou no fundo dos ossos de Kaye.

— Quando liguei, na parada da estrada, ele foi direto até elas — disse Luis. — Ele trocou a informação de onde eu estava por mais Nunca. Mesmo tendo queimado as vísceras com isso. Mesmo que eu seja o irmão dele. E quer saber? Nem estou surpreso. Não é a primeira vez. Então agora ele está morto, e eu deveria sentir alguma coisa, certo?

— Mas como ele morreu... — começou Kaye.

— Estou *aliviado*. — As palavras de Luis eram como chicotadas contra ele mesmo. — Dave está morto, e eu me sinto aliviado. Agora, o que isso faz de mim?

Kaye imaginou se todos sentiam como se houvesse um monstro sob a própria pele.

Corny e a mãe voltaram para a sala. Ele estava com um braço sobre os ombros dela e falava baixinho. Kaye gritou ao ver a mão exposta de Corny no braço da mãe dele, mas o tecido sob ela não estava nem desfiado, nem descolorido.

— Desculpe-me — falou Kaye, percebendo como tinha sido escandalosa.

Luis olhou ao redor como se tivesse acabado de acordar de um sonho. Ele se levantou meio cambaleante.

A mãe de Corny esfregou o rosto.

— Vou acordar Mitch. Vocês três tentem dormir o quanto conseguirem.

Kaye parou Corny no corredor.

— Ela está bem?

Ele fez que não com a cabeça.

— Perdemos o Natal, sabe. Minha mãe ficou muito nervosa pensando em Janet e sem saber onde eu estava. Fui um babaca. E agora isso.

Kaye lembrou-se do punhado de presentes fechados sob a árvore na casa da avó.

— Ah — respondeu ela, segurando os dedos quentes e secos de Corny. Ele não se afastou da amiga. — E quanto à maldição?

— Depois lhe conto — disse Corny. — Concílio de guerra em meu quarto.

Kaye se jogou sobre o emaranhado de lençóis na cama de Corny, tirando os sapatos com os próprios pés. Luis se sentou no chão, e Corny se esparramou ao lado dele, perto o bastante a ponto das pernas dos dois se tocarem.

Lutie entrou voando e pousou no computador. Luis não devia tê-la notado antes, pois ele deu um salto como se fosse um elástico esticado.

— É apenas Lutie-loo — falou Kaye. — Não se assuste.

Luis olhou para a fadinha com desconfiança.

— Está bem, apenas... apenas mantenha isso... ela... longe de mim nesse momento.

— Kaye, eis a versão resumida em dez segundos do que você perdeu — falou Corny rapidamente. — A corte Digna queria trocar o irmão de Luis por Ethine. Nós fizemos a troca, mas Dave já estava morto. Eles o haviam matado.

— E a maldição? — perguntou Kaye.

— Ela foi... acidentalmente removida — disse Luis. Ele baixou o rosto para os fios do tapete, e Kaye viu um rastro desgastado do qual não se lembrava.

Ela assentiu, pois dava para ver que nenhum dos dois queria falar sobre aquilo. Lutie havia descido até o teclado e estava agachada em um portacelular.

— É estranho — falou Corny, apoiando a cabeça no joelho. — Silarial procurava por Ethine, mas não por você. Ela poderia ter enviado o povo para descer dos céus e levar você ou pelo menos tentar.

— Talvez Sorrowsap ainda esteja vigiando Kaye — disse Luis.

Corny fez uma careta.

— Está bem, mas se você fosse a rainha da corte Digna e seu plano fosse usar o nome de Roiben, desperdiçaria seu tempo recuperando um de seus cortesãos?

— Ele está certo — observou Kaye — Não faz sentido algum. Matar Dave... — Ela olhou rapidamente para Luis. — É como se já tivesse conseguido tudo o que queria. Tinha tempo para trivialidades.

— Então Silarial precisa de Ethine? Para quê? — perguntou Corny.

Luis franziu a testa.

— Você não disse que Ethine teria o trono se Roiben vencesse o duelo?

Kaye assentiu.

— Ele disse algo sobre como a irmã provavelmente devolveria a coroa, pois é muito leal. Talvez Silarial precise de Ethine para isso? Quero dizer, era estranho Silarial concordar em negociar para início de conversa.

— Não sei — disse Corny. — Se houvesse sequer uma chance de eu abrir mão de minha coroa, ficaria muito feliz se a pessoa para a qual eu tivesse de entrega-la sumisse. É claro que minha coroa teria muitas pedrinhas para montar a palavra “tirano”, então não haveria muita gente querendo roubá-la também.

Kaye deu um riso de escárnio.

— Idiotices de lado, você está certo. Era de se pensar que Silarial *quisesse* Ethine morta.

— Talvez ela queira — disse Luis.

— Então o quê, Silarial mata Ethine e culpa a gente? Não sei... Os três ficaram calados conforme os minutos se passavam. Corny bocejou enquanto Luis encarava a parede com os olhos arregalados. Kaye imaginou Talathain duelando com Roiben, a irmã dele com o rosto sombrio na arquibancada, a rainha sorrindo como se tivesse comido a última tortinha da bandeja, Ruddles e Ellebere observando. Algo estava faltando, algo que estava bem diante de Kaye.

Ela se levantou de repente.

— Esperem! Esperem! Contra quem Roiben vai lutar?

Luis semicerrou os olhos.

— Bem, não temos certeza. Acho que o cavaleiro de Silarial ou qualquer cortesão que ela ache que pode arrebatá-lo. Quem quer que empunhe a arma secreta dela.

— Lembram-se do que estávamos falando no restaurante... de como parecia que Roiben tinha uma boa chance de vencer Talathain? Como tudo parecia tão simples? — Kaye balançou a cabeça, a animação da descoberta dava lugar a uma náusea inquietante.

Corny assentiu.

— Não acho que exista uma arma secreta — disse Kaye. — Nenhuma armadura, nenhum cavaleiro imbatível. Arrancar de mim o nome verdadeiro de Roiben... ela jamais precisou disso.

Luis abriu a boca, então a fechou de novo.

— Não entendo o que quer dizer — falou Corny.

— Ethine — exclamou Kaye, sentindo o nome como se fosse um tapa. — Silarial vai fazer Roiben lutar contra Ethine.

— Mas... Ethine não é um cavaleiro — falou Luis. — Ela nem mesmo conseguiu fugir de nós. Não pode lutar.

— Essa é a questão — disse Kaye. — Não é uma competição. Se não assassinar a própria irmã, Roiben morre. Ele precisa escolher entre matar Ethine e se matar.

Kaye queria ficar com raiva de Roiben, se agarrar ao sentimento de traição para afastar toda a dor, mas, naquele momento, não conseguia evitar sentir pena dele por amar Silarial. Talvez mais do que sentia pena de si mesma por amá-lo.

— Isso é... — Corny se calou.

— E se ele morrer, não haverá ninguém para impedir Silarial de fazer o que quiser com quem quiser — disse Luis.

— E enfeitiçar um exército de milhares de pessoas — falou Kaye. — Hordas de sentinelas congeladas.

— Você foi uma distração — disse Luis. — Uma isca. Manter Roiben concentrado em você, imaginando se Silarial conseguiria o nome verdadeiro dele, para que não percebesse o que estava bem diante de seus olhos.

— Nem peixe nem pássaro — falou Kaye, baixinho. — O belo peixe-voador. É isso, não é? Meio engraçado. Isso que eu era, uma distração. Um belo peixe-voador.

— Kaye — falou Corny. — Não é culpa sua.

— Precisamos avisá-lo — afirmou Kaye, caminhando de um lado para outro no quarto. Não queria admitir que a incomodava o fato de que não

seria carregada para o tributo. Ela não era a chave, não era nem importante. Apenas tornara as coisas piores para Roiben, distraíndo-o. Silarial enganara os dois.

— Nem mesmo sabemos onde ele está — falou Corny. — A colina oca no cemitério nem é mais oca.

— Mas sabemos onde ele estará — disse ela. — Hart Island.

— Amanhã à noite. Mais ou menos esta hora, basicamente mais tarde hoje mesmo. — Corny foi até o computador e agitou o mouse, então digitou algumas palavras. — É uma ilha na costa de Nova York, aparentemente. Com um cemitério gigante. É um presídio, embora ache que esteja desativado. E, ah, perfeito, é totalmente ilegal ir até lá.

Os três dormiram espremidos na cama de Corny, com ele no meio, o braço sobre as costas de Kaye e a cabeça de Luis recostada em seu ombro. Quando Corny acordou, era o meio da tarde. Kaye ainda estava enroscada ao lado dele, mas Luis permanecia sentado no tapete falando baixinho no celular de Corny.

Luis disse algo sobre “cinzas” e “pagar”, mas balançou a cabeça quando viu que Corny observava, então se virou para a parede. Depois de passar por ele de fininho, Corny foi até a cozinha e ligou a cafeteira. Deveria estar preocupado. Estavam a horas de ir ao encontro do perigo. Mesmo assim, enquanto dosava os grãos, um sorriso se abriu em seu rosto.

Corny imediatamente se sentiu culpado. Não deveria ficar tão feliz enquanto Luis estava de luto pelo irmão. Mas estava.

Luis gostava dele. Luis. Gostava. Dele.

— Oi — disse Kaye, passando a mão pelo cabelo embaraçado. Tinha roubado uma das camisetas de Corny, e a roupa caía no corpo dela como um vestido. Ela pegou uma xícara azul de dentro do armário. — Ao doce bálsamo que é o café.

— Por cuja graça realizaremos a missão diante de nós.

— Acha que vamos conseguir? — perguntou Kaye. — Não sei se Roiben sequer vai me ouvir.

A cafeteira chacoalhou e desligou, e Corny serviu três xícaras.

— Eu acho. Ele ouvirá. Sinceramente. Beba.

— Então... você e Luis? — A xícara de Kaye quase escondeu o sorriso.

Corny assentiu.

— Quero dizer, não agora, com tudo acontecendo, mas, é.

— Fico feliz. — O sorriso de Kaye se desfez. — Não precisa ir hoje à noite. Não estou tentando ser mártir; é que com a perda do irmão de Luis e alguma coisa rolando entre vocês dois... Esse problema é meu. É o meu povo.

Corny deu de ombros e colocou o braço ao redor do ombro de Kaye.

— É, bem, você é problema meu. Você é minha garota.

Ela encostou a cabeça no amigo. Mesmo tendo acabado de levantar, Kaye cheirava a grama e terra.

— E quanto ao seu medo de inimigos megalomaníacos? Não acho que nossa viagem recente foi a solução para superar aquilo.

Corny se sentia enlouquecido pela confiança. Luis gostava dele. A maldição tinha ido embora. Tudo parecia possível.

— Vamos pegar o inimigo antes que ele nos ataque.

Luis saiu do quarto, fechando o celular contra o peito.

— Vi sua mãe esta manhã. Ela disse que queria conversar com você quando voltasse do trabalho. Não contei nada.

Corny assentiu, lembrando-se de parecer calmo. Lembrando-se de não beijar Luis. Não tinha escovado os dentes ainda e não parecia o momento certo, de toda forma. Luis provavelmente estava se sentindo deprimido.

— Deixarei um bilhete. Então é melhor irmos. Luis, se precisar ficar aqui para organizar as coisas...

— O que preciso é impedir Silarial de ferir mais alguém. — Ele encarou Corny com determinação, como se o desafiasse a sentir piedade.

— Está bem — disse Kaye. — Estamos todos dentro. Agora, precisamos de um mapa e um barco.

— Hart Island fica no estreito de Long Island, na costa de City Island, que é próximo ao Bronx. Mas não é exatamente à distância de uma remada.

— Corny estendeu uma xícara para Luis. Quando o garoto a pegou, os dedos deles se tocaram, e Corny sentiu um tipo de poder diferente.

— Então, poderíamos alugar um barco com motor — falou Kaye. — Tem uma loja de barcos na estrada 35. Eu poderia transformar uma pilha de folhas em dinheiro. Ou talvez encontrar uma marina por aqui e furtar um barco.

Luis se ocupava colocando açúcar no café.

— Jamais pilotei um barco ou li um mapa de navegação. Vocês já?

Kaye negou, e Corny precisou admitir que ele também não.

— Há sereias em East River — falou Luis. — Provavelmente no estreito também. Não sei muito sobre elas, mas, se não quiserem que cheguemos a Hart Island, podem nos puxar para dentro da água. Têm dentes horrorosos.

Corny estremeceu ao pensar nisso. Janet lhe veio à mente, sendo mantida sob as ondas por um Cavalo das Águas satisfeito.

— Poderíamos trocar algo com elas, talvez — disse ele. — Podem nos levar até a ilha por um preço.

Kaye olhou para Corny com cautela. Ele imaginou que a amiga estava se lembrando de como haviam trocado um velho cavalo de carrossel com aquele mesmo Cavalo das Águas por informações. Antes de saberem como a criatura era perigosa. Antes de ele assassinar Janet.

Kaye assentiu devagar.

— Do que sereias gostam?

Luis deu de ombros.

— Joias... música... marinheiros?

— E devoram pessoas, certo? — perguntou Corny.

— É claro. Depois que terminam com elas.

Corny sorriu.

— Vamos levar uns bifões para elas.

Os três compraram um bote inflável verde e dois remos na loja de barcos. O caixa olhou de modo esquisito para Kaye quando ela contou as centenas de notas enroladas e amassadas, mas o sorriso dela enfeitiçou o homem para que se calasse.

Eles voltaram para o carro.

Luis foi no banco do carona, e Kaye descansou no banco traseiro com a cabeça apoiada na caixa de papelão. Quando Corny trocou de faixa na autoestrada, olhou para Luis, mas o garoto olhava pela janela e não se concentrava em nada. O que quer que tivesse visto, não era algo do qual Corny pudesse compartilhar. O silêncio preencheu o carro.

— Quem era? — perguntou Corny, finalmente. — Ao telefone?

Luis olhou na direção dele rápido demais.

— Era do hospital. Estavam chateados porque não tenho endereço para correspondência ou um telefone fixo e porque Dave é menor de dezoito

anos. E mesmo não sabendo se eu poderia reclamar o corpo dele, começaram a falar sobre minhas opções. Basicamente, preciso arranjar dinheiro para a cremação.

— Kaye poderia...

Luis fez que não com a cabeça.

— Vamos vender o bote depois de terminarmos.

Luis sorriu, um pequeno erguer de lábios.

— Quero que ele tenha um enterro decente, sabe.

No funeral de Janet, havia um caixão e um velório, flores e uma lápide. Corny jamais perguntara sobre o preço, mas a mãe dele não era rica. Ele ficou imaginando quantas dívidas ela devia ter feito para que a irmã fosse enterrada com estilo.

— Meus pais... estão no lugar para onde vamos. — O dedo de Luis girava o piercing labial.

— Hart Island?

Ele assentiu.

— É onde fica o cemitério de indigentes. Onde enterram os mortos “sem amigos”. O que basicamente significa os mortos sem parentes vivos, que são locatários e têm dívidas no cartão de crédito. Meus pais. Eu era menor de idade, então não podia reclamar o corpo deles. Se tivesse ao menos tentado, acho que teriam despachado Dave e eu para o conselho tutelar.

Possíveis respostas passavam pela cabeça de Corny. *Uau. Você está bem? Sinto muito.* Todas eram inadequadas.

— Nunca estive lá — disse Luis. — Será bom ir.

* * *

Os três passaram de carro pela ponte levadiça, até a beirada de City Island, e estacionaram o carro atrás de um restaurante. Então, sentados na neve, revezaram-se para inflar o bote como se compartilhassem um baseado.

— Como vamos atrair aquelas sereias? — perguntou Corny, enquanto Luis soprava no pequeno tubo.

Kaye pegou um recibo do chão do carro dele.

— Tem alguma coisa pontiaguda?

Corny vasculhou a mochila até tirar de dentro um alfinete esquecido.

Kaye furou o dedo e, encolhendo-se, manchou o papel de sangue. Depois de caminhar até a beirada da água, ela o soltou.

— Sou Kaye Fierch — disse ela, com firmeza. — Uma fada alada. Uma criança da corte Digna trocada, em missão para o rei da corte Indigna. Venho pedir a ajuda de vocês. Peço a ajuda de vocês. Três vezes peço a ajuda de vocês.

Corny olhou para a amiga, de pé, diante da água, os cabelos verdes presos e afastados do rosto enfeitado, o casaco roxo puído esvoaçante ao vento. Pela primeira vez, ele achou que até mesmo na forma humana Kaye tinha, de algum modo, crescido maravilhosamente.

Cabeças surgiram na água escura, cabelos pálidos flutuando ao redor delas como algas marinhas.

Kaye se ajoelhou.

— Peço que vocês nos levem, os três, até Hart Island em segurança. Temos um barco. Só precisam puxar.

— E o que nos dará, fada alada? — perguntaram as sereias com as vozes melódicas. Os dentes delas eram translúcidos e afiados, como se feitos de cartilagem.

Kaye caminhou de volta ao carro e pegou a sacola plástica da ShopRite cheia de carne. Ela ergueu um pernil cru e sangrento.

— Carne — respondeu Kaye.

— Aceitamos — disseram as sereias.

Kaye, Corny e Luis arrastaram o bote até a água e o empurraram. As sereias nadaram ao redor deles, puxando o bote e cantando baixinho conforme seguiam, as vozes tão lindas e insistentes que Corny se sentiu zozinho. Kaye parecia tensa, sentada na proa como a carranca de um navio.

Ao olhar pela lateral do bote, Corny viu uma sereia emergir da água, e, por um momento, ela parecia usar o rosto da irmã dele, azul com frio e morte. Ele desviou o olhar.

— Sei quem você é — disse uma delas a Luis, ao se aproximar de um dos lados, estendendo a mão branca com membranas para se apoiar na lateral do bote. — Trouxe a poção do troll para minhas irmãs.

Ele assentiu, engolindo em seco.

— Eu poderia ensinar a você como superar a perda — sussurrou a sereia. — Se vier comigo. Para debaixo d'água.

Corny apoiou a mão no braço de Luis, e o garoto deu um salto, como se tivesse sido picado.

A sereia voltou a cabeça para Corny.

— E quanto a vingança? Eu poderia lhe dar isso. Você perdeu alguém para o mar.

Corny engasgou.

— O quê?

— Você quer — afirmou ela. — Eu sei que quer.

A sereia esticou o braço e apoiou a mão membranosa na lateral do bote perto de Corny. Escamas se eriçaram, reluzentes sobre a borracha.

— Eu poderia lhe dar o poder — disse ela.

Corny abaixou o rosto para os olhos gelatinosos da sereia e para os dentes finos e afiados dela. A inveja revirou seu estômago. A sereia era linda, perigosa e mágica. Mas a sensação estava distante, como sentir inveja de um pôr do sol.

— Não preciso de mais poder — disse Corny, surpreso ao descobrir que estava sendo sincero. E se quisesse vingança, conseguiria sozinho.

Kaye fez um ruído baixo. Corny ergueu o rosto.

Ali, no litoral longínquo, atrás de montes de mexilhões, uma enorme multidão de seres tinha se reunido. Além deles, prédios abandonados se erguiam ao lado de fileiras e mais fileiras de túmulos.

Capítulo 13

*Tu és a pergunta não respondida;
Pudesses ver o próprio olho,
Sempre a perguntar e perguntar;
E cada resposta é uma mentira.*

— Ralph Waldo Emerson, *The Sphinx*

Kaye abriu caminho em meio à multidão com Corny e Luis, empurrando corpos de pele cor de lavanda e afastando nuvens de duendes alados do tamanho de alfinetes. Um duende metamorfo com cabeça de cabra e olhos brancos e vazios gritou para Kaye quando ela passou, lambendo os dentes com a língua de gato.

— Fadinha alada saborosa e ardilosa!

Ao passar por baixo do braço de um ogro, Kaye saltou para uma lápide a fim de evitar três duendes que giravam, presos em um abraço, na terra.

Do alto da lápide, ela verificou a corte. Viu Ruddles beber de uma vasilha e entrega-la a diversos outros seres com cabeças de animais. Ellebere estava ao lado dele, o cabelo se esmaecendo do vinho para o dourado conforme chegava aos ombros, a armadura era verde-musgo.

O próprio Roiben conversava animado com uma mulher magra como uma varinha. Os cabelos dela, longos e pretos, estavam presos como um manto de joias que caía sobre as costas dela e combinava com a cauda longa e agitada, também adornada com pedrarias. De onde estava, Kaye não conseguia dizer se estavam discutindo, apenas via que Roiben se inclinava bem para a frente e que a mulher gesticulava com as mãos.

Então, abruptamente, Roiben se virou e olhou na direção de Kaye. Ela ficou tão surpresa que caiu. Esqueceu-se de bater as asas.

A cabeça de Kaye bateu em uma pedra, e lágrimas brotaram de seus olhos. Por um momento, ela apenas ficou ali, repousando a cabeça contra o chão e ouvindo o povo passear a seu redor. Era horrível estar tão perto dele, horrível o modo como seu coração palpitava.

— Você não deveria comer os ossos se os mastiga dessa forma. — Kaye ouviu alguém dizer perto dela. — São afiados demais. Cortam suas entranhas.

— Olha como você ficou fresco! — disse outra voz. — A medula é melhor do que a carne, mas precisa atravessar os ossos para chegar a ela.

Corny estendeu a mão para colocar Kaye de pé.

— Não acho que ele viu você.

— Talvez não, mas eu vi. — Uma mulher com as asas tão desgastadas que apenas as veias pendiam das costas olhava, de cima, para Kaye. Ela segurava uma faca que se curvava como uma cobra, e a armadura reluzia o mesmo roxo brilhante que a carapaça de um besouro.

— Dulcamara — falou Kaye, levantando-se. — Meus amigos precisam falar com Roiben.

— Talvez depois do duelo — respondeu Dulcamara. Seus olhos rosa observavam Kaye com desprezo.

— Precisam falar com ele *agora* — insistiu Kaye. — Por favor. Ele não pode duelar. Precisa cancelar.

Dulcamara lambeu o fio da lâmina, pintando-a com o sangue da língua.

— Farei o papel de mensageira. Diga-me suas palavras, e eu as levarei para Roiben com minha própria língua.

— Eles precisam contar pessoalmente.

Dulcamara fez que não com a cabeça.

— Não permitirei mais distrações suas além das que Roiben já suportou.

Corny se intrometeu.

— Apenas por um momento. Só vai levar um segundo. Ele me conhece.

— Mortais são mentirosos. Não podem evitar — disse a cavaleira das fadas. Kaye conseguia ver que os dentes dela eram tão afiados quanto a faca nas suas mãos, e, ao contrário das sereias, os dela eram de osso. Dulcamara sorriu para Corny. — Está em sua natureza.

— Então deixe-me ir — replicou Kaye. — Não sou mortal.

— Você não pode. — Luis levou a mão ao ombro de Kaye. — Lembra-se? Ele não tem permissão para ver você.

Mortais são mentirosos. Mentirosos.

— De fato — falou Dulcamara. — Aproxime-se de Roiben, e eu a atacarei. Chega dos jogos de feitiços que fez na corte Digna.

Diversas vezes, Kaye ouviu as palavras se repetirem: mentirosos. Inverdade. Mentira. Mentir. Morrer. Morto. Pensou no xadrez de fadas de Corny. Precisava mudar as regras do jogo. Precisava completar a missão. Tinha de ser a única variação. Mas como poderia mentir sem mentir?

Kaye olhou para onde estava Roiben, a armadura dele era amarrada nas costas. Os longos cabelos tinham duas tranças na frente, cada uma amarrada com uma presilha de prata afiada na ponta. Ele parecia pálido, o rosto contraído, como se sentisse dor.

— Ah — disse Kaye, então saltou para o ar.

— Pare! — gritou Dulcamara, mas Kaye já estava voando, suas asas batiam freneticamente. Por um instante, viu o farol no litoral afastado de City Island, e a iluminação agitada da cidade além dele, e, naquele momento, percebeu que poderia continuar voando cada vez mais alto e alto. Em vez disso, ela meio pousou, meio caiu aos pés de Roiben.

— Você — disse ele, e Kaye não conseguiu discernir o tom de sua voz.

Ellebere agarrou os pulsos de Kaye e os prendeu às costas dela.

— Aqui não é lugar para uma fada alada.

Ruddles apontou para Kaye com a mão em garra.

— Para ficar diante de seu senhor e rei, precisa ter completado a missão. Se não, o costume permite que a aprisionemos...

— Não me importa o que diz o costume — anunciou Roiben, gesticulando para que o camareiro se calasse. Quando olhou para Kaye, os olhos dele estavam vazios de qualquer emoção que ela conhecia. — Onde está minha irmã?

— Silarial está com ela — falou Kaye, às pressas. — É sobre Ethine que vim falar com você. — Pela primeira vez desde o Tributo, Kaye ficou com medo de Roiben. Não acreditava mais que ele não a machucaria. Parecia que talvez Roiben fosse se divertir com isso.

Lamba a mão da rainha da corte Digna, Rath Roiben Riven. Lamba como o cachorro que você é.

— Meu senhor — falou Ruddles —, embora eu não queira contradizê-lo, ela não pode permanecer em sua presença. Não completou a missão que impôs a ela.

— Eu disse para deixa-la! — gritou Roiben.

— Sou eu — disse Kaye, engasgando, o coração batendo como um tambor contra o peito. O chão se inclinou sob seus pés, e todos ao redor ficaram mudos. Não tinha ideia se conseguiria se livrar com aquilo. — Eu sou a fada a que se refere a missão.

— Isso é besteira — disse Ruddles. — Prove.

— Está dizendo que estou mentindo? — perguntou Kaye.

— Nenhuma fada pode dizer uma inverdade.

— Então — falou Kaye, exalando com uma pressa atordoante. — Se eu digo que sou essa fada, e você diz que não, então um de nós deve estar dizendo uma inverdade, certo? Então, ou eu sou essa fada, ou você é. De um jeito ou de outro, completei minha missão.

— Isso tem cheiro de charada, mas não vejo uma infração — disse o camareiro.

Roiben emituiu um ruído, mas Kaye não soube dizer se era uma objeção. Ela achou que poderia ter sido uma risada.

— Inteligente. — O sorriso de Ruddles era cheio de dentes, mas ele deu um tapinha nas costas de Kaye. — Aceitamos sua resposta com prazer.

— Acredito que tenha conseguido, Kaye — falou Roiben. A voz dele estava baixinha. — Deste momento em diante, seu destino está preso à corte Indigna. Até a hora de minha morte, você é minha consorte.

— Diga a eles para me soltarem — pediu Kaye. Tinha vencido, mas a vitória parecia vazia como uma casca de ovo furada.

— Como é minha consorte, pode dizer você mesma — falou Roiben. Ele não olhou nos olhos de Kaye. — Não podem negá-la agora.

O cavaleiro soltou os braços de Kaye antes que ela pudesse falar. Aos tropeços, a fada alada se virou para encarar Ellebere e Ruddles.

— Vão — disse Kaye, tentando parecer imperativa. Sua voz falhou.

Os dois olharam para Roiben e então se foram quando ele assentiu. Ainda não tinham muita privacidade, mas era o mais próximo que Kaye conseguiria.

— Por que veio até aqui? — perguntou ele.

Kaye queria implorar para que ele fosse o Roiben que conhecera, aquele que dissera que ela era a única coisa que queria, aquele que não a tinha traído e não a odiava.

— Olhe para mim. Por que não olha para mim?

— Ver você é um tormento. — Os olhos de Roiben, quando ele os ergueu, estavam sombrios. — Achei que se a mantivesse fora desta guerra, ficaria segura. Mas lá estava você, no meio da corte Digna, como se para provar que sou um tolo. E aqui está você de novo, flertando com o perigo.

Eu queria salvar pelo menos uma coisa, apenas uma coisa, para provar que havia algo de bom em mim, afinal de contas.

— Não sou uma *coisa* — disse Kaye.

Roiben fechou os olhos por um momento, cobrindo-os com os dedos longos.

— Sim. É claro. Eu não deveria ter dito isso.

Kaye pegou as mãos dele, e Roiben deixou que ela as afastasse de seu rosto. Aquelas mãos estavam frias como a neve que caía.

— O que está *fazendo* consigo mesmo? O que está acontecendo?

— Quando me tornei rei da corte Indigna, achei que não poderíamos vencer a guerra. Achei que lutaria e morreria. Há um tipo de felicidade insana em aceitar a morte como um custo inevitável.

— Por quê? — perguntou Kaye. — Por que se prender a um destino tão deprimente? Por que simplesmente não dizer “para o inferno com isso, vou fazer casinhas para pássaros” ou algo assim?

— Para matar Silarial. — Os olhos de Roiben brilhavam como lascas de vidro. — Se ela não for impedida, ninguém ficará a salvo de sua crueldade. Foi tão difícil não esmagar o pescoço dela quando a beijei. Dava para ver em meu rosto, Kaye? Viu minha mão tremer?

Kaye ouviu o próprio sangue pulsar nas têmporas. Teria mesmo confundido ódio com desejo? Ao se lembrar do sangue na boca de Silarial, Kaye pensou no modo como os olhos de Roiben pareceram petrificados pela paixão. Agora, aparentava algo mais próximo da loucura.

— Então por que beijou...

— Por que são meu povo. — Roiben gesticulou com a mão na direção do campo, abarcando o cemitério e o presídio. — Quero salvá-los. Precisava que ela acreditasse que eu estava sob seu poder para que concordasse com meus termos. Sei que deve ter parecido...

— Pare. — Kaye sentiu uma pontada gélida de desolação que fez sua espinha se arrepiar. — Vim até aqui para lhe contar algo — disse ela. — Algo que descobri sobre a batalha.

Roiben ergueu uma única sobrancelha prateada.

— O que é?

— Silarial vai escolher Ethine como sua campeã.

A gargalhada de Roiben foi quase como um soluço, curta e terrível.

— Cancele o duelo — falou Kaye. — Encontre alguma desculpa. Não lute.

— Imaginei que coisa terrível ela poderia armar contra mim, que monstro, que mágica? Esqueci-me de como Silarial é inteligente.

— Você não precisa lutar contra Ethine.

Roiben fez que não com a cabeça.

— Você não entende. Há muito em jogo esta noite.

O frio se espalhou do coração de Kaye e congelou seu corpo.

— O que vai fazer? — A voz dela saiu mais ríspida do que o pretendido.

— Vou vencer — falou Roiben. — E você me ajudaria muito se dissesse a Silarial que eu lhe contei isso.

— Você machucará Ethine?

— Acho que está na hora de você ir, Kaye. — Roiben girou a faixa da bainha da espada, que estava presa sobre seu ombro. — Não pedirei que me perdoe, porque não mereço, mas ameie você de verdade. — Ele olhou para baixo quando disse essas palavras. — Eu amo você.

— Então pare de fazer isso. Pare de não me contar as merdas todas. Não ligo se é para meu próprio bem ou qualquer outro motivo idiota...

— Eu *estou* contando as merdas todas — disse Roiben, e ouvi-lo dizer um palavrão fez Kaye rir. Ele sorriu de volta, apenas um pouco, como se tivesse entendido a piada. Naquele momento, Roiben parecia dolorosamente familiar.

Ele estendeu a mão, ainda sorrindo, como se fosse tocar o rosto de Kaye, mas acariciou o cabelo dela em vez disso. Não foi nem mesmo um toque de verdade, leve como uma pena e muito rápido, como se Roiben tivesse medo de se arriscar mais. Kaye estremeceu.

— Se pode mesmo mentir — falou ele —, diga-me que tudo acabará bem esta noite.

O ar gélido soprou para cima um montezinho de neve e jogou o cabelo de Roiben para trás conforme ele caminhava entre os túmulos até a área delimitada para o duelo. As cortes escura e iluminada aguardavam, impacientes, em um círculo aberto, sussurrando e tagarelando, puxando os mantos de pele e pelo para mais perto. Kaye correu ao redor da multidão

para onde estavam os cortesãos da rainha da corte iluminada, os vestidos reluzentes esvoaçantes ao vento.

Ellebere e Dulcamara caminhavam ao lado de Roiben nas armaduras parecidas com carapaças de insetos que brilhavam contra a paisagem coberta de geada e as lápides. Roiben estava vestido de cinza, como o céu acima. Talathain e outro cavaleiro acompanhavam Silarial. Vestiam couro verde manchado com saliências douradas que ressaltavam seus ombros, e seus braços como as manchas de uma lagarta. Roiben fez uma reverência tão profunda que quase tocou os lábios no chão. Silarial apenas acenou levemente com a cabeça.

Roiben pigarreou.

— Durante décadas, houve trégua entre as cortes Digna e Indigna. Sou prova e testemunha do antigo pacto e vou propô-lo novamente. Lady Silarial, concorda que se eu derrotar seu campeão, concederá a harmonia entre nossas cortes?

— Se você der um golpe fatal em meu campeão, assim juro — falou Silarial. — Se meu campeão cair morto neste campo, você terá sua paz.

— E tem mais uma aposta nesta batalha? — perguntou Roiben a ela.

Silarial sorriu.

— Também entregarei meu trono para Lady Ethine. Satisfeita, colocarei a coroa da corte Digna sobre a cabeça dela, beijarei suas bochechas e descerei do trono para ser súdita caso você vença.

Kaye podia ver o rosto de Roiben de onde estava, mas não conseguia entender a expressão dele.

— E se eu morrer no campo de batalha — falou Roiben —, você governará a corte Indigna em meu lugar, Lady Silarial. Com isso eu concordo.

— E agora, preciso nomear meu campeão — falou Silarial com um sorriso se abrindo no rosto. — Lady Ethine, tome as armas em meu lugar. Você é a defensora da corte iluminada.

Houve um silêncio terrível entre a multidão reunida. Ethine fez que não com a cabeça, muda. O vento e a neve revirada tomavam conta do ambiente.

— Como deve me odiar — falou Roiben, baixinho, mas o vento pareceu pegar aquelas palavras e soprá-las para o público.

Silarial se virou em seu vestido branco como a neve e caminhou do campo até sua tenda de hera. O povo da corte Digna vestiu Ethine em uma armadura fina e colocou uma espada longa na mão frouxa da jovem.

— Vão — disse Roiben a Ellebere e Dulcamara. Relutantes, eles saíram do campo. Kaye conseguia ver a dúvida nos rostos da corte Indigna, a tensão enquanto Ruddles rangia os dentes e observava Ethine com olhos pretos reluzentes. Tinham apostado suas fichas em Roiben, mas as lealdades dele eram incertas, e jamais tanto quanto naquele momento.

Duendes caminharam pela borda do ringue espalhando ervas para marcar o limite.

No centro do monte de neve, Roiben fez uma reverência ríspida e empunhou a espada. Ela se curvava como a lua crescente e brilhava como água.

— Você não quer fazer isso — falou Ethine, mas havia uma dúvida nas palavras da fada.

— Está pronta, Ethine? — Roiben ergueu a espada de modo que a lâmina parecesse partir seu rosto em dois, metade foi obscurecida pelas sombras.

Ethine fez que não com a cabeça. *Não*. Kaye conseguia ver a irmã de Roiben estremecendo convulsivamente. Lágrimas desciam pelas bochechas pálidas dela. Ethine soltou a espada.

— Pegue-a — falou Roiben, paciente, como se dissesse para uma criança.

Veloz, Kaye caminhou até onde a senhora da corte Digna estava sentada. Talathain ergueu o arco, mas isso não a impediu. O som de lâminas se chocando fez com que Kaye se voltasse para a luta. Ethine cambaleou para trás, o peso da espada dela obviamente a desequilibrava. Kaye ficou enojada.

Silarial olhou para baixo, do alto de seu palanque, com os cabelos acobreados trançados com frutinhas de um azul profundo que prendiam um diadema dourado no topo de sua cabeça. Ela esticou a saia do vestido branco.

— Kaye — falou Silarial. — Que surpresa. Está espantada?

— Ele sabia que seria Ethine antes de ir até lá, sabia.

Silarial franziu a testa.

— Ah?

— Eu contei a ele. — Kaye se sentou no palanque. — Depois que desvendei a missão idiota dele.

— Então é a consorte do rei da corte Indigna? — Silarial ergueu uma sobancelha. O sorriso dela era de comiseração. — Fico surpresa por ainda querer Roiben.

Aquilo doeu. Kaye teria protestado, mas as palavras se reviraram em sua boca.

— Por outro lado, você só será consorte dele enquanto Roiben viver. — A senhora da corte Digna voltou o olhar para as duas silhuetas lutando na neve.

— Ah, por favor — disse Kaye. — Você age como se ele fosse o mesmo garoto que mandou embora. Sabe o que Roiben fez quando contei a ele sobre Ethine? Ele riu. Ele riu e disse que venceria.

— Não — falou Silarial, virando-se rápido demais. — Não acredito que ele brincaria de gato e rato primeiro se quisesse mata-la.

Kaye semicerrou os olhos.

— É isso que ele está fazendo? Talvez não seja fácil assassinar a própria irmã.

Silarial negou com a cabeça.

— Ele anseia pela morte, assim como anseia por mim, embora, talvez, preferisse não desejar nenhum dos dois. Roiben permitirá que Ethine o corte e talvez diga alguma coisa doce a ela com a boca cheia de sangue. Toda essa provocação é para deixa-la irritada, fazer com que Ethine golpeie forte o suficiente para que seja mortal. Eu o conheço como você não conhece.

Kaye fechou os olhos contra esse pensamento, então os forçou a se abrirem. Ela não sabia. Sinceramente não sabia se Roiben mataria a irmã ou não. Nem mesmo sabia o que desejava, as duas escolhas eram terríveis.

— Eu não acho — disse ela com cautela. — Não acho que ele queira, mas Roiben já matou muita gente que não queria matar.

Como se provocado pela deixa, ouviu-se um grito alto do público. Ethine estava deitada na neve, com dificuldades para se levantar, a ponta da lâmina curvada de Roiben encostada na garganta dela. Roiben sorria para a irmã com carinho, como se ela tivesse apenas caído e como se ele estivesse prestes a ajudá-la a se levantar.

— Nicnevin o obrigou a matar — respondeu Silarial, rapidamente.

Kaye deixou o ódio que sentia transbordar para a voz.

— Agora você o está obrigando.

As palavras de Roiben sopraram pelo campo.

— Como parece que a coroa da corte Digna será entregue a você *após* a morte, diga-me quem deseja que a use. Deixe-me fazer essa última coisa para você, como seu irmão.

O alívio tomou conta de Kaye. Havia um plano. Roiben tinha um plano.

— Espere! — gritou Silarial, saltando do trono improvisado para caminhar até o campo. — Isso não fazia parte do acordo. — Conforme ela passou pelo círculo de ervas, elas se incendiaram com fogo verde.

Vaias soaram entre os súditos da corte Indigna enquanto a corte Digna ficava em silêncio mortal. Roiben se afastou da irmã e retirou a lâmina da garganta dela. Ethine caiu de volta na neve, virando a cabeça de modo que ninguém visse seu rosto.

— Sua interrupção também não — replicou Roiben. — Não pode reconsiderar o acordo agora que não mais favorece você. — As palavras dele silenciaram os gritos da corte Indigna, mas Kaye conseguia ouvir o restante da multidão murmurar, confuso.

Ethine se levantou, cambaleante. Roiben estendeu a mão para ajudar a irmã, mas Ethine não a aceitou. Ela o encarou com ódio nos olhos, mas não havia menos ódio quando olhou na direção de sua senhora. Ethine pegou a espada e a segurou com tanta força que as juntas dos dedos ficaram brancas.

— Meu juramento era que a coroa fosse para Ethine se você matasse meu campeão. Não prometi que ela poderia escolher um sucessor. — A voz de Silarial parecia esganiçada.

— Isso não cabia a você prometer — replicou Roiben. — O que é dela na morte, Ethine pode dar com o último suspiro. Talvez até mesmo devolva a coroa a você. Diferente da coroa da corte Indigna, que é vencida com sangue, o sucessor da corte Digna é escolhido.

— Não terei minha coroa roubada por uma de minhas servas e não aceitarei lições daquele que um dia se ajoelhou a meus pés. E assim como Nicnevin, você também não é nada.

— E você se parece demais com ela — disse Roiben.

Os cavaleiros da corte Digna marcharam para dentro do campo, aglomerando-se perto o bastante de Roiben, de modo que, se ele se movesse

na direção de Silarial, poderiam intercepta-lo.

— Deixe-me lembra-lo que minhas forças sobrepujam as suas — falou Silarial. — Se seu povo lutasse, mesmo agora, eu venceria. Acho que isso me dá margem para ditar os termos.

— Você descumprirá nosso acordo, então? — perguntou Roiben. — Vai parar este duelo?

— Não deixarei que tome minha coroa! — disparou Silarial.

— Ellebere! — gritou Roiben.

O cavaleiro da corte Indigna pegou uma pequena flauta de madeira de dentro do punho da armadura e a levou à boca. Ele soprou três notas distintas que viajaram pela subitamente silenciosa multidão.

Às margens da ilha, silhuetas começaram a se mover. Sereias se impulsionaram para o litoral. Fadas surgiram dos prédios abandonados, saíram dos bosques e se ergueram de túmulos. Um ogro com barba esverdeada levava um par de foices de bronze cruzadas sobre o peito. Um troll magro com cabelos pretos emaranhados. Gnomos empunhando adagas de vidro quebrado. Os habitantes dos parques e das ruas e dos prédios brilhantes tinham aparecido.

As fadas exiladas.

Os sussurros da multidão se tornaram gritos. Alguns dos reunidos procuraram armas. As fadas exiladas e a corte escura se moveram para cercar os súditos da corte Digna.

— Você planejou uma emboscada? — Silarial exigiu saber.

— Venho fazendo alianças. — Roiben parecia estar segurando um sorriso. — Alguns dos exilados, muitos, ficaram interessados em saber que eu os aceitaria em minha corte. Eu até mesmo garantiria a segurança deles, por um mero dia e uma noite de serviço. Esta noite. Este dia. Você não é a única que conspira, minha senhora.

— Vejo que jogou com algum propósito — falou Silarial. Ela olhou para Roiben como se ele fosse um estranho. — O que é? Pelo que trama? A morte de Ethine seria um peso para você, e a mancha do sangue de sua irmã seria absorvida por sua pele.

— Sabe o que desejam para você quando se ganha a coroa da corte Indigna? — O tom de voz de Roiben era baixo, como se contasse um segredo. Kaye mal conseguia ouvir as palavras. — Que você seja feito de

gelo. O que a faz pensar que importa o modo como me sinto? O que a faz pensar que sinto alguma coisa? Entregue sua coroa a minha irmã.

— Não o farei — falou Silarial. — Jamais.

— Então haverá uma batalha — declarou Roiben. — E quando a corte Indigna for vitoriosa, arrancarei a coroa de sua cabeça e entregarei a quem achar melhor.

— Todas as guerras têm vítimas. — Silarial assentiu para alguém na multidão.

A mão de Talathain desceu com força sobre a boca de Kaye. Os dedos dele se enterraram na carne macia da bochecha e na lateral do rosto de Kaye conforme ela era arrastada para o campo.

— Um movimento, um comando — falou Silarial, virando-se para Kaye com um sorriso —, e ela será a primeira.

— Ah, Talathain, que decadência — disse Roiben. — Achei que fosse o cavaleiro dela, mas se tornou apenas o lenhador, leva garotinhas para a floresta e corta os corações delas.

O aperto da mão de Talathain sobre Kaye ficou mais forte, fazendo com que a garota arquejasse. Ela tentou suprimir o terror, tentou se convencer de que se ficasse muito quieta, encontraria um jeito de sair daquela situação. Nenhuma ideia lhe veio à mente.

— Agora, entregue a coroa, Roiben — falou Silarial. — Entregue a mim como deveria ter feito quando a recebeu, como um tributo digno para sua rainha.

— Você não é a rainha dele — disse Ethine com a voz aturdida. — E também não é minha. — Silarial se virou na direção dela, e Ethine enfiou a lâmina no peito da rainha Digna. Sangue quente tingiu a neve, criando dezenas de minúsculas crateras como se alguém tivesse espalhado rubis. Silarial cambaleou, o rosto era uma máscara de surpresa, então ela caiu.

Talathain gritou, mas era tarde demais. O cavaleiro empurrou Kaye para longe. Ela caiu sobre as mãos e os joelhos, perto do corpo da rainha da corte Digna. Passando por cima das duas, Talathain atacou Ethine com a espada dourada. Ela esperou pelo golpe, sem se mover para se defender.

Roiben se colocou diante da irmã a tempo de aparar a espada com as costas. A ponta da arma perfurou sua armadura, abrindo um longo corte

vermelho desde o ombro até o quadril. Arquejando, ele caiu sobre o corpo de Ethine. Ela deu um grito.

Roiben girou para sair de cima da irmã e caiu agachado, mas Talathain estava ajoelhado ao lado de Silarial e virava o rosto pálido dela com a mão enluvada. Os olhos antigos da rainha encaravam o céu cinzento, mas nenhuma respiração saía de seus lábios.

Roiben se levantou com dificuldade, devagar. O corpo de Ethine estremecia com soluços curtos.

Talathain olhou para ela.

— O que você fez? — Ele exigiu saber.

Ethine puxava o vestido e os cabelos até que Kaye segurou as mãos dela.

— Ele não merecia ser usado assim — disse a jovem com a voz embargada pelas lágrimas e pelas gargalhadas insanas de fada. As unhas afiadas de Ethine afundaram na carne de Kaye, mas a garota não soltou.

— Está feito — falou Kaye, para apaziguá-la, mas estava assustada. Sentia como se estivesse em um palco, representando uma peça, enquanto as hordas da corte Indigna e de fadas exiladas esperavam, inquietas, por um sinal para atacarem a corte Digna que cercavam. — Venha, fique de pé, Ethine.

Roiben cortou o diadema dourado dos cabelos de Silarial. Mechas acobreadas trançadas e frutinhas penderiam do objeto quando ele o ergueu no alto.

— Essa coroa não é sua — falou Talathain, mas sua voz não tinha convicção. Ele olhava da corte Indigna para as fadas exiladas. Atrás do cavaleiro, os campeões da corte Digna tinham se concentrado na beirada da área de duelo, mas estavam com expressões sérias.

— Eu só a estava pegando para minha irmã — falou Roiben.

Ethine estremeceu ao ver o diadema, no qual estavam presos cabelo e neve.

— Aqui — ofereceu Roiben, limpando-o com os dedos e polindo-o contra o couro do peitoral da armadura. O diadema ficou vermelho como rubi. As sobrancelhas de Roiben se franziram pela confusão, e Kaye viu que a armadura dele estava úmida com sangue, o sangue escorria pelo braço de Roiben e cobria sua mão como uma luva pingando.

— Sua... — falou Kaye, hesitante. *Sua mão*, foi o que ela quase falou, mas não era a mão de Roiben que estava ferida.

— Coloque sua marionete no trono — disse Talathain. — Pode fazer dela rainha, mas ela não será rainha por muito tempo.

Ethine tremia. O rosto dela estava branco como papel.

— Meu irmão precisa de seus assistentes.

— Você deu flores a ela — disse Roiben. — Não se lembra?

Talathain fez que não com a cabeça.

— Isso foi há muito, muito tempo, antes de ela matar minha rainha. Não, ela não reinará por muito tempo. Eu me certificarei disso.

O rosto de Roiben ficou impassível, estupefato.

— Muito bem — disse ele devagar, como se estivesse desvendando as palavras conforme as dizia. — Se não jurar lealdade a ela, talvez se ajoelhe e jure lealdade a mim.

— A coroa da corte Digna deve ser entregue, não pode assassinar para consegui-la. — Talathain apontou a espada para Roiben.

— Esperem — falou Kaye, ajudando Ethine a se levantar. — Quem você quer que receba a coroa?

A espada de Talathain não se moveu.

— Não importa o que ela diz.

— Importa sim! — gritou Kaye. — Sua rainha fez de Ethine sua herdeira. Goste ou não, ela pode decidir o que acontece agora.

Ruddles saiu para o campo e deu a Kaye um rápido sorriso quando passou por ela. Então pigarreou.

— Quando uma corte embosca e conquista o povo de outra corte, as regras de hereditariedade da corte derrotada não são aplicáveis.

— Seguiremos o costume da corte Indigna — ronronou Dulcamara.

— Não — disse Kaye. — Ethine deve escolher quem recebe a coroa ou se fica com ela.

Ruddles começou a falar, mas Roiben balançou a cabeça.

— Kaye está certa. Deixe que minha irmã decida.

— Leve-a — disse Ethine a Roiben com tom de voz vazio. — Leve-a e maldito seja.

Os dedos de Roiben delinearam os símbolos na coroa com o polegar. Ele parecia distante e estranho.

— Parece que voltarei para casa, afinal de contas.

Talathain deu um passo na direção de Ethine. Kaye soltou a mão da jovem, querendo estar pronta, embora não tivesse ideia do que faria caso Talathain atacasse.

— Como pôde dar a este monstro soberania sobre nós? Ele teria pago por esta paz com sua morte.

— Ele não a teria matado — falou Kaye.

Ethine virou o rosto.

— Todos vocês se tornaram monstros.

— Agora, se o preço da paz é meramente o ódio dela — falou Roiben.

— Estou disposto a pagar.

— Jamais o aceitarei como rei da corte Digna — disparou Talathain.

Roiben colocou o diadema na testa. Sangue manchou seus cabelos prateados.

— Está feito, quer você queira ou não — disse Ruddles.

— Deixe-me terminar o duelo no lugar de sua irmã — falou Talathain.

— Lute comigo.

— Covarde — exclamou Kaye. — Ele já está ferido.

— Sua senhora iluminada quebrou o acordo conosco — falou Dulcamara. Ela então se virou para Roiben. — Deixe-me matar este cavaleiro por você, meu senhor.

— Lute comigo! — exigiu Talathain.

Roiben assentiu. Esticando o braço na direção da neve, ergueu a própria espada. Estava embaçada pelo frio.

— Vamos dar a eles o duelo que vieram assistir.

Talathain e Roiben circundaram um ao outro devagar, os pés cautelosos, os corpos oscilando na direção um do outro como se fossem cobras. As espadas estavam estendidas de modo a quase se tocarem.

Talathain golpeou a lâmina para baixo. Roiben a aparou com força, jogando o outro cavaleiro para trás. Talathain manteve distância. Ele deu um passo à frente, golpeou, então recuou rapidamente, mantendo-se fora do alcance de Roiben como se esperasse que ele se cansasse. Um filete único de sangue fluía como se fosse suor pelo braço de Roiben, seguindo até a lâmina.

— Você está ferido — lembrou Talathain. — Quanto tempo, de verdade, acha que consegue aguentar?

— Tempo o bastante — respondeu Roiben, mas Kaye viu a umidade na armadura e os movimentos desengonçados dele e não teve certeza. Parecia, para ela, que Roiben estava lutando contra um reflexo de si, como se estivesse desesperado para extirpar aquilo que poderia ter se tornado.

— Silarial estava certa a seu respeito, não estava? — perguntou Talathain. — Disse que você queria morrer.

— Venha descobrir. — Roiben girou a espada em um arco com tanta destreza que ela emitiu um ruído metálico. Talathain bloqueou, as lâminas se chocaram, fio contra lateral.

Talathain se recuperou rapidamente e golpeou o lado esquerdo de Roiben. Afastando-se com um giro, Roiben segurou a empunhadura da espada do outro cavaleiro, forçou-a para cima e chutou o pé dele.

Talathain caiu na neve.

Roiben ficou de pé sobre ele, apontando a espada para a garganta do cavaleiro. Talathain ficou imóvel.

— Venha pegar a coroa se a quiser. Venha e tire-a de mim.

Kaye não tinha certeza se ouvia uma ameaça ou uma súplica naquelas palavras.

Talathain não se mexeu.

Uma fada com a pele como pinhas, áspera e rachada, pegou a espada dourada de Talathain das mãos dele. Outra fada cuspiu na neve suja.

— Você jamais manterá as duas cortes — disse Talathain, lutando para ficar de joelhos.

Roiben se desequilibrou um pouco, e Kaye colocou o braço dele sobre seus ombros. Roiben hesitou por um momento antes de apoiar o peso contra ela. Kaye quase cambaleou.

— Nós manteremos a corte Digna exatamente como sua senhora teria mantido nossa corte — ronronou Dulcamara, agachando-se ao lado de Talathain, tocando a bochecha dele com uma faca brilhante e pressionando a ponta contra a pele do cavaleiro. — Afundada na terra. Agora, diga a seu novo senhor que cachorrinho bom a esperteza dele lhe garantiu. Diga que latirá às ordens dele.

Ethine enrijeceu e se calou. Ela fechou os olhos.

— Não servirei à corte Indigna — falou Talathain a Roiben. — Não serei como você.

— Invejo sua escolha — replicou Roiben.

— Eu o farei latir — começou Dulcamara.

— Não — exclamou Roiben. — Deixe-o partir.

Ela ergueu o rosto, surpresa, mas Talathain já estava de pé, abrindo caminho pela multidão conforme Ruddles gritava:

— Eis nosso inquestionável senhor Roiben, rei das cortes Indigna e Digna. Façam reverência a ele.

Roiben se inclinou levemente, e Kaye o apoiou com mais firmeza. De alguma forma, ele ainda estava de pé, embora o sangue de Roiben sujasse a mão dela.

— Serei melhor do que ela foi. — Kaye ouviu Roiben dizer. A voz era apenas um sussurro.

Capítulo 14

Em certa terra distante, o frio é tão intenso que as palavras congelam assim que são pronunciadas, e depois de algum tempo se condensam e se tornam audíveis, de modo que palavras ditas no inverno não são ouvidas até o verão seguinte.

— Plutarco, *Moralia*

Quando Kaye e Corny entraram no pequeno apartamento, Kate estava deitada em um colchão inflável no meio da sala. Ela rabiscava em uma revista. Kaye conseguia ver que a garotinha tinha escurecido os olhos de Angelina Jolie e desenhava asas de morcego nas costas de Paris Hilton.

— Garota bonitinha — falou Corny. — Lembra você.

— Trouxemos yakisoba e bolinhos vegetarianos. — Kaye mexeu nas sacolas que carregava. — Pegue um prato; está vazando em minha mão.

Kate ficou de pé e afastou uma mecha de cabelos louro-escuros do rosto.

— Não quero.

— Está bem. — Kaye apoiou as caixas no balcão da cozinha. — O que você quer?

— Quando Ellen vai voltar para casa? — Kate ergueu o rosto, e Kaye pôde ver que os olhos castanhos da menina estavam avermelhados, como se estivesse chorando há pouco tempo.

— Quando o ensaio terminar. — A primeira vez que Kaye encontrou Kate, a garota tinha se escondido sob a mesa. Kaye não tinha certeza se estava indo melhor. — Ela disse que não se atrasaria, então, não se apavore.

— Nós não mordemos — acrescentou Corny.

Kate pegou a revista e subiu na cama de Ellen, deslizando até a ponta mais afastada. Ela rasgou minúsculos pedaços e os enrolou entre os dedos.

Kaye inspirou. O ar no apartamento cheirava a cigarro e menina humana, um cheiro ao mesmo tempo familiar e estranho.

Kate fechou a expressão do rosto com raiva e atirou a bola de papel em Corny. Ele desviou.

Ao abrir a geladeira, Kaye tirou de dentro uma laranja levemente murcha. Havia um pedaço de cheddar com mofo em uma das faces. Ela cortou a crosta verde e colocou o pedaço restante em uma fatia de pão.

— Vou fazer um queijo quente para você. Coma a laranja enquanto espera.

— Não quero — respondeu Kate.

— Apenas lhe dê uma fatia de pão e água, como a pequena prisioneira que ela é. — Corny se recostou na cama de Ellen, aconchegando a cabeça em uma pilha de roupa limpa. — Odeio ficar de babá.

Kate pegou a laranja e a atirou na parede. A fruta quicou como uma bola, acertando o chão com um estampido seco.

Kaye não tinha ideia do que fazer. Ela se sentia paralisada pela culpa. A garota tinha todos os motivos para odiá-la.

Corny ligou o minúsculo aparelho de TV. Os canais estavam fora de sintonia, mas ele finalmente encontrou um que estava nítido o bastante para exibir Buffy enfiando a estaca em três vampiros enquanto Giles cronometrava.

— Reprise — falou Corny. — Perfeito. Kate, isto deve ensinar tudo o que você precisa saber sobre ser uma adolescente americana normal. — Ele ergueu o rosto para Kaye. — Tem até a adição repentina de uma irmã no programa.

— Ela não é minha irmã — falou a menina. — Ela apenas roubou meu nome.

Kaye parou, as palavras eram como um chute no estômago.

— Eu não tenho um nome próprio — disse ela, devagar. — O seu é o único que tenho.

Kate assentiu, os olhos ainda na tela.

— Então, como era? — perguntou Corny. — No Reino das Fadas?

Kate rasgou um pedaço maior da revista e o amassou no punho.

— Tinha uma moça bonita que trançava meu cabelo, me dava maçãs e cantava para mim. E havia outros, o homem cabra e o menino amora. Às vezes eles implicavam comigo. — Ela franziu a testa. — E às vezes me esqueciam.

— Você sente falta deles? — perguntou Corny.

— Não sei. Eu dormia muito. Às vezes, acordava, e as folhas tinham mudado sem que eu tivesse visto.

Kaye sentiu frio pelo corpo todo. Imaginou se algum dia se acostumaria com a crueldade espontânea das fadas e desejou que não conseguisse. Pelo menos ali, entre humanos, Kate acordaria todos os dias até que não pudesse mais.

A garota brincou com as mangas do suéter, aquecendo os polegares no tricô.

— Você quer ser Kaye e eu serei Kate?

— Você é burra e nem mesmo age como uma fada.

— Que tal fazermos um acordo — falou Kaye. — Ensinarei a você sobre ser humana e você me ensinará como ser fada. — Ela se encolheu diante de como aquilo soou tosco, até mesmo para Kaye.

Kate não deixara de franzir a testa, mas pareceu estar considerando a ideia.

— Eu até ajudo — disse Corny. — Podemos começar ensinando palavras humanas. Mas talvez possamos pular as maldições das fadas. — Corny pegou um baralho da mochila. Impresso no verso de cada carta havia um robô diferente do cinema. — Ou poderíamos tentar pôquer.

— Você não deveria negociar comigo — falou a garota, como se tivesse decorado. Então pareceu presunçosa. — Promessas mortais não valem os pelos do rabo de um rato. Essa é sua primeira lição.

— Anotado — replicou Kaye. — E, ei, também poderíamos ensinar a você as alegrias da comida humana.

Kate negou com a cabeça.

— Quero jogar baralho.

Quando Ellen chegou, Corny tinha vencido as duas e levado todo trocado extra que haviam encontrado nos bolsos ou debaixo da cama de Ellen. *Law & Order* estava passando na televisão, e Kate concordara em comer um único biscoito da sorte. A sorte dela dizia: *Alguém a convidará para um karaokê*.

— Ei, um dos caras da rua estava vendendo filmes piratas por dois dólares — disse Ellen, e atirou o casaco em uma cadeira e colocou o restante de suas coisas no chão. — Comprei dois para vocês.

— Aposto que a cabeça de alguém bloqueia a tela — avisou Kaye.

Ellen beliscou o prato de macarrão no balcão.

— Alguém vai comer isto?

Kaye foi até ela.

— Kate não quis.

Ellen baixou a voz.

— Não sei se está sendo fresca ou se é alguma *coisa*, não gosta de molhos, mal suporta qualquer comida cozida. Não é como você. Você costumava comer como se tivesse uma solitária.

Kaye se ocupou em guardar o que havia sobrado da comida. Imaginou se cada lembrança se rasgaria, como lã em um espinho, o que a fez pensar se seria um sintoma de sua estranheza.

— Está tudo bem? — perguntou Ellen a Kaye.

— Acho que não estou acostumada a compartilhar você — respondeu, baixinho.

Ellen acariciou o cabelo verde de Kaye.

— Você sempre será meu bebê, Bebê. — Ellen olhou dentro dos olhos de Kaye por um bom tempo, então se virou e acendeu um cigarro no forno. — Mas seus dias de babá estão apenas começando. Luis não queria que feitiços ou encantamentos pagassem pelo funeral do irmão, então comprou aquilo que podia pagar: uma caixa para as cinzas e nenhum velório. Corny o levou de carro para pegar as cinzas de um agente funerário idoso que entregou algo que parecia uma lata de biscoitos.

Embora o céu estivesse nublado, a neve no chão estava virando lama. Luis permanecera em Nova York desde o duelo, lidando com clientes e tentando reunir a papelada suficiente para comprovar que Dave era realmente seu irmão.

— O que vai fazer com as cinzas? — perguntou Corny, voltando para o carro.

— Acho que deveria espalhá-las — respondeu Luis. Recostou-se no banco com plástico rachado. Alguém tinha feito as tranças estilo espinha de peixe, e elas brilhavam como cordas de seda preta quando Luis inclinava a cabeça. — Mas isso me assusta. Fico pensando nas cinzas como se fossem leite em pó. Sabe, acrescentando um pouco de água, elas reconstituirão meu irmão.

Corny apoiou as mãos no volante.

— Você poderia ficar com elas. Comprar uma urna. Montar um altar para apoiá-la.

— Não. — Luis sorriu. — Vou levar as cinzas dele para Hart Island. Ele era bom em encontrar as coisas, os lugares. Teria adorado uma ilha completamente abandonada. E descansará perto de meus pais.

— Isso é legal. Mais legal do que algum enterro com um monte de parentes que não sabem o que dizer.

— Poderia ser na véspera de ano-novo. Como uma vigília.

Corny assentiu, mas quando se moveu para colocar a chave na ignição, a mão de Luis o impediu. Quando Corny se virou, as bocas dos dois se tocaram.

— Desculpe-me... por estar — disse Luis, entre beijos — distraído... por tudo. É mórbido... eu estar falando...?

Corny murmurou alguma coisa que esperou ter soado como uma afirmativa quando os dedos de Luis desceram até os quadris dele, empurrando Corny para cima de modo que os dois pudessem aproximar mais os corpos.

Três dias depois eles levaram outra porção de carne para as sereias para uma carona até Hart Island. Corny colocara um blazer azul *vintage* e calça jeans, enquanto Luis vestira um moletom largo com capuz e coturnos. Kaye pegara emprestado um dos vestidos pretos da avó e prendera os cabelos verdes com grampos de minúsculas borboletas cravejadas de pedras. As sereias insistiram em levar três dos grampos junto com a carne.

Corny olhou para trás, para a cidade ao fundo, que brilhava tão forte que o céu acima dela parecia quase diurno. Mesmo ali, estava claro demais para as estrelas.

— Acham que a guarda costeira vai nos ver? — perguntou Corny. Luis fez que não com a cabeça.

— Roiben disse que não.

Kaye ergueu o rosto.

— Quando falou com ele?

Tocando a cicatriz ao lado do piercing labial, Luis deu de ombros.

— Ele veio me ver. Disse que estendia formalmente a proteção. Posso ir aonde quiser e ver o que quiser nas terras dele, e ninguém pode arrancar meus olhos. Preciso dizer: é um alívio maior do que pensei que seria.

Kaye abaixou o rosto para as mãos.

— Não sei o que vou dizer a ele esta noite.

— Você é sua consorte. Não deveria fazer coisas de consorte? — perguntou Lutie. — Ou talvez possa enviá-lo em uma missão própria. Faça com que construa um castelo de pratos de papel.

O canto da boca de Kaye se ergueu.

— Você deveria, definitivamente, pedir um palácio melhor do que aquele. De papelão reforçado, pelo menos. — Corny cutucou a lateral do corpo da amiga. — Como resolveu a missão, afinal?

Kaye se virou e abriu a boca. Alguém gritou no litoral.

Uma garota com cabelos espetados vermelhos berrava para o grupo enquanto arrastava a canoa até a ilha. Ao lado dela, um troll de olhos dourados desempacotava garrafas de champanhe rosé e uma embalagem com vários copos plásticos. Outra garota humana dançava na areia, o *trench coat* manchado de tinta girava ao redor do corpo como se fosse uma saia. Ela se virou e acenou quando viu o grupo.

Até mesmo Roiben já estava lá, encostado em uma árvore, o longo casaco de lã com a bainha molhada.

Kaye saltou do barco, agarrou a corda e agitou a água rasa. Ela segurou o bote por tempo o suficiente para que Luis e Corny a seguissem.

— Aquele é Ravus — disse Luis, apontando o troll com a cabeça. — E Val e Ruth.

— Ei! — chamou a garota de cabelos espetados, Val.

Luis apertou a mão de Corny.

— Volto logo.

Luis caminhou até eles no momento em que a garota de cabelos espetados abria uma garrafa de champanhe. A rolha disparou para dentro das ondas, e a garota gargalhou. Corny queria seguir Luis, mas não tinha certeza se seria bem-vindo.

Kaye afastou uma mecha de cabelo para trás da orelha e olhou para as ondas.

— Dá para ver a cidade toda daqui. Pena que não conseguiremos ver a bola da Times Square descer.

— Isso me lembra de algo de um romance de fantasia — disse Corny a ela. — Sabe, ilha misteriosa. Eu e minha leal ajudante élfica.

— Eu sou sua leal ajudante élfica? — Kaye riu com deboche.

— Talvez não leal — disse Corny com um sorriso. Então ele balançou a cabeça. — Mas é idiota. A parte de mim que ama isso. É essa a parte que vai fazer com que eu seja morto. Como Dave. Como Janet.

— Ainda deseja não ser humano?

Corny franziu a testa, olhou na direção de Luis e dos amigos dele.

— Achei que aqueles fossem *nostros* desejos secretos.

— Você me mostrou!

Corny riu.

— Mesmo assim. — Ele suspirou. — Não sei. Neste momento, ser humano está, na verdade, funcionando para mim. É meio que uma primeira vez. E quanto a você?

— Acabo de perceber que não preciso fazer coisas normais, por ser fada — respondeu Kaye. — Não preciso arrumar um emprego, certo? Posso transformar folhas em dinheiro se precisar dele. Não preciso fazer faculdade, qual seria o objetivo? Repito: não preciso de um emprego.

— Então a educação não é uma recompensa por si só?

— Você pensa no futuro? Quero dizer, lembra-se do que estava falando com Luis no carro?

— Acho que sim. — Corny se lembrava de que Luis esperava que Dave fosse para a faculdade com ele.

— Eu estava pensando em abrir um café. Achei que talvez pudéssemos usar o café como fachada e, nos fundos, haveria uma biblioteca com informações de verdade sobre fadas e talvez um escritório para que Luis quebrasse maldições. Você poderia trabalhar nos computadores, manter a internet funcionando, criar alguns bancos de dados para pesquisarmos.

— É? — Corny conseguia imaginar paredes verdes e molduras de madeira escura e máquinas de cappuccino cor de cobre chiando nos fundos.

Kaye balançou a cabeça.

— Acha que é loucura, certo? E Luis jamais aceitaria, e provavelmente sou irresponsável demais, de toda forma.

Corny deu um sorriso largo.

— Acho genial. Mas e quanto a Roiben? Não quer ser a rainha das fadas ou algo assim?

Do outro lado do campo, Corny viu o troll apoiar a mão enorme e monstruosa no ombro de Luis. Ele relaxou sob o peso da criatura. A garota

com cabelo preto, Ruth, disse algo, e Val gargalhou. Roiben se afastou das árvores e caminhou até eles. Lutie saiu voando do ombro de Kaye, atirando-se ao ar.

— Achei que Luis odiasse fadas — disse Kaye.

Corny deu de ombros.

— Você sabe como nós humanos somos. Falamos muita merda.

O funeral foi simples. Todos ficaram em semicírculo ao redor de Luis enquanto ele erguia a lata de metal com as cinzas. Então cavaram um buraco raso perto do limite das lápides e distribuíram champanhe.

— Se você conheceu meu irmão — falou Luis com a mão tremendo nitidamente provavelmente já tem as próprias opiniões a respeito dele. E acho que são todas verdadeiras, mas não é preciso haver apenas uma verdade. Vou escolher me lembrar de Dave como o garoto que achou para nós dois um lugar para dormir quando eu não sabia para onde ir, e como o irmão que amei.

Luis abriu a lata com as cinzas e as despejou. O vento pegou algumas e as ergueu no ar, enquanto o restante encheu o buraco. Corny não tinha certeza de como achava que seriam, mas o pó era cinza como um jornal velho.

— Feliz ano-novo, irmãozinho — disse Luis. — Gostaria que pudesse beber conosco esta noite.

Roiben estava perto da água, bebendo de uma garrafa de champanhe. Os cabelos brancos como sal estavam soltos e cobriam a maior parte de seu rosto.

Kaye foi até ele, puxou um apito língua de sogra do bolso e o colocou na boca. Ela soprou, e a longa língua de papel xadrez se desenrolou com um gritinho agudo.

Roiben sorriu.

— Você é mesmo um namorado horrível, sabia? — murmurou Kaye.

Ele assentiu.

— O excesso de baladas cria ideias esquisitas sobre o romance.

— Mas as coisas não funcionam daquele jeito — disse Kaye, tomando a garrafa da mão de Roiben e bebendo do gargalo. — Como baladas ou

músicas ou poemas épicos nos quais as pessoas fazem todas as coisas erradas pelos motivos certos.

— Você completou uma missão impossível e me salvou da rainha das fadas — falou Roiben baixinho. — Isso se parece muito com uma balada.

— Olhe, só não quero que continue escondendo as coisas de mim — disse Kaye, entregando de volta a garrafa —, ou que me machuque porque acha que isso vai me manter em segurança, ou se sacrifique por mim. Apenas me conte. Diga o que está acontecendo com você.

Roiben virou o champanhe de modo que o líquido borbulhasse na neve, manchando-a de rosa.

— Eu me ensinei a não sentir nada. E você faz com que eu sinta.

— É por isso que sou uma fraqueza? — A respiração de Kaye saía como uma nuvem no ar gelado.

— Sim. — Roiben olhou para o oceano escuro e então novamente para Kaye. — Isso dói. Sentir novamente. Mas fico feliz por sentir. Fico feliz pela dor.

Kaye deu um passo na direção dele. O céu claro prateava o rosto de Roiben com a luz e destacava o modo como as pontas das orelhas dele dividiam os cabelos. Roiben parecia tão alienígena quanto absurdamente familiar.

— Sei que falhei com você — disse Roiben. — Nas histórias, quando você se apaixona por uma criatura...

— Primeiro sou uma coisa, agora sou uma criatura? — disse Kaye.

Roiben gargalhou.

— Bem, nas histórias costuma ser uma criatura. Algum tipo de fera. Uma cobra que se transforma em mulher à noite ou alguém amaldiçoado a ser um urso até que possa remover a própria pele.

— E quanto a uma raposa? — perguntou Kaye, pensando na história de Silarial sobre os arbustos de espinhos.

Ele franziu a testa.

— Se você preferir. É ardilosa o bastante.

— É, digamos que uma raposa.

— Nessas histórias, costuma-se pedir que a pessoa faça alguma coisa inimaginavelmente terrível com a criatura. Que corte a cabeça dela,

digamos. Um teste. Não um teste de amor, um teste de confiança. Confiança remove o feitiço.

— Então acha que deveria ter cortado minha cabeça. — Kaye abriu um sorriso.

Roiben revirou os olhos.

— Deveria ter aceitado sua declaração, achando prudente ou não. Eu a amava demais para confiar em você. Falhei.

— Que bom que não sou uma raposa de verdade — falou Kaye. — Ou uma cobra, ou um urso. E que bom que sou ardilosa o bastante para descobrir um modo de contornar sua missão idiota.

Roiben suspirou.

— Mais uma vez, eu queria salvá-la, e você veio ao meu resgate. Se você não tivesse me avisado sobre Ethine, eu teria feito exatamente o que Silarial esperava.

Kaye abaixou a cabeça para que Roiben não visse suas bochechas corarem de prazer. Então enfiou as mãos nos bolsos do casaco e ficou surpresa ao sentir um círculo de metal frio.

— Fiz algo para você — disse ela, tirando a pulseira de trança verde enroscada no fio prateado.

— Isto é seu cabelo? — perguntou Roiben.

— E um presente — respondeu Kaye. — Como de uma dama para um cavaleiro. Para quando eu não estiver por perto. Eu ia dar antes, mas não consegui.

Roiben passou os dedos pela pulseira e olhou para Kaye, espantado.

— E você a fez? Para mim?

Ela assentiu, e ele estendeu a mão para que Kaye a colocasse em seu pulso. A pele de Roiben parecia quente com o roçar dos dedos de Kaye.

Do outro lado da água, no litoral, os fogos dispararam. Trilhas de fogo se transformavam em cravos de luz. Explosões douradas choviam ao redor deles. Kaye olhou para Roiben, mas ele ainda observava o pulso.

— Você disse que é para quando não estiver por perto. Não estará por perto? — perguntou Roiben quando ergueu o rosto.

Kaye pensou na fada com olhos de coruja da corte de Silarial e naquilo que ele dissera. *Dizem que coisas sem nome podem mudar constantemente*

— *que nomes as fixam no lugar como alfinetes.* Kaye não queria ser fixada em um lugar. Não queria fingir ser mortal quando não era e não queria ter de deixar o mundo mortal. Não queria pertencer a um lugar ou ser um tipo de coisa.

— Como governará as duas cortes? — perguntou ela, em vez de responder à pergunta de Roiben.

Roiben balançou a cabeça.

— Tentarei manter um pé de cada lado, equilibrar-me na ponta da faca entre as duas cortes pelo máximo de tempo que puder. Haverá paz contanto que eu consiga mantê-las. Ou seja, contanto que eu não declare guerra contra mim mesmo.

— Isso é possível?

— Preciso confessar que me autodeprecio bastante. — Roiben sorriu.

— Estava pensando em abrir um café — falou Kaye, rapidamente. — No Mundo de Ferro. Talvez ajudar as pessoas com problemas com fadas, como Luis. Talvez até ajudar fadas com problemas com fadas.

— Sabe que acabo de fazer uma negociação bastante vantajosa embasada no fato de que nenhuma fada quer viver na cidade. — Roiben suspirou e sacudiu a cabeça como se acabasse de perceber que discutir com ela seria inútil. — Como chamará o café?

— Lua na Xícara — respondeu Kaye. — Talvez. Não tenho certeza. Estava pensando que talvez pudesse me mudar da casa da vovó, passar metade do tempo trabalhando na loja e a outra metade no Reino das Fadas, com você. Quero dizer, se não se importar em me ter por perto.

Roiben sorriu e parecia sincero, sem resquícios de sombras.

— Como Perséfone?

— O quê? — Kaye se inclinou e deslizou a mão para dentro do casaco de Roiben, delineando as vértebras nas costas dele. A respiração de Roiben falhou.

Ele deixou a mão passear devagar, hesitante, pelas asas nos ombros de Kaye. Ele suspirou como se estivesse segurando a respiração.

— É uma história grega. Humana. O rei do mundo inferior, Hades, se apaixonou por uma jovem, Perséfone. Ela também era uma deusa, filha de Deméter, que controlava as estações e as colheitas.

“Hades sequestrou Perséfone e a levou para seu palácio no mundo inferior e a tentou com uma romã, cada semente brilhava como um rubi. Ela

sabia que, se comesse ou bebesse qualquer coisa naquele lugar, ficaria presa, mas, de alguma forma, Hades a persuadiu a comer as seis sementes. Dali em diante, Perséfone foi condenada a passar metade de cada ano no mundo inferior, um mês para cada semente”.

— Como você está condenado a passar metade do tempo lidando com a corte iluminada e a outra metade com a corte escura? — perguntou Kaye.

Roiben gargalhou.

— Muito parecido.

Ela olhou para o litoral afastado, onde os fogos de artifício ainda anunciavam o ano-novo acima das coberturas pontiagudas dos prédios, e então na direção em que Corny e os demais sopravam línguas de sogra e bebiam champanhe barato em cálices de plástico.

Ela se soltou dos braços de Roiben e girou na areia da praia. O vento soprava a água, deixando o rosto de Kaye dormente. Ela gargalhou e girou mais rápido, inspirando o ar frio e salgado e cheirando a leve fumaça dos fogos. Pedrinhas se partiam sob seus pés.

— Você ainda não me contou — disse Roiben, baixinho.

Kaye estendeu os braços acima da cabeça, então parou de súbito diante dele.

— Conte o quê?

Roiben sorriu.

— Como conseguiu completar a missão. Como alegou ser capaz de mentir.

— Ah. É simples. — Kaye se deitou de costas na praia coberta de neve, olhando para Roiben, acima dela. — Eu sou a fada — disse ela, com a voz cheia de malícia, enquanto esticava a mão de longos dedos. — Está vendo? Sou a fada que melhor sabe omitir a verdade.

Agradecimentos

Muitas pessoas viram este livro em diferentes estágios e ofereceram conselhos. Estou em dívida com meu workshop — Delia Sherman, Ellen Kushner, Gavin Grant, Kelly Link, Sara Smith e Cassandra Clare — por me impulsionar a ser uma escritora melhor e a tornar este um livro muito melhor.

Agradeço a Tiffany Trent por me dizer quando o suspense estava funcionando, a Justine Larbalestier por conversar sinceramente comigo a respeito do final, a Cecil Castellucci por se certificar de que eu me lembrasse de escrever como todos estavam se sentiiiiiiindo, a Tony DiTerlizzi por me lembrar de fazer sentido, a Libba Bray pela piedade, a Elka Cloke e Eric Churchill por me direcionarem para as partes legais e a Dianna Muzaurieta e seus alunos inteligentes e talentosos, Brian Fitzgerald e Erin Wyckoff, por me manterem sincera.

Sou grata por minha editora maravilhosamente esperta, Karen Wojtyla, e por meu superagente Barry Goldblatt, por se certificarem de que eu escrevia o melhor livro possível. E agradeço a minha editora de texto Bara MacNeill por me fazer parecer mais inteligente do que sou.

Obrigada a Steve, Cassie e Kelly por me suportarem durante toda a escrita e por todas as reclamações. E, por fim, e mais importante, agradeço a Theo por acreditar em mim e por me fazer muito, muito café.

Sobre a autora

Holly Black é uma colecionadora de livros e desde pequena respirou o mundo de fadas e fantasmas da literatura. Seu primeiro romance, *Tithe*, é um gótico e habilidoso olhar pelo mundo das fadas e duendes e recebeu excelentes críticas. A continuação, *Valiant*, ganhou dois prêmios: o ALA de melhor livro para o público jovem adulto e o Andre Norton Award, pela organização Science Fiction & Fantasy Writers of America. Além da trilogia Fadas ousadas e modernas, a autora é reconhecida pelas séries As crônicas de Spiderwick, que escreveu em parceria com um grande amigo, Tony DiTerlizzi, e Mestres da Maldição (*Gata branca* e *Luva vermelha*), ambas publicadas pela Rocco Jovens Leitores.

Ela mora em Amherst, Massachusetts, com o marido Theo, o filho Sebastian e com uma inesquecível coleção de animais estranhos e uma biblioteca secreta.